

O FENÔMENO DA PERMANÊNCIA NO SISTEMA SOCIAL RURAL

MARIA INÊS RAUTER MANCUSO

Orientador: JOSÉ ALBERTINO ROSÁRIO RODRIGUES

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais Rurais.

P I R A C I C A B A

Estado de São Paulo Brasil

1 9 7 5

*ao Prof. Albertino,
amigo e orientador
à população rural do Município
de Itirapina*

Agradeço

ao Professor José Albertino Rodrigues pela orientação e incentivo na elaboração deste trabalho;

aos Professores Rodolfo Hoffmann e Newton Quello pelas sugestões apresentadas à análise dos resultados;

aos Professores Oriowaldo Queda, Maria Ignez Guerra Molina e José Molina Filho, pelo constante estímulo recebido;

aos colegas Ivan Sérgio Freire de Souza, Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro e Francisco Raphael de Araújo Ribeiro que comigo discutiram vários aspectos deste trabalho;

à Fundação Ford, que forneceu os recursos necessários à publicação deste trabalho;

à Maria Izalina Ferreira Alves pelas oportunas sugestões dadas à apresentação do texto bem como ao excelente trabalho de datilografia;

à população rural do Município de Itirapina, particularmente ao Sr. Francisco de Abreu e a Francisco de Moraes (hoje residente na cidade de Araraquara) e respectivas famílias, pela simpatia com que me acolheram e me auxiliaram durante a fase de coleta de dados, servindo, muitas vezes, como intermediários junto a outros informantes;

aos professores das escolas rurais por possibilitarem acesso às redações escolares e por me apresentarem aos residentes dos bairros aos quais estavam ligados;

aos meus pais, pelo apoio que sempre me deram;

ao engenheiro-agrônomo, Dr. Flávio Verlengia, e aos funcionários da Casa da Lavoura de Itirapina, pela solicitude com que me forneceram dados a respeito dos imóveis rurais do Município de Itirapina;

aos srs. Pedro Soárdua e Lázaro Martins e à sra. Margareth P. Wagner, pelo trabalho de impressão deste trabalho.

Í N D I C E

	Pag.
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1. O Tema e Sua Importância	1
2. Objetivos do Trabalho	5
CAPÍTULO II - RECURSOS METODOLÓGICOS - O QUADRO TEÓRICO ...	10
1. Importância da Teoria da Ação	10
2. Elementos da Teoria da Ação	12
2.1 - Orientações da Ação	12
2.2 - Tipos de Ação	20
2.3 - As Variáveis-Padrão	21
3. Sistemas de Interação: Expectativas e Papéis	25
4. O Sistema Social	
4.1 - Importância Teórica e Para Pesquisa	30
4.2 - Composição do Sistema Social	32
4.3 - O Sistema Social Rural	42
CAPÍTULO III - RECURSOS TEÓRICOS - O QUADRO NATURAL	44
1. O Meio Ambiente de Estudo - O Município de Itirapina ...	44
1.1 - Caracterização Física	44
1.1.1 - Geo-referências gerais	44
1.1.2 - Solos e vegetação típica	46
1.2 - Condições de Transporte e Sua Importância Histórica	53
1.3 - Estrutura da Economia Rural	57
2. A Área de Estudo e os Informantes	63
2.1 - Caracterização Geral	63
2.2 - As Propriedades Rurais	65
2.3 - Atividades Econômicas Principais	66
2.4 - Atividades Econômicas Secundárias	69
3. Os Informantes	71
3.1 - Caracterização Geral	71
3.2 - Os Proprietários e Suas Atividades	74

	Pag.
3.3 - Os Assalariados	80
4. O Trabalho de Campo	85
4.1 - Instrumentos de Coleta de Dados	85
4.2 - População e Amostra	86
- 4.2.1 - População	86
4.2.2 - Amostra	88
4.3 - A Experiência de Campo do Investigador	89
4.4 - Reações dos Informantes Face ao Entrevistador	93
CAPÍTULO IV - A PERMANÊNCIA NO SISTEMA SOCIAL RURAL	100
1. O Fenômeno da Permanência no Mundo Rural	100
2. O Sistema Social Rural e Seus Sub-Sistemas	105
2.1 - Sub-Sistema Adaptativo (A)	106
2.1.1 - Adaptação ao Sistema Natural	107
2.1.2 - Adaptação ao Sistema Social Urbano	109
2.2 - Sub-Sistema Consecução de Metas (G)	122
2.2.1 - Organização da situação	123
2.3 - Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Ten- são (L)	154
2.4 - 2.3.1 - Organização da Orientação da Ação	157
2.4 - Sub-Sistema Integrativo (I)	167
2.4.1 - Integração dos Papéis	167
3. A Permanência ao Nível dos Sub-Sistemas	172
3.1 - Consecução de Metas e Manutenção de Padrão	174
CAPÍTULO V - RESUMO E CONCLUSÕES	181
SUMMARY AND CONCLUSIONS	188
BIBLIOGRAFIA	193
APÊNDICES	201

LISTA DOS QUADROS

Quadro		Pag.
1	Resumo dos aspectos da Teoria da Ação	21
2	Tipos ideais de orientação instrumental e expres- siva	24
3	Necessidades funcionais do Sistema Social e res- pectivas respostas	40
4	Comparação entre os Sub-Sistemas AGIL e as respos- tas culturais às necessidades derivadas apresenta- das por Malinowski	41
5	Sistema Social Rural e Urbano ideais da perspecti- va das variáveis-padrão	43

LISTA DAS TABELAS

Tabela		Pag.
1	Municípios componentes da Sub-Região <u>Administrati</u> <u>va</u> de Rio Claro e suas áreas respectivas	45
2	Tipos de solos localizados no Município de Itira- pina	47
3	Possibilidades econômicas oferecidas pelos solos componentes do Município de Itirapina - Referência às áreas respectivas (em km ²)	52
4	População do Município de Itirapina por setor de atividade	53
5	Distribuição de imóveis no Município de Itirapi- na	60
6	Distribuição dos informantes em entrevistas quan- to à sua posição no sistema produtivo, sexo e ida- de	73

TABELA		Pag.
7	Distribuição de proprietários com relação à atividade econômica, excluindo-se os fornecedores de leite	77
8	População, por domicílio, do Município de Itirapina (em 1940, 1950, 1960 e 1970)	87
9	Características Gerais do Bairro do Centro	207
10	Características Gerais do Bairro Cachoeira	207
11	Características Gerais do Bairro Pedra Branca ..	208
12	Características Gerais do Bairro Gurita	208
13	Características Gerais do Bairro Passa Cinco ...	209
14	Características Gerais do Bairro Itaqueri	209
15	Características Gerais do Bairro do Lobo	210
16	Resultados gerais do Município de Itirapina, quanto aos imóveis rurais	210
17	Resultados gerais do Município de Itirapina, quanto à população humana e à bovina	211

LISTA DOS APÊNDICES

APÊNDICE		Pag.
1	ROTEIRO DE ENTREVISTA	201
2	CARACTERÍSTICAS DA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO DE ITIRAPINA	206
3	TIPOS HUMANOS	212
4	CASAS E SUAS DEPENDÊNCIAS	216

LISTA DAS FIGURAS

Figura		Pag.
1	Parceiro, à frente de seu quarto, segurando o rádio de pilha comprado com o dinheiro obtido em um ano de trabalho. (O quarto improvisado é uma tuia)	213
2	Mulher de parceiro	213
3	Assalariado (de braços cruzados) em visita a um proprietário	214
4	Proprietários do Bairro Passa Cinco voltando da cidade de Itirapina no caminhão de leite	214
5	Encarregado da coleta de leite, recolhendo latões. Observa-se o tablado onde são depositados os latões e outras encomendas à espera da coleta	215
6	A ordenha	215
7	Proprietária lavando roupa. Família de assalariado de volta do trabalho (inclusive duas crianças)	215
8	Casa de proprietária. Observa-se, à frente da paineira, uma construção de taquaras utilizada para proteger pintainhos	217
9	Casa de assalariado. Observa-se a mistura de elementos na construção	217
10	Latão de leite na "geladeira" (utilização econômica de uma dependência doméstica)	218
11	Tábua de lavar roupa, vendo-se, ao fundo, o cercado da horta	218

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1. O Tema e Sua Importância

1.1 - O problema da migração tem assumido, nos estudos sociológicos, papel de destaque. Considerando a importância das migrações internas e internacionais no processo de urbanização, afirma Germani que "a migração mesma, como processo social, é uma expressão das mudanças básicas que estão transformando o mundo, convertendo um planeta de aldeias e desertos em um planeta de cidades e metrópoles" (GERMANI, 1971, p. 124).

Ainda segundo o mesmo autor, observa-se que se estuda freqüentemente a migração rural-urbana considerando-a como resultante de um sistema de forças repulsivas no campo e atrativas na

cidade. Assim, por exemplo, uma oferta crescente de empregos industriais tem produzido fluxos migratórios do campo em direção à cidade. Nota-se, porém, que muitas vezes fluxos migratórios nesta mesma direção se produzem, ainda que sejam poucas, relativamente, as novas oportunidades de emprego. Ainda aqui, explicações baseadas naquele jogo de forças são possíveis — as forças repulsivas no campo são mais intensas do que as forças atrativas na cidade. Germani reconhece que este enfoque, embora útil, simplifica o problema, "reduzindo-o a uma espécie de equilíbrio mecânico de forças impessoais externas".

Por outro lado, "o que a um observador externo pareceriam condições econômicas excepcionalmente más, não funcionarão em absoluto como fator expulsivo se corresponder a uma pauta tradicional que não somente está institucionalizada nas normas, nos valores e nas crenças da sociedade, mas também continua operando como uma expectativa internalizada na mente das pessoas" (GERMANI, 1971, p. 127).

Ao mesmo tempo em que são enfatizados estudos sobre a migração, são raros os estudos sobre a permanência de indivíduos, ou grupos humanos, na zona rural. Esta situação nos estudos sociológicos pode ser explicada pelo próprio desenvolvimento da Sociologia, que se processou intensificando-se com os problemas criados pelas mudanças sensíveis que a sociedade tem conhecido desde que se constituiu como sociedade industrial. Determinou-se assim, uma cons

ciência social preocupada com estudos de mudanças sociais e, dentro desta preocupação, o interesse por pesquisas e análises sobre o fenômeno migratório.

Merton, ao analisar os conceitos de intragrupo e extragrupo dentro da Teoria dos Grupos de Referência, diz que, se existem condições estruturais e situacionais que favorecem a formação de sub-grupos, existem também condições determinadas que tendem para as integrações inter-grupais, muito embora aquelas sejam as mais intensamente analisadas. Quanto a isto afirma que "não é a realidade social, mas são as nossas próprias preocupações socialmente condicionadas, que levam alguns de nós a focalizar os processos de diferenciação social, negligenciando os processos de consolidação social" (MERTON, 1970, p. 384). Pode-se transportar esta afirmação ao campo de interesse deste estudo, e dizer que são as próprias preocupações socialmente condicionadas que levam à focalização dos processos de mobilidade social, no caso específico, as migrações rural-urbanas, negligenciando-se os processos de "estática" social — a permanência de grupos na zona rural.

1.2 - Vê-se portanto, que uma tentativa de estudo de grupos que permanecem na zona rural é importante não só para o preenchimento parcial de uma lacuna existente nos estudos sistemáticos de grupos humanos, como também da própria perspectiva dos estudos de migração. Reportando-se novamente a Germani, dos três processos principais assinalados por ele para a análise da migração — decisão de

migrar, traslado real, aculturação na sociedade urbana — a maioria dos estudos se ocupa do terceiro processo. Considera o autor, para análise da decisão de migrar e da mudança real, importantes os dados sobre:

- a) características do lugar de origem;
- b) características dos migrantes antes da migração;
- c) motivação para migrar;
- d) circunstâncias do traslado.

Considera outrossim que:

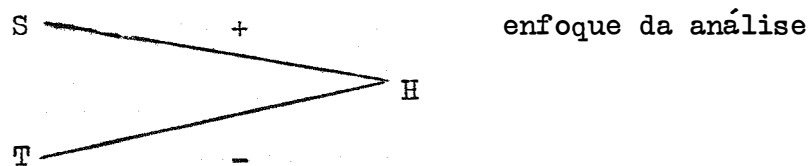
... não é freqüente encontrar estudos sobre migração para áreas urbanas que incluam investigações sistemáticas realizadas no lugar de origem e sobre os grupos migrantes antes da migração ... O conhecimento do lugar de origem é necessário não somente porque suas características influirão profundamente sobre o tipo de migração, mas também porque o grau de semelhança ou de diferença entre o lugar de origem e o de destino (isto é, a diferença cultural) é em si mesmo um fator importante no condicionamento da incorporação do migrante ao modo de vida urbano (GERMANI, 1971, p. 132-133).

Na análise da motivação para migrar diz que "os estudos no lugar de origem sobre atitudes ou sobre a propensão a migrar são muito mais raros; seu interesse é, não obstante, muito alto, porque iluminam o contexto sócio-psicológico total que conduz à decisão de migrar ou de permanecer" (GERMANI, 1971, p. 139).

2. Objetivos do Trabalho

2.1 - O primeiro objetivo deste trabalho consiste em realizar um estudo exploratório sistemático sobre a permanência de indivíduos e/ou grupos sociais no meio rural. Com referência a este objetivo, a preocupação primordial é a construção do Sistema Social Rural sob a orientação de um quadro teórico e, partindo desta construção, determinar as tendências relativas à permanência daquele e naquele sistema. Em uma terminologia funcionalista, o problema se apresenta da seguinte forma:

- H — a permanência do e no Sistema Social Rural: é a variável homeostática;
- S — estrutura ou comportamento que tem um impacto causal em H, tendendo a mantê-lo: explicitá-lo analiticamente é a preocupação básica de pesquisa. Indagando-se qual comportamento, qual tipo de orientação de ação que tem impacto causal em H, pode-se saber que motivos conduzem, na situação rural, à escolha da alternativa de permanecer no Sistema Social Rural. Dentre os aspectos que podem ser estudados, a realidade de interesse fica, desta maneira, limitada a estes motivos e à sua respectiva orientação.
- T — outras forças causais, tensões ou dificuldades que tendem a perturbar H: tais são as preocupações básicas dos estudos de migração que não fogem porém, aos interesses de estudos sobre a permanência.



2.2 - O segundo objetivo direto parte de uma orientação metodológica — o teste, na prática, de uma teoria como imagem explicativa da realidade. Pretende-se, como se verá detalhadamente em outra altura do trabalho, testar, neste sentido, a Teoria da Ação tal como foi apresentada e desenvolvida por Parsons. Observa-se como se comportam conceitos teoricamente ricos — o de ação social e, conseqüentemente, o de Sistema Social que é uma extensão daquele — na orientação do levantamento, sistematização e análise de dados empíricos. A interrelação destes conceitos é aspecto positivo na escolha da Teoria, "pois, para citar um truísmo importante, se os conceitos são escolhidos de maneira que não haja relação entre eles, a pesquisa será estéril, por meticulosas que sejam as observações e as inferências subseqüentes" (MERTON, 1970, p. 158).

2.3 - A área social a ser pesquisada possui limites geográficos bem definidos e, não se pretende, nesta primeira formulação e tratamento do problema, obter resultados generalizáveis para o Sistema Social Rural como um todo. Não se pretende porém fazer simplesmente um inventário dos elementos culturais da coletividade a ser pesquisada, ou mesmo enfocá-la como unidade estanque. Os grupos a

serem pesquisados dentro do Sistema Social Rural integram-se no Sistema Social mais inclusivo, em uma economia de mercado, por exemplo, como consumidores e como produtores, sofrendo assim a influência das pressões e apelos de outros grupos sociais. O próprio problema objeto de pesquisa é consequência desta integração — a permanência no e do Sistema Social Rural torna-se preocupação a partir do processo de diferenciação rural-urbana. E, desde que mudanças no Sistema Social Inclusivo se refletem também nas coletividades rurais, nelas determinando profundas alterações, tais como a redefinição dos mínimos vitais verificada por Antônio Cândido (CÂNDIDO, 1971), sendo que essa redefinição pode ter, como uma de suas consequências, o abandono do próprio sistema. Em outras palavras, a tensão produzida pela diferenciação rural-urbana é condição necessária para o surgimento de estruturas funcionais, estruturas que têm, como consequência, a manutenção do Sistema Social Rural. Deve-se ressaltar aqui a necessidade de um esquema teórico que, além de permitir a análise do Sistema Social Rural como unidade, permita compreender sua integração em um todo social mais amplo.

2.4 - Além dos objetivos acima estabelecidos, dois outros serão buscados. O primeiro, objetivo indireto — já referido acima — refere-se aos aspectos do fenômeno permanência que são sublinhados por vários estudiosos (exemplificados por Gino Germani), aspectos estes interessantes para uma compreensão maior e melhor do proble-

ma migração. Considerando que aqueles que hoje ainda integram o Sistema Social Rural constituem migrantes potenciais, o estudo de sua situação atual e real permite iluminar o "contexto sociopsicológico total que conduz à decisão de migrar ou de permanecer" (GERMANI, 1971, p. 139). Satisfeito este objetivo, estará determinado um subproduto, não menos importante, da análise.

2.5 - O outro objetivo referido nasceu de uma experiência pessoal e particular na situação da pesquisa ⁽¹⁾. Esta é uma situação social e, como tal, deve despertar interesse sociológico. Ressente-se, geralmente, da falta de trabalho que revelem, não a maneira lógica de se conduzir a pesquisa, mas sim o seu andamento real e os problemas encontrados ao conduzi-la. O modelo lógico

deixa de relatar o que realmente ocorre numa investigação frutífera. Apresenta um conjunto de normas lógicas e não uma descrição da experiência investigadora. E, como os lógicos sabem muito bem, ao purificar a experiência o modelo lógico pode também deformá-la ... Exagera o poder criador da teoria explícita, ao mesmo tempo em que reduz ao mínimo o papel criador da observação. Pois a pesquisa não é

⁽¹⁾ Ao ser orientada no sentido de gravar as entrevistas a serem feitas, o temor inicial em fazê-lo traduziu-se na curiosidade de verificar como se comportariam as pessoas da zona rural frente a um gravador, em uma situação de pesquisa (ver p. 93, *infra*). Para quem se inicia na atividade de pesquisa social, é positivo poder se referir às experiências de outrem. Estas poderiam e deveriam, portanto, ser transmitidas ao lado dos resultados da pesquisa.

simplesmente a lógica misturada com a observação. Possui suas dimensões psicológicas da mesma forma que suas dimensões lógicas, embora mal se pudesse suspeitar tal coisa, em vista da ordenação logicamente rigorosa a que se costuma se expor a investigação (MERTON, 1970, p. 172).

Situações específicas surgidas no processo de pesquisa de campo e que se consideram importantes para melhor compreensão da visão de mundo, dos valores e padrões de comportamento dos atores rurais, serão relatadas.

CAPÍTULO II
RECURSOS METODOLÓGICOS - O QUADRO TEÓRICO

1. Importância da Teoria da Ação

Pela Teoria da Ação, torna-se possível analisar a ação social não somente em suas orientações sócio-culturais (valorativas), como também em seus determinantes motivacionais. Através dela pode-se apreender o marco proporcionado pelos papéis, expectativas e pautas de comportamento, de que fala Germani (GERMANI, 1971, p. 126-127), dentro do qual as pessoas percebem e avaliam as condições objetivas das sociedades rural e urbana. Desta maneira, deve ser preocupação do pesquisador situar a ação dos atores pesquisados de acordo com tal percepção e avaliação, definindo desta maneira o Sistema Social Rural, procurando evitar os vieses pos-

síveis caso se conformasse a uma visão urbana, possivelmente deformada, do mundo rural.

Ao avaliar comparativamente as condições objetivas das sociedades rural e urbana e na reavaliação constante de seus papéis, as pessoas do meio rural orientam a sua ação decidindo-se, em linhas gerais, pelo abandono ou não do sistema. Tal orientação portanto, implica uma seleção de alternativas de ação. O interesse na descrição de uma ação não se dirige somente à ação selecionada, mas atinge também as outras alternativas possíveis de serem escolhidas e que não o foram.

Em outras palavras, nós estamos interessados não somente em como um ator realmente vê uma situação, mas também em como ele poderia vê-la. Esta inclusão é exigida para os propósitos de uma teoria dinâmica de ação que tentaria explicar porque uma alternativa antes do que outra foi selecionada (PARSONS, 1962, p. 6).

Nesse sentido e para uma melhor compreensão do fenômeno migratório, deve ser considerada a outra alternativa, qual seja, a permanência no sistema. A simples catalogação destas alternativas leva a considerar a interrelação existente entre os Sistemas Rural e Urbano.

É importante também ressaltar que um dado sistema de ação compreende uma pluralidade de atos unitários, cada um dos quais constituindo a alternativa escolhida dentre várias possíveis

em uma relação ator-situação. A decisão de permanecer no Sistema Social Rural é um dos atos unitários de um Sistema de Ação que caracteriza um determinado ator. Integrados e interrelacionados em um sistema, cada ato absorve alguma coisa dos demais, derivando destes um significado mais amplo. A Teoria da Ação desperta interesse por esta integração.

Pela Teoria, pode-se analisar não somente o indivíduo como o agente atuante, tentando compreender o significado de sua ação, a sua adaptação aos objetos internos e externos de um sistema interativo, como também se pode pensar o sistema social como a unidade atuante, tentando compreender sua organização interna como sistema de ação e seu processo de adaptação aos sistemas que compõem seu meio-ambiente.

Para finalizar, convém lembrar que a Teoria da Ação capacita o desenvolvimento de uma tipologia útil dos atos humanos.

2. Elementos da Teoria da Ação

2.1 - Orientações da Ação

O ponto de partida do interesse da Teoria da Ação consiste no sistema relacional ator-situação, no qual o ator (individual ou coletivo) orienta seu comportamento, escolhendo (teoricamente) entre vários meios alternativos para definir a situação e nela agir. O interesse da Teoria dirige-se assim para a organiza-

ção das orientações do ator frente a uma situação. A Teoria, ao considerar "diferentes bases de orientações de atores a objetos, implica que os atores sejam concebidos como sistemas" (PARSONS, 1960, p. 471).

A situação acima referida é um dado da realidade social e constitui-se de objetos de orientação da ação sociais e/ou não-sociais. Os primeiros, sendo também atores na situação, reagem como tal à ação do ator tomado como referência, e vice-versa. Objetos físicos ou culturais constituem os objetos não-sociais, tendo o ator-referência que se orientar considerando-os também, mas sem que eles, por sua vez, reajam à ação desenvolvida.

Ao orientar sua ação face aos objetos de uma situação, o ator faz uma seleção entre os seus diferentes objetos componentes. Em seu intercâmbio com o mundo-objeto, ele procede a um balanço entre as gratificações e as privações que obtem nessa relação. Neste balanço, o ator procurará conseguir uma maximização de facilidades e de gratificações. Mesmo que um ato unitário possa, isoladamente, ter um resultado negativo em termos de facilidades e/ou de gratificações, é possível que ele se concretize, pois o que importa é o balanço geral de um sistema de ação composto de uma série de atos unitários (e aquele ato pode ser significativo para a otimização dos resultados positivos gerais).

2.1.1 - A Teoria reserva o termo motivação para os atores considerados individualmente. Desta forma, considerando-se os Sistemas de Ação Social, de Personalidade e Cultural, é nas orientações motivacionais que se encontram a mais profunda ligação e a maior interrelação entre os Sistemas Social e de Personalidade. Por outro lado, a ligação e interrelação entre os Sistemas Social e Cultural ocorrem nas orientações valorativas.

Ao se orientar aos objetos constituintes de uma situação, os indivíduos podem fazê-lo de maneiras analiticamente distintas:

a) quando o ator avalia os objetos com base na sua relevância à satisfação de drives ⁽²⁾, reagindo negativamente àqueles que lhe são nocivos, e positivamente àqueles que lhe são gratificantes, temos um modo catético de orientação.

b) quando o ator define os aspectos relevantes da situação em relação aos seus interesses — o que são os objetos e o que eles significam, se eles ajudam ou não o ator a obter aquilo que deseja — temos um modo de orientação cognitivo.

No primeiro modo de orientação, a própria relação com o objeto já é, em si, gratificante ou privacional ao ator; a rela

(2) "Por drive nós entendemos o componente energético orgânico de motivação com respeito a quaisquer elementos de organização, e direcionalidade pode ser dada com a constituição genética do organismo" (PARSONS, 1962, p. 5, em nota de rodapé).

ção importa por si mesma, contém a sua própria finalidade. No segundo modo de orientação, a posse ou relação com os objetos são meios para a consecução de objetivos situados exteriormente à relação ator-objeto.

c) tanto as necessidades catéticas como os delineamentos cognitivos possuem, como deve ser sempre assinalado, objetos alternativos possíveis de as satisfazerem. Aparece aqui a necessidade da existência de um processo que oriente a decisão por um destes objetos. Toda orientação concreta de ação portanto, quer seja catética ou cognitiva, implica um aspecto avaliativo. Pode-se tomar aqui, como exemplo, a própria migração. De acordo com Antônio Cândido (1971), um ator pode, ao definir uma situação, reagir a ela de várias maneiras, orientando, desta forma, a sua ação.

... o problema dos seus níveis de vida, que passam em nossos dias, por uma crise aguda, já referida, em que a ampliação das necessidades não é compensada pelo aumento do poder aquisitivo. Colocado em face desta situação, o caipira reage de duas maneiras principais: rejeita em bloco as suas condições de vida e emigra, proletarizando-se; ou procura permanecer na lavoura, ajustando-se como possível. Vimos que tal ajuste é mais satisfatório no sitiante médio, precário no parceiro, mais ainda no colono e no camarada, podendo dar lugar à decadência e à plena miséria.

Em todos eles, porém, vimos que pode dar-se: 1) aceitação total, 2) rejeição total ou 3) aceitação

parcial dos traços introduzidos pela nova situação — sendo mais comum e normal, nos que permanecem no campo, a última hipótese (Antônio Cândido, 1971, p. 217).

Este modo especial de orientação de ação — o avaliativo — é elaborado através de padrões culturais, que possibilitam, aos membros de uma coletividade, a posse de uma escala de valores comuns. Esta posse é importante, pois é compartilhando normas e valores comuns que o ator e o objeto fazem de seu sistema interativo um sistema estável. Isto é particularmente significativo para o desenvolvimento de expectativas de ação.

Conhecendo os padrões de orientação deste terceiro modo de orientação, pode-se compreender por que uma determinada alternativa de ação, e não outra, é escolhida.

Estas são portanto as três maneiras de orientação motivacional. Deve-se assinalar ainda que os componentes catéticos, cognitivos e avaliativos podem se apresentar juntos em um mesmo ato concreto.

2.1.2 - O modo de orientação avaliativo demonstra a importância dos padrões culturais para a orientação da ação. A cultura, definida como um sistema de símbolos, decompõe-se, nesta perspectiva, em sub-sistemas distinguíveis com referência às categorias de orientação catética, cognitiva e avaliativa envolvidas

em um ato concreto. Distinguem-se assim os seguintes sub-sistemas culturais:

1º - Símbolos cognitivos: sub-sistema de símbolos onde tem primazia a função cognitiva de um determinado ato. É constituído de crenças ou idéias existenciais. A ciência faz parte deste sistema: "... ciência não é simplesmente uma reflexão sobre a realidade, mas é um sistema de orientações cognitivas à realidade (a partes ou aspectos da situação da ação)" (PARSONS, 1962, p. 167). Parte essencial deste sistema porém, são os aspectos não-empíricos (não testáveis, no momento, pelos métodos científicos de verificação). Estes aspectos são cruciais para a "integração e consistência de um sistema cultural assim como para o processo adaptativo da ação às exigências da situação" (PARSONS, 1962, p. 167). Esta importância é estabelecida pelo fato de que muitos problemas cognitivos enfrentados pelas pessoas não são solucionados pela ciência: os aspectos culturais não-empíricos, dando respostas imediatas a tais problemas, satisfazem as expectativas e necessidades dos atores sociais.

2º - Símbolos expressivos: sub-sistema de símbolos onde predomina a função catéctica.

Quando comparados com símbolos cognitivos, a referência primária das orientações envolvidas em símbolos catéticos é mais interior em direção a um estado afetivo que acompanha a situação, do que exterior, em

direção às propriedades do objeto aos quais se é orientado (PARSONS, 1962, p. 163).

3º - Padrões de Orientação Valorativa: estes padrões são particularmente importantes na Teoria da Ação. Aparecem quando têm primazia a função avaliativa, subdividindo-se portanto em

- padrões de orientação valorativa-cognitivos, quando se solucionam problemas cognitivos, conflitos entre várias crenças;
- padrões de orientação valorativa-apreciativos, quando solucionam conflitos entre várias formas de "querer";
- padrões de orientação valorativa-avaliativos, quando solucionam conflitos entre formas alternativas de decisão e escolha entre os objetos alternativos possíveis de satisfazerem necessidades.

Como exemplo de distinção entre esses padrões e os sistemas simbólicos anteriores, escreve Parsons:

... uma simples crença pode ser uma parte de um sistema de símbolos cognitivos, mas não é necessariamente parte de um sistema de padrões cognitivos. Um critério de verdade, por outro lado, à base do qual uma crença pode ser julgada verdadeira ou falsa, é um padrão cognitivo (e assim um símbolo avaliativo) (PARSONS, 1962, p. 163).

Os padrões de orientação valorativa-avaliativos "são meios que o ator tem de se orientar às (e agir com respeito às) suas próprias orientações antes que simples meios de se orientar para objetos" (PARSONS, 1962, p. 164).

Enfim, ao se orientar para os objetos de uma situação, o ator enfrenta problemas determinados pela não singularidade de avaliações desta situação. Portanto, para solucionar estes conflitos existem maneiras de o ator orientar as suas próprias avaliações. É neste aspecto que se pode observar melhor a interrelação e integração existentes entre os aspectos catéticos e cognitivos de uma determinada orientação de ação.

Objetos cognitivos são avaliados em termos de se ajudam ou não o ator a conseguir o que quer. Nesse sentido, uma cognição não pode ser avaliada até que suas consequências catéticas sejam tomadas em consideração ... Similarmente, uma cathexis não pode ser avaliada até que o objeto catético seja conhecido em suas relações padronizadas com outros objetos catéticos (PARSONS, 1962, p. 164).

Cumprido observar ainda que, em um sistema de ação, ao interagir com o objeto, o ator não orienta a sua ação discretamente, isto é, avaliando as consequências positivas e negativas daquela ação. Ele o faz no sentido de maximizar as gratificações e facilidades de um sistema mais amplo de ação, procedendo a um balanço das consequências finais deste sistema. Importam estas con-

seqüências finais e não o resultado particular de cada ato componente do sistema de ação. Demonstra-se assim que o ator não é totalmente livre para se orientar para um símbolo cultural. Ele deve antes se conformar a um sistema mais amplo de orientação normativa.

2.2 - Tipos de Ação

Através da primazia de um sistema simbólico particular, pode-se determinar tipos de ação concreta, a saber:

a) Ação Instrumental: crenças cognitivas têm primazia na obtenção de uma determinada meta. Esta meta é desejável através de padrões de orientação valorativa mas, desde que estabelecida, sua consecução é realizada por padrões de eficiência. A ação se subordina à meta.

b) Ação Expressiva: os símbolos expressivos têm primazia e os problemas de orientação são resolvidos pelos padrões de orientação catéticos. Sua orientação relaciona-se com gratificações obtidas através de objetos catéticos, não com metas colocadas além do sistema relacional particular de ação.

c) Ação Moral: padrões avaliativos têm primazia. "Padrões morais estabelecem os limites de custos permissíveis de uma gratificação expressiva ou de uma aquisição instrumental — referindo-se às conseqüências de tal ação para as outras partes do sistema e

para o sistema como um 'todo" (PARSONS, 1962, p. 166). Reconhecendo-se estes padrões, atinge-se à essência analítica de um sistema de ação. Um quadro resumo dos aspectos da Teoria da Ação até aqui apresentados pode ser assim construído:

Quadro 1 - Resumo dos aspectos da Teoria da Ação.

Atores	Objetos	Orientações Motivacionais	+ Orientações Valorativas	Orientação da Ação
Indivíduos	Sociais	Cognitiva	+ Cognitiva	= Instrumental
Coletividade	Não sociais	Catética	+ Apreciativa	= Expressiva
		Avaliativa	+ Moral	= Moral

2.3 - As variáveis-padrão

2.3.1 - Para a análise de um sistema de ação, é de extrema importância o discernimento das alternativas de ação e, mais do que isto, o discernimento das maneiras como se avaliam estas alternativas, decidindo-se por uma delas. Os padrões de orientação valorativa sintetizam os problemas envolvidos em um sistema de ação particular. E, entre estes, assume especial destaque aqueles que orientam as avaliações do ator — os padrões de orientação avaliativos.

Os padrões avaliativos, classificáveis em termos de variáveis-padrão, assumem papel de importância decisiva para a des-

criação de um sistema de ação, pois representam técnicas integrativas deste sistema;

... eles são meios de combinar todos os outros ingredientes de ação, ou prescrições para o arranjo dos elementos ou aspectos que formam orientações concretas ... O lugar estratégico das variáveis-padrão na análise da ação deriva do fato de que elas apresentam uma série muito geral de categorias, compreendendo todos os possíveis modos de relacionar os processos de personalidade de conhecer, catetizar e avaliar, com padrões culturais de um lado e objetos sociais por outro. Elas nos proporcionam pois, uma tipologia, em algum sentido, das possibilidades valorativas morais (PARSONS, 1962, p. 170).

As variáveis-padrão estabelecem e representam alternativas de ação que só adquire sentido depois de feita seleção entre os cinco pares de variáveis-padrão, e não apenas dentre alguns deles. Dentre os cinco pares de variáveis-padrão, vistos a seguir, o último — auto-orientação e orientação coletiva — não é considerado por Parsons de muita importância para a análise da estrutura de sistemas: importa nos problemas de integração de sistemas.

As alternativas de ação que devem ser resolvidas para escolha dentre os cinco pares de variáveis são os seguintes (Cf. PARSONS, 1962, p. 172):

- 1º - Base de tratamento do objeto para o qual se dirige uma orientação: o ator considera-o como um complexo de qualidades ou como um complexo de desempenhos.
- 2º - O objeto é considerado ou não, pelo ator, como fonte de imediata gratificação através de ação expressiva: afetividade-neutralidade.
- 3º - O alcance de interesse do objeto de orientação (especificidade-difusibilidade): o ator se orienta ao objeto, considerando-o como uma fonte de direitos específicos ou difusos.
- 4º - O tipo de norma governando a orientação (universalismo-particularismo).
- 5º - Auto-orientação ou relevância de obrigações coletivas.

Há congruência entre os pares de alternativas das variáveis-padrão e os tipos de orientação da ação já referidos. Assim, na orientação instrumental, as orientações cognitivas prevalentes generalizam o mundo-objeto. Na orientação expressiva, o mundo-objeto é particularizado — o objeto tem interesse por pertinência àquele sistema relacional. Com relação a este e aos outros pares de variáveis, os tipos ideais de orientação instrumental e expressiva podem ser assim denominados:

QUADRO 2 - Tipos ideais de orientação instrumental e expressiva.

Orientação Instrumental	Orientação Expressiva
Universalismo (<u>Universalism</u>)	Particularismo (<u>Particularism</u>)
Desempenho (<u>Achievement</u>)	Qualidade (<u>Adscription</u>)
Neutralidade (<u>Neutrality</u>)	Afetividade (<u>Affectivity</u>)
Especificidade (<u>Specificity</u>)	Difusibilidade (<u>Diffuseness</u>)

2.3.2 - Em um determinado sistema de ação, analiticamente distingue-se, de um lado, a situação constituída de objetos (um determinado ator social é visto, ou vários atores sociais são vistos, como objeto de orientação para a ação) e, de outro, o ator que deve organizar sua ação com relação a estes objetos. Dois problemas surgem assim: um, a organização da situação especificando modalidades de objetos; outro, a organização da ação, isto é, a maneira como o ator se orienta aos objetos da situação. Desenvolvendo e analisando estes problemas, com base nas variáveis-padrão, os pares universalismo-particularismo, desempenho-qualidade (ou adscrição) têm significância primária na organização da situação, especificando modalidades de objetos. Estes pares têm particular relevância à orientação valorativa da ação: a sua definição é mais cultural do que motivacional, ao contrário dos demais. Desta forma têm eles primazia na análise da variabilidade dos Sistemas Sociais como tipos

estruturais. O tipo de estruturação resultante da combinatória entre estes pares determina os limites dentro dos quais as outras variáveis podem se combinar. Parsons, ao expor a variação e diferenciação empírica na estrutura de sociedade (Cap. V de The Social System), utiliza estes pares. Explica:

O outro par de variáveis é universalismo-particularismo e adscrição-desempenho. Estas variáveis têm, por contraste com o outro par, referência ao sistema social como tal. Elas estão relacionadas, como temos visto, respectivamente com o tipo de normas valorativas que entram na estrutura do sistema social, e com os meios pelos quais as características dos atores como objetos de orientação são "levados em conta" nos processos seletivos através dos quais estruturas sociais são construídas. Ambos os pares de variáveis são constitutivos da estrutura do sistema relacional ... Mas o segundo par está mais relacionado com o polo de referência funcional do sistema social. (PARSONS, 1964, p. 106) (Nota: o segundo par referido é universalismo-particularismo, adscrição-desempenho).

Por outro lado, o par de variáveis restante relaciona-se com a organização da ação, tendo primazia na sua orientação motivacional. Ao trabalhar com Sistemas Sociais (sistemas de interação como se verá mais detalhadamente) estas variáveis "dizem respeito aos mecanismos que medeiam entre as necessidades e capacidades das personalidades as quais, como atores, compõem Sistemas Sociais, e a estrutura dos Sistemas Sociais" (PARSONS, 1964, p. 106).

Estas variáveis assumem assim o papel de interrelacionar o Sistema Social com o Sistema de Personalidade.

É possível, desta forma, a construção de um eixo da organização da ação, dispondo em um de seus polos as variáveis ligadas à orientação motivacional e, no outro, aquelas ligadas à orientação valorativa.

Orientação Motivacional

Afetividade-Neutralidade

Especificidade-Difusibilidade
(relação com a organização das orientações aos objetos que constituem a situação)

Orientação Valorativa

Universalismo-particularismo

Adscrição-Desempenho
(relação com a organização da situação, portanto com respeito às modalidades dos objetos componentes).

3. Sistemas de Interação: Expectativas e Papéis

Os aspectos teóricos a serem aqui apresentados já o foram anteriormente. Serão agora mais sistematizados para introduzir o conceito de Sistema Social.

O ponto de partida do interesse da Teoria da Ação dirige-se ao sistema relacional ator-situação (composta de objetos). Quando um determinado ator tomado como referência (ego) orienta-se com relação a um determinado objeto social (alter) surge a interação social. Neste processo de interação social, a ação de ego e de

alter não é aleatória — já se observou o compromisso da orientação da ação para com os padrões valorativos (avaliativos). A ação de ego, além disso, é orientada com relação às expectativas de alter, e as reações deste funcionam como sanções negativas ou positivas àquela ação. Da mesma forma, as expectativas de ego também condicionarão as alternativas de ação de alter. Tais expectativas não surgem no decorrer da própria ação — elas são antecipadas influenciando as escolhas de ego e de alter. Portanto, entre atores interagindo em um sistema de ação, estabelece-se uma complementaridade de expectativas. Esta é possível dado que, em um Sistema de Ação, ego e alter compartilham normas e valores comuns os quais, conferindo estabilidade ao sistema, permitem a predictibilidade mútua de expectativas de ação.

Sem estabilidade e conseqüente predictibilidade, que é a essência de ordem, ego e alter não poderiam responder cada um às expectativas do outro em uma forma mutuamente gratificante ... O reconhecimento desta necessidade por ordem em sistemas de ação é a razão central para nossa introdução de avaliação como uma das poucas categorias mais fundamentais (PARSONS, 1962, p. 175).

Esta situação de interação entre ego e alter define um Sistema Social (sistema interativo de uma pluralidade de atores individuais orientados a uma situação) e, baseando-se em formulações anteriores, pode-se afirmar que tal sistema, em sua forma mais ele

mentar, consiste de uma série de expectativas mútuas.

A unidade mais significativa do Sistema Social é o papel:

... o papel é aquele setor organizado de uma orientação do ator que constitui e define sua participação em um processo interativo. Envolve uma série de expectativas complementares em relação às suas próprias ações e àquelas de outros com quem ele interage ... Papéis são institucionalizados quando estão totalmente congruentes com os padrões culturais preva-lescentes, e estão organizados em redor de expectativas conforme padrões moralmente sancionados de orientação valorativa compartilhados pelos membros da coletividade na qual o papel funciona (PARSONS, 1962, p. 23).

O papel é, desta maneira, a participação estruturada, normativamente regulada, de um indivíduo em interação. As normas estabelecem os limites da ação ou desempenho, declarando sanções e recompensas relativas a este desempenho. O Sistema Social, nesta perspectiva, pode ser definido como um sistema de papéis diferenciados. Assim definido, os componentes estruturais do sistema são:

- a) os tipos de papéis;
- b) distribuição dos papéis, ou alocação dos atores aos papéis necessários;
- c) integração dos papéis.

Cada papel, por sua vez, pode ser visto como um subsistema de orientações de ação.

Um determinado ator possui dupla importância em um processo de interação. Ele possui um papel de orientação para a sua ação e, por outro lado, como objeto de orientação a alter, ele possui o seu papel-objeto. No primeiro caso, ego, ao assumir papéis diferenciados, por exemplo o papel de leiteiro, o de pai, o de marido, age de maneiras diferenciadas. No segundo caso, alter pode definir ego e se orientar em relação a ele em termos de suas qualidades ou de seu desempenho, e em termos de sua pertinência ao seu sistema de interação particular ou em relação a um marco de referência geral.

Em síntese, o conceito de complementaridade de expectativas é muito importante na Teoria da Ação, pois:

1ª) Ao ser possível o estabelecimento da complementaridade de expectativas, ego e alter podem responder "cada um às expectativas do outro em uma forma mutuamente gratificante"; o que, muito provavelmente, realimenta a estabilidade e ordem do sistema.

2ª) A origem dos papéis sociais pode ser explicada através destas expectativas. "Quando as expectativas são padronizadas juntamente com sanções, surgem papéis sociais".

4. O Sistema Social

4.1 - Importância Teórica e Para a Pesquisa

A validade do emprego do conceito de Sistema Social em pesquisa decorre, para propósitos imediatos, de certas características teóricas.

4.1.1 - A análise de Parsons refere-se a um sistema que é potencialmente, ou "em princípio", auto-suficiente, isto é, não que não seja interdependente com outros sistemas sociais, mas sim que contenha em si os fundamentos estruturais necessários à sua subsistência como sistema. Nisto, além do recrutamento e socialização dos indivíduos motivando-os a ocuparem papéis necessários à subsistência do sistema, encontram-se outros problemas como o de integração destes papéis, o de manipulação de tensões que possam causar rupturas ao sistema, e o de consecução de metas, problemas que são solucionados, pelo Sistema Social, por sub-sistemas, analiticamente especificados. Apesar de não se estar, no presente trabalho, pesquisando o Sistema Social Rural todo existente, mas simplesmente um de seus setores, pode-se aplicar, em sua análise, o conceito de Sistema Social com suas consequências e implicações teóricas dado que, pela sua própria definição, este setor também constitui um Sistema Social, além de poder "ser satisfatoriamente 'localizado' na sociedade de que é parte, e determinados os

seus limites relativos ao resto desta sociedade" (PARSONS, 1964, p. 113).

4.1.2 - Da afirmação acima decorre que, muito embora se possa caracterizar teoricamente um Sistema Social como unidade e totalidade, não se nega que o sistema real esteja interagindo com o seu meio composto de outros sistemas de ação, incluindo, é importante, outros sistemas sociais. Um dos subsistemas que o compõem inclusive, resolve, teoricamente, o problema de adaptação ao meio. O próprio conceito de Sistema Social, definido como um sistema de ação, é visto como um sistema aberto interagente com outros sistemas de ação, a saber:

- Sistema de Personalidade;
- Sistema Cultural;
- Sistema Natural.

Os quatro sistemas de ação, constituem, três a três, em teoria, o meio-ambiente para cada um deles. Assim também, os subsistemas componentes do Sistema Social, solucionando imperativos da subsistência do sistema, são subsistemas abertos, ocorrendo entre eles intercâmbios em forma de outputs-inputs. Repetindo, a integração e a interrelação de um Sistema Social com o seu meio são problemas plenamente observados pela construção teórica de um subsistema que teria, como função precípua, o estabelecimento de rela-

ções "do sistema total a objetos que, como tal, não são incluídos nele" (PARSONS, 1960, p. 475).

4.1.3 - Sendo também um sistema de ação, todas as categorias analíticas utilizadas na caracterização da Ação Social, dentre as quais as variáveis padrão, são plenamente utilizáveis na construção analítica do Sistema Social. Observa-se isto inclusive na integração feita por Parsons entre as variáveis padrão e os subsistemas AGIL, em artigo resposta a críticas feitas por Dubin (PARSONS, 1960 e DUBIN, 1960). Parsons apresenta o modelo AGIL como "uma formulação de um aspecto particularmente crucial de um esquema mais amplo. A discussão coloca aquele aspecto no contexto de um mais amplo esquema como formulação de 'padrões integrativos', aqueles aspectos do sistema de ação compartilhados pelo ator e objeto e que fazem do sistema um sistema estável" (PARSONS, 1960, p. 468).

4.2 - Composição do Sistema Social

Observa-se, na definição de Sistema Social, os seguintes elementos:

- a) Sistema Social é uma pluralidade de atores individuais
- b) interagindo em uma situação
- c) e orientando-se a ela.
- d) Esta situação possui um aspecto físico ou ambiental.

- e) Os atores são motivados por uma orientação de gratificações e/ou facilidades.
- f) A relação é definida e mediada em termos de um sistema de símbolos compartilhados e culturalmente estruturado (PARSONS, 1964, p. 5-6).

Em The Social System (primeira publicação em 1951), Parsons estabeleceu a composição do Sistema Social em três subsistemas: Instrumental, Expressivo e Valorativo, determinados, respectivamente, pela orientação da ação instrumental, expressiva e moral. Mais recentemente (a partir de 1953), tem Parsons desenvolvido o modelo AGIL, construindo teoricamente os subsistemas com relação aos problemas funcionais universais que devem ser resolvidos para a sobrevivência do sistema total ⁽³⁾.

⁽³⁾ Dubin, em análise crítica destes modelos, conclui que enquanto o primeiro (subsistemas Instrumental, Expressivo e Valorativo), "essencialmente 'olha' o Sistema Social do ponto de vista do ator, seu Modelo II 'olha para baixo', ao ator individual, da perspectiva do Sistema Social", tanto que "o ato social é visto como um produto de definições de papel peculiares aos quatro problemas de Sistema Social presumivelmente universais". No primeiro modelo, "o ato social é visto como o produto das avaliações do ator aos objetos e de suas orientações em direção a eles..." (DUBIN, 1960, p. 463). Tem-se assim duas coordenadas possíveis de se analisar o ato social. Esta discussão faz lembrar as interpretações funcionais de Malinowski e Radcliffe-Brown. Enquanto a interpretação funcional de Malinowski ressaltava, com frequência, as supostas necessidades dos indivíduos, os seguidores de Radcliffe-Brown acentuam as necessidades do Sistema Social.

Para Parsons, os dois modelos constituem esquemas conceituais através dos quais pode-se classificar os componentes da ação. Porém, contradizendo Dubin, afirma que o Modelo II não é um substituto para o Modelo I, "no sentido de que representa um esquema total" (PARSONS, 1960, p. 468). É parte de um esquema mais amplo e formula padrões integrativos que fazem do Sistema Social um sistema estável.

No presente trabalho utiliza-se o Modelo AGIL, por sua provável maior operacionalidade: o modelo AGIL resume as variáveis importantes na conceptualização de sistemas a apenas quatro, apresentadas a seguir, simplificando o problema de classificação e organização das observações efetuadas na realidade social.

Os subsistemas AGIL, recapitulando, são construídos teoricamente a partir das quatro necessidades funcionais básicas que um sistema de ação deve solucionar a fim de garantir sua sobrevivência. Estas quatro necessidades funcionais, com os respectivos subsistemas que as satisfazem são assinaladas a seguir:

a) Necessidade de adaptação aos sistemas exteriores (meio ambiente): O Subsistema Adaptativo, subsistema instrumental, de manipulação de objetos, atende a esta necessidade. Sua "tarefa" principal é produzir e generalizar facilidades para um número indefinido de usos possíveis. Este subsistema adapta o sistema considerado ao seu meio-ambiente constituído também de objetos. Assim, "o problema é de conceptualizar a relação entre objetos internos e aqueles ... externos ao sistema" (PARSONS, 1960, p. 473). Ao ser estabelecido este relacionamento, produzem-se os vários tipos de simbolizações. Através do processo adaptativo, o sistema social procura alcançar seus objetivos específicos.

b) Necessidade de mobilização de recursos necessários à consecução de metas desejáveis pelo Sistema de Ação: as facilidades produzidas pelo Sub-Sistema Adaptativo são recursos que servem para uma

infinidade de usos possíveis. O subsistema Consecução de Metas orienta a utilização destes recursos no sentido de consumir as metas desejáveis pelo Sistema de Ação. Para que estas metas sejam atingidas em um Sistema Social, o desempenho dos papéis necessários à sobrevivência do sistema é condição precípua. Há necessidade de que estes papéis se efetivem. Portanto, a maneira através da qual os atores componentes de um sistema são alocados a estes papéis, ou como estes atores "são "vistos" pelo sistema, é um dos aspectos essenciais a serem observados no estudo deste subsistema. Outro destes aspectos refere-se à maneira como o sistema orienta as ações peculiares a um papel.

Em um processo interativo particular, o objeto social constituinte desta interação pode constituir um recurso para a consecução de metas exteriores a este processo ou ser importante simplesmente pela sua pertinência a aquele processo interativo. Na primeira situação, o objeto social será denominado objeto de utilidade, e, na segunda, objeto de cathexis.

c) As unidades de ação possíveis de serem descritas devem ser integradas para a estabilidade do sistema. Ao estabelecer esta integração, o subsistema Integrativo define a organização do sistema. Comparando o subsistema Integrativo com o Adaptativo, observa-se que enquanto este relaciona o sistema como um todo aos outros sistemas que constituem o seu meio-ambiente, o Integrativo relaciona, integrando, as várias unidades componentes do sistema.

O Subsistema Integrativo da sociedade relaciona os padrões valorativos culturais às estruturas motivacionais de atores individuais de maneira que o Sistema Social mais amplo possa funcionar sem conflito interno desmedido e outras falhas de coordenação ... Sociólogos referem-se a mecanismos integrativos especializados primariamente como mecanismos de controle social (PARSONS, 1967, p. 473).

Os atores sociais vivem em contínuo processo interativo. Ao se adaptar ao seu meio ambiente, eles não o fazem isoladamente, mas em organização. Atendo-se basicamente ao processo adaptativo ao Sistema Natural afirma Antônio Cândido que "a obtenção, para cada grupo, do equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio depende dos tipos de organização que desenvolver neste sentido. Dividindo, para melhor expor, uma realidade indivisa, diríamos que há dois ajustamentos necessários àquele equilíbrio: 1) o encontro de soluções que permitam explorar o meio físico para obter recursos de subsistência; 2) o estabelecimento de uma organização social compatível com elas" (CÂNDIDO, 1971, p. 25).

Não é apenas, portanto, no processo adaptativo que se efetiva a integração social. Isto também acontece na obtenção de metas do grupo social — na citação acima, na obtenção de recursos de subsistência ou de equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio. O alcance eficiente destas metas reforça a organização social.

O conceito complementaridade de expectativas desempenha papel central neste subsistema. Através da complementaridade de expectativas, a integração se processa sem problemas excessivos. E, através do complexo de sanções e recompensas envolvidas na complementaridade de expectativas, o processo integrativo gera motivação para conformidade com o padrão sócio-cultural alimentando o subsistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão.

O Sub-Sistema Integrativo aparece como parte essencial na definição de Sistema Social. Relembrando: "Sistema Social é uma pluralidade de atores individuais interagindo em uma situação e orientando-se a ela". Os outros aspectos que aparecem a seguir nesta definição são detalhamentos dos conceitos situação, interação e ator (a respeito de como os atores são motivados) ⁽⁴⁾.

Por outro lado, definindo Sistema Social como um sistema de papéis diferenciados, o Sub Sistema Integrativo aparece como um de seus componentes estruturais ⁽⁵⁾.

- ⁽⁴⁾ Estes outros aspectos são, como já foi visto:
- 1º) A situação possui um aspecto físico ou ambiental: Visualiza-se aqui a noção do Sub Sistema Adaptativo.
 - 2º) Os atores são motivados por uma otimização de gratificações e/ou facilidades: Sub Sistema Consecução de Metas.
 - 3º) A relação é definida e medida em termos de um sistema de símbolos compartilhados e culturalmente estruturados: Pode-se deduzir, deste aspecto, o Sub Sistema Manutenção de Padrão.
- ⁽⁵⁾ Os componentes estruturais considerados são:
- 1º) Os tipos de papéis: Este componente pode ser analisado através do Sub Sistema Adaptativo.
 - 2º) Distribuição de papéis ou alocação dos atores aos papéis necessários: Este segundo componente, por sua vez, identifica-se com o Sub Sistema Consecução de Metas.
 - 3º) Integração de papéis.

d) Os indivíduos devem ser motivados a ocupar os vários papéis necessários à sobrevivência do Sistema, e as tensões ocasionadas pela contradição entre a motivação individual e as exigências sociais devem ser manipuladas: O subsistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão, que responde a esta necessidade, focaliza assim a unidade componente do sistema (no caso de Sistema Social, o ator)

As exigências primárias adaptativas deste subsistema repousam naqueles elementos de personalidade que mantém motivação adequada a se conformar com valores culturais. A tensão que é controlada é motivação individual, em conflito real ou potencial com o preenchimento de expectativas de comportamento em papéis definidos institucionalmente ... (PARSONS, 1967, p. 134).

Este subsistema define-se através da organização das orientações do ator a uma situação, portanto com referência especial aos pares de variáveis padrão afetividade-neutralidade, difusibilidade-especificidade. Ações orientadas afetiva e difusamente são mais funcionais à estabilidade do sistema; ações orientadas neutra e especificamente são mais funcionais para a dinâmica social. Em outras palavras, a orientação da ação pode ser definida, em primeiro lugar, como um interesse em estabelecer uma relação com um objeto, relação esta que o ator não tem incentivo em mudar. Em termos psicológicos, isto pode ser expresso que o ator tem uma "necessidade" para com esta relação, que pode ser gratificada pelo

seu próprio estabelecimento (PARSONS, aug. 60, p. 471). A alternativa deste tipo de orientação é a orientação instrumental em direção ao mundo-objeto. Neste caso, a relação com o objeto é importante para a consecução de metas colocadas além do sistema particular de relação ator-objeto. Quando isto acontece, isto é, quando a orientação é estabelecida diretamente para com a situação, "as especificidades de diferenciação entre objetos e suas propriedades se tornam salientes. Por outro lado, onde 'necessidades' internas do sistema de ação são predominantes, a saliência destas especificidades retrocede, e a orientação a objetos se torna mais difusa" (PARSONS, aug. 1960, p. 471).

A instituição família tem, neste subsistema, lugar de destaque. Primeiro, como instituição essencial na socialização das crianças motivando-as a assumirem papéis e a se conformarem com as normas e valores sociais e, segundo, como instituição de controle de tensão de adultos.

No quadro a seguir, as necessidades funcionais do Sistema e suas respectivas respostas são apresentadas resumidamente.

Quadro 3 - Necessidades Funcionais do Sistema Social e Respectivas Respostas.

Necessidades funcionais	Respostas
1.Necessidade de o sistema considerado se relacionar com o seu meio ambiente.	1.Sub-Sistema Adaptativo A
2.Necessidade de mobilização de recursos necessários à consecução de metas desejáveis pelo sistema. Os atores sociais devem desempenhar as ações peculiares ao seu papel. É importante considerar como os atores sociais são alocados aos papéis necessários à consecução de metas do sistema, e de que tipo são as normas que orientam estes papéis.	2.Sub-Sistema Consecução de Meta (Goal-Attainment) G
3.Necessidade de integração dos papéis sociais.	3.Sub-Sistema Integrativo I
4.Necessidade de motivar os indivíduos a ocuparem os papéis necessários à sobrevivência do sistema e de manipular as tensões que possam provocar rupturas a elo.	4.Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão (Latency) L

Um quadro assim estruturado apresenta analogias com o de Malinowski a respeito das necessidades derivadas e de suas res-

postas culturais (MALINOWSKI, 1962, 122). No quadro 4 apresentam-se estes elementos dispostos, na coluna final à direita, as analogias observadas com relação aos Sub-Sistemas AGIL.

Quadro 4 - Comparação entre os Sub-Sistemas AGIL e as Respostas Culturais às Necessidades Derivadas Apresentadas por Malinowski.

Imperativos	Respostas	Sub-Sistemas	
1. A aparelhagem cultural de implementos e mercadorias de consumo deve ser produzida, usada, conservada e substituída por nova produção.	1. Economia	1. Adaptativo	A
2. O comportamento humano, no tocante aos seus preceitos técnicos, legais, costumes ou morais deve ser codificado, regulamentado através de ação e sanção.	2. Controle Social	2. Integrativo	I
3. O material humano com que cada instituição é mantida deve ser renovado, formado, preparado e provido com pleno conhecimento da tradição tribal.	3. Educação	3. Manutenção de Padrão e Controle de Tensão	L
4. A autoridade dentro de toda instituição deve ser definida, aparelhada com poderes e meios de executar pela força as suas ordens.	4. Organização Política	4. Consecução de Meta	G

4.3 - O Sistema Social Rural

O Sistema Social Rural tem sido muitas vezes definido como um sistema tradicional e resistente à mudança. Conseqüentemente, considera-se o mundo rural como obstáculo ao desenvolvimento social global. Simplifica-se assim a análise através da utilização do conceito tradicional em oposição ao conceito moderno, quando este sistema é estudado em comparação com o Sistema Social Urbano.

A Teoria da Ação aparece como uma alternativa analítica a esta simplificação. As categorias analíticas desta Teoria possibilitam apreender os valores e atitudes que retém os atores neste Sistema, explicitando assim as tendências do fenômeno permanência.

Como sistema estável (no sentido de que ator e objeto, compartilhando normas e valores comuns, podem predizer suas ações respectivas), o Sistema Social Rural, tanto quanto os outros sistemas considerados "modernos", encontrou a sua maneira de se adaptar às condições ambientais, de consumir os seus objetivos, de integrar os seus papéis, de motivar os atores a desempenhar estes papéis e de controlar as tensões disfuncionais que surgem. Desvendar a maneira particular que o Sistema Social Rural encontrou para resolver os seus problemas funcionais constitui preocupação deste trabalho.

As variáveis-padrão aparecem como recursos teóricos adequados não só à análise específica do Sistema Social Rural como

também à análise comparativa entre Sistema Social Rural e Sistema Social Urbano. Os tipos ideais destes Sistemas coincidem com os tipos ideais de orientação expressiva e instrumental respectivamente. O quadro 5 retoma estes tipos ideais.

Quadro 5 - Sistema Social Rural e Urbano ideais da perspectiva das variáveis-padrão.

Sistema Social Rural	Sistema Social Urbano
Particularismo	Universalismo
Qualidade	Desempenho
Afetividade	Neutralidade
Difusibilidade	Especificidade

(Cf. p. 24).

Na realidade, estes Sistemas assim denominados não se encontram com tal pureza. Em cada um destes Sistemas, encontram-se alternativas de ação selecionadas que não correspondem ao tipo ideal característico. Constituindo sistemas abertos, a interação que se processa entre eles produz alterações sensíveis notadamente no Sistema Social Rural, o qual se encontra constantemente envolvido e continuamente atraído pelas gratificações e, muito mais e principalmente, pelas facilidades do Sistema Social Urbano. Isto justifica o fato de, a princípio deste trabalho, ter sido feita referência aos atores participantes do Sistema Social Rural como migrantes potenciais.

CAPÍTULO III

RECURSOS TÉCNICOS - O QUADRO NATURAL

1. O Meio-Ambiente de Estudo - O Município de Itirapina

1.1 - Caracterização física

1.1.1 - Geo-referências gerais

A localização geográfica do município de Itirapina é dada pelas coordenadas: latitude S $22^{\circ}15'2''$ e longitude WGr $47^{\circ}48'42''$. Em linha reta dista 191 km da Capital do Estado. Sua área é de 562 km^2 e sua altitude é de 762 m. Limita-se com os municípios de Brotas, São Carlos, Analândia, Corumbataí, Rio Claro, Ipeúna e São Pedro. Pertencem todos eles, com exclusão de São Carlos, à 5ª Região Administrativa de Campinas e, com exclusão de São Pedro, à Sub-Região de Rio Claro.

A Tabela 1 apresenta as áreas dos municípios componentes da Sub-Região de Rio Claro, Região Administrativa de Campinas.

Tabela 1 - Municípios Componentes da Sub-Região Administrativa de Rio Claro e Suas Áreas Respectives.

Municípios	Área em km ²	% em relação à Sub-Região de Rio Claro	% em relação à 5ª Região
1. Analândia	313	10,3	1,2
2. Brotas	1.061	35,0	3,9
3. Corumbataí	297	9,8	1,1
4. Ipeúna	207	6,8	0,8
5. Itirapina	562	18,5	2,1
6. Rio Claro	503	16,6	1,9
7. Santa Gertrudes	92	3,0	0,3
Sub-Região de Rio Claro	3.032	100,0	11,2
5ª Região Administrativa	27.043	---	100,0

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 1-4.

O Município de Itirapina encontra-se localizado numa região de contato entre o Alto Planalto (Planalto Ocidental) e a Depressão Periférica Paulista. O trabalho de campo realizou-se na parte sul e oeste do Município de Itirapina, onde estão localizadas as propriedades e pessoas componentes das mais tradicionais famílias da zona rural.

1.1.2 - Solos e vegetação típica

No município de Itirapina há a predominância de solos arenosos, devido à presença de arenitos da formação Botucatu, capeados por arenidos Bauru. Aparecem poucas manchas de "terra roxa", oriunda da decomposição dos magmatitos básicos da Formação Serra Geral. Estas manchas permitiram a instalação de algumas fazendas itirapinenses dedicadas à cultura cafeeira.

Na Sub-Região de Rio Claro, a ocorrência maior de solo — 35,85% — pertence ao tipo Latosol Vermelho-Amarelo (fase arenosa) (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 2-13). Especificando para o município de Itirapina, a distribuição de ocorrência de tipos de solos é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 - Tipos de Solos Localizados no Município de Itirapina.

Tipos de solos	Área Ocupada (em km ²)	% em relação a área total mapeada
Podzólico Vermelho-Amarelo, variação		
Laras - PVLS	166	29,3
Latosol Roxo - LR	10	1,8
Latosol Vermelho-Amarelo, fase arenosa -		
LVa	256	45,3
Solos hidromórficos - H	20	3,6
Litosol fase substrato arenito calcá-		
rio - Li-ac	12	2,1
Regosol - R	66	11,7
Regosol "Intergrade" para Podzólico		
Vermelho-Amarelo e para Latosol		
Vermelho-Amarelo - RPV-RLV	35	6,2
Área mapeada	565,8	100,0

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 1-4.

Tal como ocorre com a Sub-Região de Rio Claro, a ocorrência maior — 45,3% — corresponde também aos solos de tipo Latosol Vermelho-Amarelo (fase arenosa).

A vegetação típica primitiva do município de Itirapina distribui-se em Floresta Latifoliada Tropical e Cerrados.

A Floresta Latifoliada é caracterizada pela presença de árvores de 25 a 30 m de altura, com troncos grossos. Está relacionada com solos oriundos da decomposição das rochas do complexo cristalinoDentre as árvores mais frequentes se salientam: perobas (*aspido-perma* sp.), paus d'alho (*gallesia gorarema*), figueiras brancas (*urostigma planifolia*) e outras (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento. Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 2-22).

Os cerrados porém, constituem a incidência atual predominante da vegetação.

O cerrado apresenta uma fitofisionomia caracterizada por apresentar dois estratos distintos em sua estrutura.

O andar superior é composto por muitos arbustos e raras árvores de altura considerável. Os elementos apresentam caules retorcidos, e recobertos de cascas grossas ... e encontram-se bastante distantes dando lugar a uma vegetação rasteira, constituída de gramíneas, que representa o andar inferior.

Dentre as principais árvores destacam-se: o barbatimão ..., o pau-santo ..., o pequi ...

As gramíneas, com predominância da "barba de bode", vivem de água da superfície, e vegetam até o esgotamento desta, durante a seca. Secando, naquele período, contribui para a degradação do cerrado através das queimadas (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 2-22).

A presença de cerrados em Itirapina possibilita o aparecimento — reduzido — de um tipo especial de trabalhador: o casqueiro. A atividade do casqueiro é extrativa: coleta, nos campos, cascas de barbatimão para vendê-las a firmas curtidoras de couro. Da renda auferida pela venda, paga uma determinada porcentagem ao proprietário dos campos explorados.

Quanto às origens do cerrado, algumas hipóteses são apresentadas (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p. 2-22):

1 - "... o aparecimento do cerrado seria resultado da deficiência de água na estação seca".

2 - "... a ocorrência dos cerrados resulta das condições edáficas, verificando-se sua presença nas regiões onde praticamente não há deficiências hídricas".

3 - "... é tida por muitos como vegetação climax e antiga, possivelmente do pré-quaternário ... Como tal foram as condições climáticas que mais contribuíram para o seu estabelecimento, e pelo fato de ter se desenvolvido anteriormente às florestas, explicam-se as manchas isoladas, onde as condições climáticas atuais são suficientes para a sua manutenção, mas não à sua propagação".

1.1.3 - Possibilidades econômicas oferecidas pelos solos

As possibilidades econômicas oferecidas pelos tipos de solos encontrados no município de Itirapina, segundo a mesma fonte citada, são as seguintes:

1 - Latosol Vermelho-Amarelo (fase arenosa) (LVa); solos não adequados à agricultura. Não dificultam a mecanização, porém, sua fertilidade natural baixa levam-nos a se adaptarem melhor ao reflorestamento e pastagens;

2 - Podzólico Vermelho-Amarelo (PVLS); solos que, dependendo da textura e de outros fatores, podem ser regulares ou não adequados à agricultura, pois apresentam problemas de fertilidade, por vezes muito graves, além de serem suscetíveis à erosão e terem restrições à mecanização da lavoura. Usados em pastagens, correm o risco de serem erodidos, de acordo com a declividade do relevo. Os solos desta unidade que apresentam mais baixa fertilidade, possivelmente, são mais apropriados ao reflorestamento ou à conservação da vegetação natural;

3 - Hidromórficos (H); solos regulares à agricultura. Adequadamente drenados, tornam-se aproveitáveis com restrições à fertilidade e ao uso de máquinas agrícolas;

4 - Regosol "Intergrade" para Podzólico Vermelho-Amarelo e para Latosol Vermelho-Amarelo (RPV-RLV); solos não adequados à agricultura já que podem apresentar graves problemas com respeito

à fertilidade, sendo algumas vezes muito suscetíveis à erosão. A mecanização da lavoura não apresenta dificuldades. Dependendo das condições locais, podem ser usados em agricultura, mas de forma geral são mais apropriados para pastagens e reflorestamento;

5 - Regosol (R): solos não adequados à agricultura pois possuem problemas de fertilidade, são facilmente erosionados e não favorecem a retenção de água. Mais apropriados ao reflorestamento e à conservação da vegetação natural;

6 - Litosol fase substrato arenito calcário (Li-ac): solos regulares à agricultura. Apresentam problemas para a mecanização da lavoura, sendo muito suscetíveis à erosão. Sua alta fertilidade natural, entretanto, faz com que sejam aproveitados em explorações agrícolas;

7 - Latosol Roxo (LR): solos muito bons para agricultura, exceto aqueles que têm o cerrado como vegetação natural, pois neles a fertilidade constitui o principal problema. Normalmente, o perigo de erosão e as restrições para a mecanização da lavoura são pequenos, porém devido à sua localização ocorrem geadas que provocam grandes prejuízos à lavoura.

De acordo com as considerações acima, portanto, os solos do município de Itirapina não são, em geral, apropriados à lavoura. Na Tabela 3 apresentam-se, resumidamente, as possibilidades econômicas oferecidas por estes tipos de solos.

Tabela 3 - Possibilidades Econômicas Oferecidas Pelos Solos Componentes do Município de Itirapina. Referência: às áreas respectivas (em km²).

Tipos de solos	Possibilidades econômicas		
	Aproveitáveis para agricultura	Aconselháveis para pastagens e reflorestam.	Aconselháveis para reflorestamento e conservação vegetal natural
PVLS	—	—	166
LR	10	—	—
LVA	—	256	—
H	20	—	—
Li-ao	12	—	—
R	—	—	66
RPV-RLV	—	35	—
Total	42	291	232
	7,4%	51,5%	41,1%

Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento, Coordenadoria de Ação Regional, 1972, p.1-4.

1.2 - Condições de transporte e sua importância histórica

O município de Itirapina é servido pela antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro (hoje integrante da FEPASA), e é estação-entroncamento para trens que se dirigem a Barretos (norte) e à Marília (oeste). A vivência e a observação permitem dizer que uma grande parcela das famílias urbanas do município tem sua vida econômica ligada à estrada de ferro. Dados do censo de 1970, demonstram esta situação.

Tabela 4 - População do Município de Itirapina por Setor de Atividade.

Atividade	População economicamente ativa	População não economicamente ativa
Totais	2.143	4.825
Agricultura pecuária	996	2.059
Atividades industriais	157	270
Comércio de mercadorias	100	161
Prestação de serviços	149	183
Transportes, Comunicação e Armazenagem	521	1.164
Atividades sociais	81	79
Administração Pública	69	139
Outras	70	30

Fonte: Censo 1970 - IBGE.

Apesar de haver um bairro da cidade — a "colônia", como é chamado ⁽⁶⁾ — habitado exclusivamente por famílias de ferroviários, muitas dessas famílias residem na parte central, em outros bairros da cidade. A estrada de ferro, condicionante principal da localização atual da sede do município, tem sua importância ressaltada pelo ligeiro histórico do mesmo, a seguir apresentado.

Em começos do século XIX surgiu, na região onde hoje se localiza o município de Itirapina, um povoado denominado Itaqueri da Serra elevado a 16 de maio de 1839 à categoria de Capela Curada de Nossa Senhora da Conceição da Serra, por ordem expedida pelo padre Joaquim Duarte de Novaes, da vila de Araraquara, autorizando a criação de uma capela no local (FERRAZ, s/d, p. 5). Em 1852, essa Capela Curada foi elevada à categoria de Freguesia pela Lei Provincial nº 5, de 5 de julho de 1852. Por esta época, outra povoação, próxima ao Morro do Baú (ponto proeminente da paisagem), começava a se desenvolver por se constituir ponto de pouso e descanso para tropas de burros que faziam comércio entre Santos, a Capital e o interior. Itaqueri da Várzea, como ficou conhecida,

(6) Esta denominação pode indicar a possível transferência do termo "colônia" aplicado ao conjunto das casas dos colonos nas fazendas de café, para o conjunto das casas construídas para os trabalhadores das estradas de ferro. Esta possibilidade é significativa ao se lembrar, entre outras coisas, que o estabelecimento das estradas de ferro e sua expansão para o interior está correlacionada ao ciclo do café. "Foi devido ao café ..., que se constitui em São Paulo uma rede ferroviária relativamente densa, que coloca a Capital em íntima conexão com uma região bem ampla que lhe pode servir de mercado potencial" (SINGER, 1968, p. 38).

atraiu moradores de Itaqueri da Serra que começou a declinar, tanto que, em 1888, Domingos Feltrin aí chegando, proveniente da Itália, encontrou muitas casas desabitadas ⁽⁷⁾. Em 19 de março de 1873, a Lei Provincial nº 32 transfere o título de Freguesia da Capela Curada de Nossa Senhora da Conceição da Serra para Itaqueri da Várzea.

Mais uma vez mudou-se o núcleo da povoação quando, em fins do século XIX (o primeiro trem chegou à estação de Morro Pellado em 1º de junho de 1885), a rede ferroviária atingiu o atual município de Itirapina, expansão férrea provocada pelas exigências da economia cafeeira. Rio Claro é atingida pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1876, e a "Cia. Rio Claro, partindo desta cidade, alcança São Carlos em 1884 e Araraquara em 1885. Um ramal de Rio Claro chega, em 1887, a Jau" (SINGER, 1968, p. 38). O trajeto da estrada de ferro não correspondia então ao atual: dirigia-se de Rio Claro ao atual município de Corumbataí, e depois à estação de Visconde de Rio Claro (localizada entre as estações atuais de Itirapina e São Carlos), seguindo então para São Carlos. De Visconde de Rio Claro partia também um ramal para Jau, passando por Itirapina (este ramal é identificado por Singer na citação anterior). A estação de Itirapina era denominada, por esta época, de Morro Pellado, que vigorou até a Lei nº 719 de 28 de setembro de

(7) Conforme informação oral do Sr. José Feltrin, atual morador do Distrito de Itaqueri da Serra, neto do Sr. Domingos Feltrin.

1900, quando se procedeu à mudança para o atual nome.

Sob a influência da estrada de ferro, a população de Itirapina aumentou rapidamente, tanto que, em 8 de janeiro de 1890, Prudente de Moraes transferiu a sede da Freguezia da Conceição de Itaqueri para junto da estação de Morro Pellado. A antiga povoação de Itaqueri da Serra é hoje sede do Distrito de Itaqueri da Serra, núcleo residencial de alguns proprietários rurais, parceiros e assalariados das regiões circunvizinhas. A povoação de Itaqueri da Várzea desapareceu; parte de sua população mudou-se para Itaqueri da Serra e parte para Morro Pellado (hoje Itirapina). Atualmente Itirapina é servida, diariamente, por 23 trens de passageiros, diurnos e noturnos.

Quanto às ligações rodoviárias, a sede do município dista aproximadamente 11 km da via Washington Luís, e menos de 1 km da estrada que vai em direção a Bauru (SP. 225). Liga-se assim, facilmente, tanto por ferrovia como por rodovia, a municípios maiores como Rio Claro e São Carlos e, além destes, a outras cidades como Campinas, Bauru e São Paulo. Promove-se, em relação a estas cidades, uma espécie de "polarização", processo através do qual o atendimento de alguns serviços como educação, lazer, assistência médica e hospitalar, bem como necessidades de consumo de empregos, são buscados, em grande parte, fora do município.

1.3 - Estrutura da Economia Rural

O município tem sua economia assentada na agropecuária, com importância crescente da pecuária leiteira. Em 1966, a produção pecuária foi de 4,7 milhões de litros de leite, representando 896 milhões de cruzeiros. Neste mesmo ano a receita total do município foi de Cr\$ 72.336.200,00. Em 1969, 57% da área rural municipal era utilizada como pastagens naturais e artificiais, proporção válida ainda para 1973.

Na segunda metade da década de 1940, exatamente a 25 de julho de 1947, a Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentícios instalou no município um posto receptor de leite. De 1963 a 1973, o número de fornecedores aumentou de 130 para 150 (cerca de 47% das propriedades cadastradas pelo IBRA e cerca de 52% das propriedades até hoje recadastradas pelo INCRA). Anteriormente à instalação do posto receptor da Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentícios, a área rural de Itirapina já era produtora de leite, o que justificara a instalação daquele posto receptor. Por informações colhidas entre os moradores locais rurais mais antigos sabe-se que, em geral, antes da instalação do posto receptor, a produção de leite se destinava principalmente ao fabrico de queijo e à subsistência da população rural. Ainda hoje esta atividade pode ser encontrada no município. Há informes também de que algumas poucas pessoas, já fornecedoras

de leite, levavam o seu latão de leite, a cavalo, até a estação de Graúna, de onde seguia, por trem, até Araras.

Atualmente sete caminhões percorrem diariamente o município buscando o leite ordenhado. No inverno, buscam em geral somente a produção da primeira ordenha. Aqueles agentes que no inverno fazem a segunda ordenha, ou conservam o leite até a manhã seguinte na "geladeira" — mergulham os latões de leite no rio próximo ou em tanques cheios de água — ou fabricam queijo.

A agropecuária tem atraído algumas pessoas das regiões circunvizinhas, principalmente aquelas que sabem tirar leite. Atualmente, a falta de elementos suficientemente habilitados nesse mister tem provocado aumento de sua remuneração pouco acima do salário mínimo rural vigente.

Uma nova atividade ligada à terra tem-se desenvolvido intensamente nos últimos anos — o reflorestamento. E, em função disto, tem aumentado a população de trabalhadores volantes do município.

Esta atividade constitui uma alternativa para os trabalhadores que abandonam a zona rural, ou mesmo para os próprios moradores da zona urbana. A dificuldade em encontrar empregadas domésticas, por exemplo, reclamada por donas de casa da cidade, é por estas explicada em razão de maiores oportunidades de emprego oferecidas pelos serviços de reflorestamento.

1.3.1 - Para a caracterização da zona rural, foram utilizados dados do recadastramento do INCRA coletados desde início de 1972. Desta forma, eles são passíveis de críticas como a de que talvez nem todos os imóveis rurais tenham sido recadastrados. Pelo recadastramento, até o momento da pesquisa obtiveram-se informações a respeito de 287 imóveis rurais.

Com os dados obtidos elaborou-se a Tabela 5, resumindo a situação presente da distribuição de imóveis do município. Duas considerações porém devem ser feitas com relação a esta tabela:

- a) Existem imóveis distintos, pertencentes a um mesmo dono;
- b) Em contraposição, existem imóveis que, por herança, pertencem a vários proprietários e não foram ainda subdivididos.

Tabela 5 - Distribuição de Imóveis do Município de Itirapina.

Classes (área/ha)	n_i	X_i	X_i acumu- lado	Área to- tal ocu- pada (ha)	Y_i	Y_i acumu- lado
0 → 125	193	0,674	0,674	10.080,6	0,229	0,229
125 → 250	52	0,181	0,855	9.061,1	0,205	0,434
250 → 375	16	0,056	0,911	4.680,8	0,106	0,540
375 → 500	8	0,028	0,939	3.481,6	0,079	0,619
500 → 625	7	0,025	0,964	3.977,1	0,090	0,709
625 → 750	1	0,003	0,967	638,8	0,014	0,723
750 → 875	2	0,007	0,974	1.598,6	0,036	0,759
875 → 1000	4	0,014	0,988	3.822,7	0,087	0,846
1000 → 1125	1	0,003	0,991	1.197,9	0,027	0,873
1125 → 1250	1	0,003	0,994	1.224,5	0,028	0,901
...
2000 → 2125	1	0,003	0,997	2.016,2	0,046	0,947
...
2250 → 2375	1	0,003	1,000	2.319,9	0,053	1,000
Total	287	1,000		44.099,8	1,000	

Pelos dados apresentados, os seguintes valores estatísticos descritivos foram calculados:

1ª) A área dos imóveis rurais de Itirapina representa cerca de 78,47% da área total do município;

2ª) A propriedade rural média possui uma área de 154 ha;

3ª) A dispersão em torno da média foi calculada em 238 ha

($\sigma = 238$ ha). Esta alta dispersão pode ser explicada pelo fato de haver uma amplitude total de variação bastante extensa, de 0,6 a 2.319,9 ha;

4ª) Para apreciação da distribuição e concentração de terras do município calculou-se o índice de Gini ⁽⁸⁾.

Calculando a área de desigualdade da distribuição de propriedades do município obteve-se um valor de 0,272. O valor do índice de Gini é, portanto, 0,544 ⁽⁹⁾ que, de acordo com a classificação de Câmara (HOFFMANN, 1967, p. 4) indica concentração média a forte.

1.3.2 - A área rural total do município de Itirapina é subdividida em algumas parcelas que recebem localmente o nome de bairros. Os critérios para subdivisão e reconhecimento destas parcelas (inclusive para funcionários da Casa da Lavoura local e para o pessoal que mora na zona rural) são:

a) principalmente as "linhas de leite", apesar de que nem todas as propriedades sejam fornecedoras de leite. O termo "linhas de leite" designa, localmente, o trajeto dos caminhões coletores

⁽⁸⁾ Para o cálculo do índice de Gini consultou-se HOFFMANN, Rodolfo - Contribuição à Análise da Distribuição da Posse da Terra no Brasil. Tese apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", USP, para obtenção do título de "Magister Scientiae" em Ciências Sociais Rurais, Piracicaba, SP, 1967.

⁽⁹⁾ Sobre dados fornecidos pelo IBGE, referentes ao ano de 1950, HOFFMANN calculou, para o município de Itirapina, índice de Gini = 0,604 (HOFFMANN, 1967, p. 58).

de leite. As estradas percorridas pelos caminhões, por sua vez, foram construídas obedecendo-se a certas condições naturais que facilitam o acesso às propriedades e também aproveitando as vias de acesso existentes anteriormente à instalação do posto receptor de leite do município;

b) subsidiariamente, a proximidade com a sede do município e a facilidade de acesso (isto particularmente com relação às propriedades que, em conjunto, receberam o nome de centro). Os nomes dados aos bairros derivam de algum elemento natural que, por sua proeminência, os possam caracterizar e, conseqüentemente, identificar.

As "linhas de leite" surgiram com a função de buscar o leite nas propriedades rurais e levá-lo ao posto receptor da Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares. Paralelamente a esta função manifesta, passaram a exercer outra que se pode considerar latente. A saber: a "linha de leite" dá unidade ao que se pode considerar bairro na região. Pela referência à "linha de leite" é que se identifica, tanto entre os habitantes rurais como entre os urbanos, a localização de uma dada propriedade e de seus habitantes. Por outro lado, a "linha de leite" e o motorista do caminhão são fontes de interesse comum para a população do bairro. Os problemas com a estrada atingem a todos, ainda que não sejam fornecedores de leite, que dela se servem para ir à cidade.

A "linha de leite" corresponde pois a um importante canal de comu-
nicação e difusão do município (¹⁰).

2. A Área de Estudo e os Informantes

2.1 - Caracterização Geral

As propriedades visitadas concentram-se em três bairros: Passa Cinco, Cachoeira (incluindo a região conhecida localmente por Buraco Frio) e Itaqueri. Duas grandes propriedades foram visitadas para que se realizassem entrevistas com trabalhadores assalariados e parceiros. Uma dessas propriedades localiza-se no bairro Pedra Branca e a outra no bairro do Lobo.

O bairro Passa Cinco ocupa cerca de 8,2% da área rural total, enquanto que o bairro Cachoeira ocupa 7,2%. Itaqueri ocupa uma parcela razoável da área rural: 27,6% e 37,5% da população calculada através do recadastramento do INCRA. A densidade demográfica de cada um dos bairros é a seguinte:

Itaqueri:	5,63 hab/km ²
Cachoeira:	5,55 hab/km ²
Passa Cinco:	2,97 hab/km ² .

(¹⁰) Em anexo, são apresentadas tabelas que mostram algumas características dos bairros itirapinenses: distribuição de terras, área total de pastagens, número de habitantes e população bovina de cada estrato.

Comparando-se as densidades particulares de cada um dos bairros com a densidade geral ($= 4,14 \text{ hab/km}^2$), observa-se que apenas o bairro Passa Cinco encontra-se abaixo da média rural. Seu esvaziamento populacional tem sido muito notado pelos seus moradores entrevistados.

Os bairros são contíguos: Cachoeira e Passa Cinco chegam, para alguns, a se confundir. De Cachoeira, de uma propriedade que se localiza em seu limite final (tendo como referência a sede do município) em um dos pontos mais distantes da cidade, à vila de Itaqueri é "só subir a serra", como disse o proprietário.

A paisagem do bairro Passa Cinco é mais monótona do que a do bairro Cachoeira. "É no fim do mundo", disse um dos habitantes urbanos locais ao saber que o pesquisador iria ao bairro Cachoeira. De fato, a estrada que dá acesso a partes desse bairro — a estrada descreve uma forma de gota de água em seu percurso, do qual o trajeto à esquerda de quem sai da sede do município é mais acidentado — é menos regular do que aquela que dá acesso ao bairro Passa Cinco.

O bairro Passa Cinco recebe o seu nome do rio que o percorre. O bairro Cachoeira, por outro lado, recebe esse nome devido a uma série de quedas de água que formam uma série de pequenos regatos existentes em sua área. A região conhecida localmente por Buraco Frio, incluída neste trabalho no bairro Cachoeira, diferencia-se do bairro como um todo por possuir terrenos mais regu

lares, formando grande chapa da esverdeada.

A presença de regatos nesses dois bairros determina, como uma das formas de lazer mais constantes, a pesca. Em Itaqueri, a presença de uma vila, a existência de energia elétrica e a facilidade maior de comunicação influenciam suas formas de lazer, propiciando outras alternativas: boche, televisão, visitas mais constantes à cidade e, conseqüentemente, cinema.

2.2 - As Propriedades Rurais

Os proprietários do bairro Cachoeira pertencem, em geral, a famílias há muito tempo localizadas na região. O bairro Passa Cinco já tem sofrido, em várias propriedades, mudanças de famílias proprietárias. Evidencia-se, nos motivos expostos por seus compradores e vendedores, a fragilidade da pequena propriedade.

...A propriedade dele, o pai dele vendeu antes de morrer e eles ficaram feito camarada ... porque ele ficou doente, precisava do dinheiro, então vendeu a terra que ele tinha ... (mulher de parceiro, 33 anos, falando sobre o marido).

...Ah! minha vó morreu, né, O meu avô repar-tiu, cada um ficou com um pedaço. Depois meu pai aborreceu, pegou e vendeu ... Aborreceu porque era pouco, não dava para plantar bastante lavoura, aí ele pegou e vendeu ... Parece que tocou parece que não sei se 8 ou 9 alqueire cada um e não dava para

ele plantar. Então ele pegou e vendeu lá e veio trabalhar de colono na fazenda Bom Retiro ... Ah! era bastante (irmãos), né, mas em homem era quatro e parece que não sei se ... Ah! era 3 homem e 4 mulher ... Lá no Saltinho ele era dono mesmo, mas enquanto era do velho eles plantava onde queria, né? Depois o velho pegou, pôs engenheiro, dividiu a terra, saiu com muita pouca terra, não dava para viver..Então ele pegou e vendeu e veio trabalhar de colono ... (mulher de parceiro, 58 anos, falando sobre o pai).

Das duas maiores propriedades visitadas — uma localizada no bairro Pedra Branca e a outra no bairro do Lobo — um de seus proprietários é absenteísta, residindo em outro município. O outro proprietário é residente, morando, com dois de seus filhos, na propriedade visitada. Pertencente a uma das mais tradicionais e mais importantes famílias proprietárias do município, é um dos grandes proprietários locais possuindo, além da visitada, outras propriedades.

2.3 - Atividades Econômicas Principais

Nos bairros Cachoeira e Passa Cinco, à primeira visão geral, não se percebem lavouras. Eles se caracterizam por serem regiões produtoras de leite. Cachoeira, inclusive, é uma região produtora muito importante. A porcentagem da área para pastagens nestes dois bairros e em Itaqueri está acima de 50%. A saber:

Passa Cinco:	59,7%
Cachoeira:	64,9%
Itaqueri:	67,5% .

A atividade leiteira condiciona os outros aspectos da vida dos atores rurais. O lazer e visitas mais freqüentes à cidade, por exemplo, são limitadas por aquela atividade. A hora em que os atores rurais levantam é condicionada pela da ordenha e esta, por sua vez, pelo horário em que passa o caminhão de leite. Aqueles atores que se transformaram em fornecedores de leite, portanto, têm sofrido diretamente sobre sua vida, até na rotina diária, interferências urbanas.

As propriedades visitadas que se localizam no bairro Itaqueri, apesar de ser este bairro também importante produtor de leite, apresentam sua atividade principal ligada à lavoura. Nestas propriedades, a produção de leite destina-se ao auto-consumo. Apenas um dos proprietários visitados é fornecedor de leite, porém a parte principal de sua renda provem de lavouras.

A produção agrícola, mesmo onde é a principal fonte de renda, destina-se inicialmente à subsistência do produto obtido, vende-se o excedente sobre aquilo que se estima necessário para a subsistência do ano. Percebe-se algo da "racionalidade" da cultura de subsistência evidenciada por MARTINS (1969). Observa-se isto nas próprias palavras de um dos proprietários:

Tem que plantar assim ... Tirar o que dá para o gasto durante o ano. Depois ... o que sobra a gen vende. Acontece às vez que não dá para saldar as despesas, né? Mas ... como para mim aconteceu. Mas eu também não posso tirar o que tem de comer para mim ficar com uma falta, né? Aí aperta mais, né? Enfim tem que ver de outro jeito assim, né? ... (Proprietário, 48 anos).

A agricultura para subsistência generaliza-se pelos bairros visitados. Referências a sua "racionalidade" aparecem in clusive em algumas comparações entre as atividades de lavoura e de gado

... eu gosto de vaca, sabe? Gosto de vaca e gosto de planta. Gosto dos dois, viu? ... Trabalho nos dois ... Ah! é melhor planta, né? Porque a plan ta é certeza que colhe para comer, não é verdade? Agora vaca, você lida com ela, você não tem rendimento. Por fim ... não vale nada ... (proprietária, 47 anos).

Quando, em conversas, coloca-se a produção para mercado como preocupação primeira, as considerações sobre este tipo de agricultura tornam mais do que nunca reveladoras de suas implicações sócio-econômicas, como se pode observar a seguir, através do trecho de uma entrevista feita com um assalariado baiano aqui tra balhando há oito anos como leiteiro.

Mas o negócio é que dá diferença; que quando o sujeito colhe muito o preço é pouco, quando colhe pouco o preço é muito ... Lá (na Bahia) é assim: o nego planta, colhe e guarda para comer o ano todo. Lá não fica comprando assim na feira ... O que ele puder colher ele guarda dentro de casa numa lata ... Quem pode encher deixa lá. Quando dá o preço, vende ... O rico se aguenta, né? Pode guardar e esperar. O fraco colheu, pega logo um dinheirinho que arruma (assalariado, 28 anos).

As grandes propriedades visitadas são também fornecedoras de leite. Possuem também lavoura, porém esta, comparada com a pecuária, não constitui atividade muito importante. É significativo que nelas não se encontram trabalhadores que se dediquem exclusivamente à atividade de lavoura.

2.4 - Atividades Econômicas Secundárias

Os habitantes rurais, tanto proprietários como assalariados, cuidam de horta (raras vezes), criam galinhas e porcos (em geral). Conseguem, muitas vezes, aumentar sua renda vendendo a produção destas atividades. O cuidado com a horta e o trato destes animais menores é tarefa feminina. Entre os assalariados, pode acontecer que as mulheres cuidem destes animais (porcos e frangos) em regime de parceria com o patrão. Algumas crianças em idade escolar e pré-escolar também participam destas atividades. Neste período elas também se iniciam na atividade leiteira partici-

pando das tarefas de peiar e pojar (ver o significado destes termos na parte final do ítem 4.3). Nos trechos de redações transcritos abaixo, ~~observam-se~~ algumas referências a trabalhos executados pelas crianças em idade escolar:

Eu corto lenha.

Eu roço feijão.

A recoio ovo (1º ano, 8 anos, filho de pequeno proprietário).

Eu trabalho para o meu papai e ganho 30 por mês.

O sítio é do meu tio ... (3º ano, filho de as salariado).

No sítio nós trabalhamos na roça com o papai.

No sítio nos carpimo arroz (3º ano, filho de proprietário).

... Ajudo papai fazer plantações. Eu levanto bem cedinho para tratar das criações ... (4º ano, 11 anos, filha de proprietário).

... Quando volto da escola ajudo meu pai fazer serviço da roça e depois eu vou para a minha casa ... (4º ano, 11 anos, filha de assalariado).

... Papai tira leite, faz lavoura de arroz, mi lho, feijão, etc. Enquanto a minha vida é bonita porque brinco, estudo e ainda ajudo papai tirar lei te (3º ano, 11 anos, filho de proprietário).

O fabrico de queijo, quando não é a atividade econômica básica, é, em geral, também atividade a que se dedicam as mulheres.

A horta é geralmente cercada para não ser invadida pelos galináceos que são, geralmente, criados soltos. Soltos eles podem, por si, procurar boa parte de seus alimentos sem que seja preciso trato especial. Para as galinhas chocas e para os pintainhos fazem-se abrigos de taquaras dispostas de maneira a formar um cone. Os porcos são criados em mangueirão — um cercado relativamente extenso — e só em época de engorda são fechados em chiqueiros.

3. Os Informantes

3.1 - Caracterização Geral

A Tabela 6 apresenta a frequência de atores rurais entrevistados, distribuídos quanto à sua posição no sistema produtivo, ao sexo e idade. Três posições aparecem nesta tabela: parceiros, assalariados e proprietários. Arrendatários, em especial nas áreas da pesquisa, não constituem uma categoria numericamente significativa no município, justificando a sua não inclusão na amostra estudada. Apesar de todas essas categorias constituírem atores sociais rurais indistintamente, a elas se associam alguns padrões de comportamento diferenciais. As relações entre proprietário de terra e parceiro e proprietário e assalariado são, em alguns aspectos, distintas. Apesar de muitas vezes o parceiro refe-

rir-se ao proprietário como o "patrão", ele se considera muito mais livre do que seria se fosse assalariado. Isto talvez esteja bastante relacionado com a atividade econômica principal desempenhada. Os parceiros são encontrados executando atividades ligadas à lavoura que é considerada, comparativamente à pecuária leiteira, como determinante de uma maior liberdade. Quanto à pecuária, não só os assalariados como também os pequenos proprietários que a ela se dedicam caracterizam-na como uma atividade "cativa".

Tabela 6 - Distribuição dos Informantes em Entrevistas Quanto à Sua Posição no Sistema Produtivo, Sexo e Idade.

Idade (anos)	Relações de Produção											
	Proprietários			Assalariados			Parceiros			T o t a l		
	Sexo		Total	Sexo		Total	Sexo		Total	Sexo		Total
M	F	M		F	M		F	M		F		
15 — 20	1	-	1	5	-	1	-	-	-	6	-	6
20 — 25	-	1	1	2	3	5	-	-	-	2	4	6
25 — 30	2	2	4	1	1	2	-	1	1	3	4	7
30 — 35	-	1	1	-	-	-	-	1	1	-	2	2
35 — 40	2	1	3	1	3	4	1	-	1	3	4	7
40 — 45	1	2	3	3	1	4	-	-	-	4	3	7
45 — 50	3	2	5	-	1	1	-	-	-	3	3	6
50 — 55	2	-	2	1	-	1	-	-	-	3	-	3
55 — 60	1	1	2	-	-	-	1	1	2	1	2	3
60 — 65	1	1	2	-	-	-	-	-	2	1	1	2
+ de 65	-	1	1	2	1	3	-	-	-	2	2	4
Total	13	12	25	15	10	25	2	3	5	28	25	53
A.T.V.	19	25	19	16	22	16	33	16	22	16	22	16
	65	89	89	70	76	76	58	70	89	89		

Observação: Os parceiros do sexo masculino são também proprietários. Assim, nas classes de idade onde aparecem parceiros, a soma total aparece diminuída em um elemento (para quem não se contasse duas vezes o mesmo ator).

A amostra apresenta-se equilibrada quanto ao sexo e mesmo quanto aos elementos que ocupam posições distintas no sistema produtivo. A concentração maior de informantes encontra-se nas faixas etárias de 35 a 50 anos. Na última linha da tabela, dispõe-se o valor da Amplitude Total de Variação de Idade dos informantes de cada uma daquelas posições, especificando por sexo.

Procurou-se, tanto quanto possível, obter informações em separado do homem e da mulher constituintes da família pesquisada. Isto nem sempre foi conseguido. As opiniões dos atores rurais pertencentes às classes de idade abaixo de 20 anos foram obtidas através de redações escolares e de conversas informais. Estes atores revelam-se geralmente inibidos em situação de entrevista. Entre eles, algumas observações a esse respeito fizeram abandonar a idéia de entrevista formal como instrumento de coleta de dados.

3.2 - Os Proprietários e Suas Atividades

3.2.1 - Os proprietários entrevistados são, em sua quase totalidade, pequenos proprietários. Alguns deles são herdeiros, pagam renda aos seus pais por trabalharem em sua propriedade, ou trabalham em conjunto com os pais ou com os outros herdeiros sem terem ainda repartido legalmente a terra. Muitos destes herdeiros vêem seu futuro, como proprietários, ameaçado. As razões apontadas concentram-se na consideração de que, repartida legalmente a pro-

priedade, as partes resultantes serão anti-econômicas, acreditando-se, cada herdeiro, incapaz de, financeiramente, comprar as partes que corresponderão aos outros herdeiros o que permitiria à família continuar proprietária. Situações passadas, exemplificadas no trecho de uma entrevista abaixo transcrito, justificam esta preocupação.

Não dava para nós tudo viver ... Aí ele (o marido) comprou uma casa em Itirapina e passou aqui para os filho ... Era pouco, era 80 alqueire ... Passou para tudo eles. Deu 11 alqueire para cada um ... Nem para eles não deu. Foi vendendo, vendendo, venderam tudo para este aqui. (Ex-proprietária, 89 anos).

Prevêem-se também problemas em relação à maneira como se deverá efetuar a partilha. Ainda aqui, justificam e servem de argumentos a esta perspectiva exemplos como os relatados abaixo.

Ahn! Oh! Foi bárbaro !!! (a divisão de propriedade) ... Não, briga não, porque os mais velho compreende, né? Mas, sabe, os mais novo !!! Faz de um jeito, não está bom; arruma de outro jeito, acha que não dá certo. Por fim tem que concordar, né? (Mulher, 64 anos, falando sobre a divisão de propriedade do marido).

Houve sim (brigas na divisão da propriedade do avô paterno). Mas nem não houve. Essa irmã dele (do pai) que morava perto de nós, o café que meu

pai tratava ele perdeu. Ele ficou desgostoso, ficou tudo para ela. Os outro irmão também não ficaram gostando, também pegaram e venderam. Essa irmã dele ficou lá ... Com a irmã, se não me engano, perderam a amizade por aí. Você vê? que adiantou? Nem um nem outro já não é vivo mais ... Mais vale a amizade do que o dinheiro no bolso !!! (Mulher de parceiro, 58 anos).

Essa debilidade da pequena propriedade face ao processo de partilha coloca, a alguns proprietários, a cidade como perspectiva para a vida futura de seus filhos.

3.2.2 - Em geral, os pequenos proprietários constituem-se fornecedores de leite. Com esta atividade obtêm, em média, mensalmente, de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1.500,00. Complementando sua renda, eles vendem o excedente da produção de sua lavoura de subsistência e alguns produtos animais, como ovos e frangos. Um acréscimo substancial à renda decorre, para alguns, da venda de bezerros. Em relação à situação econômica da pecuária leiteira ouvem-se, comumente, manifestações de desagrado.

A Tabela 7 apresenta a frequência de proprietários entrevistados que não se dedicam, como principal atividade comercial, à pecuária leiteira. Aqueles que se dedicam à lavoura fazem-no destinando sua produção primordialmente à subsistência.

Tabela 7 - Distribuição de Proprietários com Relação à Atividade Econômica, Excluindo-se os Fornecedores de Leite.

Atividade econômica	N _i de proprietários
Manufatura de queijo.	2
Lavoura, iniciando a criação de gado para corte.	1
Lavoura (dois destes proprietários trabalhando em parceria com os outros herdeiros).	3
Parte principal da renda provem do trabalho assalariado dos filhos do casal proprietário. Lavoura essencialmente para subsistência.	1

Os proprietários que se utilizam da produção leiteira para manufatura de queijos acreditam que, assim procedendo, obtém renda maior do que a que obteriam se vendessem o leite ordenhado. Cada litro de leite transformado em queijo era vendido por Cr\$1,30, enquanto que, por cada litro de queijo fornecido, o proprietário fornecedor recebia Cr\$0,65 (dados referentes a julho e agosto de 1973), do qual é descontado o pagamento do motorista do caminhão que transportava o leite até o posto receptor da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares. Este pagamento era calculado tendo por base a quantidade de litros de lei-

te que o caminhão transportava mensalmente e o gasto com a gasolina calculado pela distância percorrida. Na manufatura de queijos, com 7 litros de leite produz-se, nos meses de inverno, 1 quilo de queijo. Nos meses de verão, esta relação se altera. Nestes meses, o leite é "mais fraco", "contém mais soro". Assim, embora aumente a produção de leite, a quantidade de queijos obtidos não aumenta proporcionalmente, pois mais litros de leite são necessários para que se produza um quilo de queijo.

Atualmente, o queijo é produzido com coalho industria-lizado — este e o sal são as despesas habituais no seu fabrico. Segundo uma informante, alguns compradores de Rio Claro manifestaram já um certo receio em comprar queijos fabricados por ela. O motivo desse receio, explicou, deve-se ao fato de que antigamente fabricava-se, em casa, o coalho da seguinte maneira: tirava-se o conteúdo do estômago de um porco morto e, sem limpá-lo, enchia-o de sal. Em seguida, ele era dependurado em um lugar quente, geralmente em cima do fogão. Algumas semanas depois, formava-se, no interior desse recipiente, uma massa pastosa — era o coalho a ser utilizado. A informante achou graça nos receios de seus fregueses pois acreditava ser perfeitamente possível que o coalho industria-lizado fosse produzido seguindo-se procedimentos semelhantes.

A manufatura de queijos, embora relativamente simples, requer bastante tempo de seus fabricantes. Depois de coalhado, o leite é despejado em uma forma de madeira sem fundo, colocada em

cima de uma base também de madeira. Com as mãos vai-se apertando este leite coalhado para que ele vá perdendo o soro. À medida que isto acontece abaixa-se o nível do leite na forma. É necessário então colocar mais leite coalhado. Deve-se apertar, nos dois lados da forma, o leite depositado. Isto é, quando a massa de leite coalhado perder o seu soro de maneira que comece a resistir às mãos do fabricante, vira-se a forma e começa-se a pressionar o leite que estava depositado em sua face inferior. Quando a massa assim formada tiver adquirido uma consistência adequada, ela é tirada da forma, envolvida com sal e depois com panos finos, limpos e úmidos. Em seguida deixa-se esta massa, que já é o queijo, em repouso.

Se os fabricantes considerassem, no cômputo do valor final do queijo, o valor do seu próprio trabalho, a diferença entre o preço do leite em forma de queijo e o preço do leite fornecido não seria tão grande. No município, entre os proprietários em geral, a não consideração do valor do próprio trabalho no cômputo final do valor do produto com ele obtido não discrimina o trabalho feminino do masculino. Assim, nesta região, é um falso problema a consideração de que, pelo fato de não remunerada, ser a mão-de-obra feminina explorada. É certo que a mulher e os filhos do proprietário que integram a força produtiva não são remunerados. Porém, o próprio trabalho do proprietário não é, por ele e por sua família, avaliado monetariamente.

Entre os fornecedores, apesar de, comparativamente à vida urbana, os proprietários sentem-se com maior liberdade morando na zona rural, esta liberdade é bastante limitada pela própria natureza da atividade leiteira. "É como serviço na cidade", dizem alguns considerando esta atividade. "É um serviço cativo", dizem outros. Esta limitação da liberdade é explicitada por alguns proprietários quando justificam sua preferência pela atividade da lavoura.

Eu, se for para retirar leite, ser cativo, eu prefiro mais a vida que eu estou, plantando ... Levantar quatro horas da manhã, chuva, frio, sábado, domingo!? Não tem feriado, não tem nada ... Fazer uma vida que faz, trinta dia corrido!? Eu vou odia que quero. (Parceiro, herdeiro de propriedade, 40 anos).

3.3 - Os Assalariados

Os assalariados dividem-se, por suas ocupações, em dois grupos: o dos roceiros e o dos leiteiros. O primeiro tem, por tarefa, manter limpos a roça e o pasto; o segundo, todas as atividades referentes à pecuária leiteira, desde o trato das vacas até a ordenha.

Os assalariados encontram-se, geralmente, nas grandes propriedades. Nas pequenas propriedades, em sua grande maioria, não são encontrados. Nestas, a força de trabalho é constituída pelo

dono da propriedade e por sua família. A fragilidade econômica da pequena propriedade tornando inviável e, algumas vezes, impossibilitando a contratação de empregados, pode, em certas situações, ser obstáculo à continuidade da posse da terra, como se observa no trecho de entrevista abaixo.

Depois comprei um sítio aqui do A. A gente vai morando uma temporadinha, mas tinha um maldito de um café, muito duro de tratar, nas fraldas da serra. Esse S.G. aqui era camarada meu, trabalhava junto. Depois largou eu na mão. Se eu largasse o café, a única coisa de valor que era ali era o café. Era 14 alqueire de terra ali, mas o que que valia? O resto era um pasto, mas um pasto tudo sujo, torto, ... Aí vendi para o M., achei que era melhor vender o sítio, porque se fosse ficar para mim eu tinha que largar do café. Eu não podia tocar os três mil pé de café, tirar leite, roçar pasto. Não guentava. As criança tudo miudica, pititica assim ... Ah! não tinha jeito (de contratar empregado) porque a gente não podia. Tinha que dar um jeito. Aí achei melhor vender ... Mudei para Gurita plantando de terça. (Proprietário, 50 anos).

Nas entrevistas com os assalariados perceberam-se também, uma série de considerações referentes à fragilidade da pequena propriedade com relação a sua sobrevivência. Alguns deles pertencem a famílias que foram, no passado, proprietárias de terra.

O meu pai trabalhava volante daqui para ali ... Tinha sitinho mas não dava para trabalhar. Era mais ou menos uns dois alqueire e meio. (Assalariado, 52 anos).

Lá nós compremos ... Meu padra^{sto} comprou o sítio junto com nós. Nós trabalhamos, pudemos pagar e foi naquela época que foi recolhido os mil réis e foi soltado o cruzeiro. Foi naquela época em 1942 ... Foi lá em São Pedro, lá no município de São Pedro, lá na beira da Serra ... E depois nós compremos o sítio lá, matemos de tanto trabalhar ... Ah! ele (o padastro) acabou ... Acabou em nada. Depois minha mãe morreu também e, depois de 20 ano ela morreu. Morreu, ele vendeu o sítio. Aquele poquito de dinheiro repartiu com nós e acabou em nada. Ele mesmo acho que não tem mais nada. (Assalariado, 43 anos).

História de vida significativa quanto às várias situações vivenciadas é a de uma atual mulher de assalariado (administrador). Tanto ela como o marido pertencem a antigas famílias expropriárias do município. Casados, passaram a morar com a família do marido. Disputas de liderança econômica entre os irmãos pressionaram-nos a abandonar essa residência. Desde então passaram por situações as mais diversas; foram várias vezes arrendatários, compraram nova propriedade, venderam-na. Com o dinheiro assim obtido compraram, no município de Itirapina, uma chácara. Venderam-na. Compraram uma "linha de leite" e uma casa na cidade. Depois,

abandonada a "linha de leite", foram sócios na posse de uma padaria. O marido porém, habituado às atividades agropecuárias, entre outros motivos, não se satisfez com estas últimas atividades. Há cerca de cinco anos, como trabalhador assalariado, voltou com sua família para o bairro rural onde nasceu. Trabalha agora em uma propriedade pertencente, no passado, à família de sua mulher. Esta propriedade, conta sua mulher, foi vendida pouco antes da morte do pai, venda motivada principalmente pela pressão de alguns irmãos que queriam a parte da herança em dinheiro pois pretendiam sair do local e tentar a vida na cidade.

As residências dos assalariados apresentam-se, em geral, desprovidas de um bom nível de conforto dentro dos padrões urbanos. Quase todas possuem chão de terra batida. Os móveis são pobres e em pouca quantidade. Quando moram em colônias, para suprir a necessidade de água existem apenas de um a dois tanques para uso de várias famílias. Apesar desta situação, o fato de "não pagarem aluguel de casa" é apresentado como uma vantagem sobre a vida urbana. São raros os que dizem já vir este aluguel descontado de seu salário. O pouco "luxo" nas casas e nas roupas exigido pela zona rural é outra destas "vantagens" da zona rural, vantagens estas que revelam, por parte dos atores rurais, a falta de perspectiva de melhorar de vida seja mudando para a cidade, seja permanecendo na zona rural. Outra vantagem econômica oferecida pela zona rural é com relação à alimentação. Assim, se o proprietá-

rio coloca obstáculos à criação de animais, à manutenção de uma "rocinha" pelos assalariados, ou se abstem de ajudá-los, em espécie, na alimentação, uma parcela das vantagens que a zona rural oferece comparativamente à zona urbana se perde, e a atração urbana se define mais. Nas condições acima apontadas, a necessidade de participação em uma economia mais monetarizada aumenta.

Eu fui criado em sítio. Na cidade, nunca em minha vida morei. Nunca, nunca, nunca. Só na fazenda. Fazenda e sítio ... Aqui é bem melhor que na cidade ... Ah! a gente conversa com o vizinho, com outro; ninguém tem queixa um do outro ... (Mas aqui no sítio) aquela história, né?! Nem para baixo nem para arriba. Plantar, não planta. É tudo na venda. Na venda aquele ordenadinho não dá para comer, né?! Eu tiro 200, 250, 270 conto por mês, eu tiro... Galinha eu estou criando galinha; horta em fazenda conforme o tempo, né?! A gente perde um dia para fazer horta, faz falta, né?! Cidade é muito melhor ... Porque ganha muito mais, né?! Aqui, o que eu faço com 8 conto? ... (A mulher) fala que é bobagem (mudar para a cidade), que na cidade gasta muito. E gasta mesmo, né?! Aqui qualquer coisa é bom. Qualquer coisinha. Aqui come polenta, aqui qualquer coisa é bom. (Assalariado, 38 anos).

4. O Trabalho de Campo

4.1 - Instrumentos de Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de entrevistas, a maioria gravada, seguindo um roteiro pré-elaborado, construído a partir do quadro teórico. Porém, tal roteiro não se transformou em um esquema rígido. Lembra-se aqui novamente o caráter da pesquisa que não teve, à disposição, estudos anteriores do mesmo tipo a lhe servirem de referência. Assim talvez, muitos elementos importantes para os atores do Sistema Social Rural poderiam ter sido deixados de lado se se ativesse exclusivamente a um roteiro rígido que poderia não ter considerado o levantamento daquelas variáveis importantes. Deve-se lembrar que tais variáveis imprevistas não escapam aos interesses da Teoria da Ação, desde que sejam aspectos importantes, ou que sejam assim considerados, no quadro da vida dos atores do Sistema Social Rural e, portanto, importantes para o próprio Sistema Social. Por outro lado, tais variáveis não escapam aos interesses da pesquisa, desde que — e principalmente porque — a preocupação é visualizar o Sistema Social Rural da perspectiva dos seus atores participantes.

Subsidiando e complementando as entrevistas, utilizaram-se:

- a) Observação participante;

b) Redações escolares, com a colaboração de alguns professores de escolas primárias rurais, obtiveram-se dissertações sobre temas a respeito da vida rural — "Por que vivo no sítio", "Como é a vida no sítio" — e também a respeito da vida urbana — "A vida na cidade". Os professores foram orientados no sentido de que não deveriam dar maiores informações a respeito de o que e de como deveriam fazer as redações. Elas foram, além do mais, redigidas, preferencialmente, em casa, esperando com isto coletar impressões não apenas dos atores em idade escolar, como também de seus pais e/ou de outros atores com os quais as crianças estão em contato e de quem elas seriam porta-vozes.

4.2 - População e Amostra

4.2.1 - População

A população do município de Itirapina em 1970 foi calculada em 6.968 habitantes, 2.425 dos quais morando na zona definida pelo censo como rural. Através dos dados apresentados na Tabela 8, percebe-se que o município atravessa uma fase de esvaziamento populacional decorrente, provavelmente, do processo de "polarização" já referido. Este esvaziamento atinge principalmente as áreas rurais. A população destas áreas apresenta menor participação relativa (34%) na população total em 1970. Esta participação é maior em 1950, possivelmente em decorrência da recente implanta

ção do porto receptor de leite da Cia. Brasileira de Produtos Alimentícios, implantação que proporcionou, de imediato, para a população, um aumento do seu nível aquisitivo.

Tabela 8 - População, por Domicílio, do Município de Itirapina (em 1940, 1950, 1960 e 1970).

Domicílio	1940		1950		1960		1970	
	m	%	m	%	m	%	m	%
<u>ITIRAPINA</u>	<u>8.685</u>	100%	<u>7.309</u>	100%	<u>8.086</u>	100%	<u>6.968</u>	100%
URBANA	2.630	30%	1.902	26%	3.540	44%	4.543	66%
SUBURBANA	1.324	16%	1.046	14%	---	---	---	---
RURAL	4.731	54%	4.361	60%	4.546	56%	2.425	34%
Itirapina	<u>7.173</u>		<u>5.589</u>		<u>5.667</u>		<u>5.864</u>	
urbana	2.475		1.835		3.350		4.360	
suburbana	1.316		895		---		---	
rural	3.382		2.859		2.317		1.504	
Itaqueri da Serra	<u>1.512</u>		<u>1.720</u>		<u>2.419</u>		<u>1.104</u>	
urbana	155		67		190		183	
suburbana	8		151		---		---	
rural	1.349		1.502		2.229		921	

Fonte: Censo de 1940, 1950 e 1970.

Sinopse Preliminar do Censo de 1960.

Segundo o recadastramento do INCRA, a população residente na zona rural em 1972 era da ordem de 1827 indivíduos. A distribuição desta população pelos bairros rurais encontra-se em tabelas nos Apêndices.

De acordo com uma pesquisa realizada em 1969 ⁽¹⁰⁾, a família rural de Itirapina tinha, em média, 5 membros. Com os dados do censo, portanto, estima-se cerca de 528 famílias residentes na zona rural.

Desta população o interesse da pesquisa limitou-se aos parceiros, assalariados e proprietários não absenteístas que, em geral, são encontrados entre os pequenos e médios proprietários.

4.2.2 - Amostra

A amostra foi seletiva, não havendo um tamanho pré-determinado a orientar o seu levantamento. O tamanho ficou na dependência das informações coletadas. Enquanto estas não satisfizeram os interesses da pesquisa, não permitindo a visualização do mundo mental dos atores e a construção do Sistema Social Rural, o levantamento amostral continuou se processando. Desde que os dados essenciais são qualitativos, não seria o tamanho quantitativo

⁽¹⁰⁾ Pesquisa sobre planejamento familiar, realizada no município de Itirapina, com a finalidade de atender às exigências da Cadeira de Métodos e Técnicas de Pesquisa, do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

da amostra a delimitar o seu levantamento,mas sim o conjunto, qualitativamente satisfatório, daqueles dados.

As figuras dos motoristas de caminhões das "linhas de leite", dos professores das escolas primárias rurais e de antigos moradores da zona rural hoje residentes na cidade, foram importantes no processo inicial seletivo da amostra. Este grupo, por sua vivência e conhecimento da zona rural, indicaram pessoas interessantes por se caracterizarem não apenas por uma longa tradição rural (filhos de antigas famílias de zona rural) como também por se mostrarem dispostas a falar, ou seja, constituindo bons informantes. Por outro lado, algumas delas propiciaram a localização de novos informantes. A Tabela 6 apresenta a amostra em estudo.

4.3 - A Experiência de Campo do Investigador.

Para as visitas às áreas acima descritas, o primeiro problema que se apresentou foi o de acesso. Nisto o pesquisador colocou-se diante do problema mais comumente citado pelos habitantes rurais entrevistados: o contato entre a zona rural e a cidade. O caminhão de leite é o meio de transporte mais utilizado para esse contato e o pesquisador dele também serviu-se. Ia de caminhão de leite ao bairro, descia em um ponto determinado e, a partir deste, visitava os diversos sítios a pé. Muito embora isto coloque o estudioso, de maneira artificial, dado que é uma situação transitória, dentro de um dos problemas rurais mais citados, o le

vantamento de dados é dificultado. Muitas vezes visita-se a zona rural conseguindo-se, no dia, realizar uma só entrevista ou mesmo nenhuma. Por outro lado, ganha-se em familiaridade com o pessoal. Note-se: ganha-se em familiaridade, não se torna um igual. O pesquisador, embora possa ser ou se tornar amigo dos habitantes rurais, é sempre alguém procedente da cidade, ambiente que, além de ser diferente, em seu modo de vida, da zona rural, produz e emite, a respeito desta, uma imagem desprestigiada. Os moradores rurais têm consciência e se ressentem com esta desvalorização. Uns sentem-na, reagindo a ela criticamente:

Geralmente ... muita gente pode falar: " o I. é um homem atrasado. Podia morar na cidade, mora no sítio". Tem o J.L. ali também. Pode falar: "O J.L. é muito bobo", porque o J.L. é muito rico, né? ... Naturalmente ... é que nem o J.L., por uma hipótese, que nem eu assim ... Se eu for ficar f chado, por exemplo, dentro de uma cidade, eu fico doente, né? Então eu acho que no meu sítio está bom, né? O J.L. podia ter um bangalô em Santos ... Mas ele falou que para ele cidade é só para ir e voltar logo. (Proprietário, 61 anos).

Outros sentem-na, mas reagem a ela passivamente, como uma mulher de parceiro que, depois de finda a entrevista, perguntou ao pesquisador se ele iria, com seus amigos da cidade, divertir-se com a gravação. Esta preocupação já havia sido evidenciada durante a entrevista:

Conversar com os caipira, né? Chega lá na cidade ... O pessoal do sítio são tudo caipirada. Eu não sei nem conversar, né? Porque eu não sei ler... Eu sei falar por rumo ... Não sei falar não. Tenho vergonha até de conversar com gente que sabe falar. Eu fico com vergonha ... A gente vai na cidade, está vendo, está olhando, não é bobo. Mas a gente olha uma coisa, não entende nada, olha outra coisa. Ah! tomar banho ... Ah! não gosto não. (58 anos).

O problema de contato com a zona urbana não é citado pelos moradores do bairro de Itaqueri da Serra onde existem jipes e automóveis particulares em maior número e para onde circula, diariamente, uma "jardineira". Este contato mais sistemático realizado pela "jardineira" tornou-se necessário depois da implantação de um ginásio estadual em Itirapina o que atraiu a população em idade escolar daquele bairro.

Dentro da área rural, os moradores locomovem-se, em geral, a pé ou a cavalo. A cavalo, muitos deles chegam a ir até a cidade de Itirapina e mesmo até a cidade de Ipeúna, conforme seja a localização do bairro em que moram. Esta situação vai interferir na concepção que se tem de "distância". As distâncias que podem ser vencidas a pé ou a cavalo são consideradas pequenas — "é pertinho" — distâncias estas que para quem vai da cidade, são difíceis ou cansativas para serem percorridas da mesma forma. Alguns habitantes rurais encaravam o pesquisador com um sentimento misto

de incredulidade, de admiração e até de piedade quando eles diziam ter precisado percorrer a pé determinadas distâncias. Por outro lado, lugares que só podem ser atingidos por trem ou por meio de qualquer outra condução motorizada, são considerados "muito distantes". Muitos, ao se referirem a municípios vizinhos ou próximos, ou mesmo a outras propriedades rurais localizadas em outro extremo do município, consideram-nos longe demais apesar de, para muitos que moram na cidade, serem razoavelmente próximos devido à facilidade de acesso que as ligações ferroviárias e/ou rodoviárias proporcionam.

Outro fator que dificultou o levantamento de dados através de entrevistas foi a preocupação do pesquisador em não provocar problemas aos trabalhos que os atores rurais estavam realizando. Muitas vezes chegou-se a um determinado sítio e teve-se que esperar o término da ordenha, do corte da cana, do trato às vacas, e de que limpassem o mangueiro. Durante este período os atores rurais conversavam entre si e com o pesquisador, contavam casos, comentavam a respeito de outras pessoas, perguntavam a respeito dos objetivos da pesquisa em realização. Pela observação enquanto esperava, aprendeu-se mais da sua atividade econômica do que se aprenderia meramente através de entrevistas. Alguns termos muito utilizados e seu respectivo significado são aprendidos também facilitando a comunicação. Assim, o que se perde em levantamento de dados através de entrevistas orientadas ganha-se em observação par-

ticipante e em conversas informais. Os termos mais utilizados nas referências às atividades leiteiras são:

- peiar: atividade de amarrar o bezerro junto à mãe, prendendo o rabo e as pernas da vaca para que esta não dificulte a ordenha;
- pojar: intumescer os tetos da vaca para poder ordenhar;
- tuia (tulha): cômodo exterior à casa de morada onde se guardam os instrumentos de trabalho e a produção agrícola;
- baia: divisões em madeira, feitas no mangueiro, para facilitar o trato das vacas.

O local onde se tira o leite e se trata das vacas — o mangueiro — é conhecido também pelo nome de retiro. O leiteiro é chamado por alguns de retireiro.

Curioso é perceber que, para muitos, o termo empregado tem conotações urbanas. Se se perguntar a uma mulher, por exemplo, se o seu marido é empregado, é possível que ela responda: "Não, ele é roceiro", explicando que ele nunca trabalhou em cidade.

4.4 - Reações dos Informantes Face ao Entrevistador

Para registrar as entrevistas foi utilizado gravador. Em geral, não ocorreram problemas quanto a esta utilização. Quando os informantes conheciam gravador — e conheciam-no como instrumento de "brincadeiras" — era difícil conseguir um clima de

seriedade, ainda que informal, como aconteceu na entrevista de onde extraiu-se o trecho abaixo transcrito.

Ah! Não vai dar não. Vocês estão dando uma de M. aí. O M. também veio com essa encrenca (o gravador). Isso aí, vocês vão me encher o saco com isso aí.... É sério mesmo? Então vai. (Proprietário, 60 anos).

Algumas reações diante da utilização de gravador na situação de entrevistas devem ser descritas para uma avaliação daquele instrumento para registro de entrevistas.

4.4.1 - Uma destas situações aconteceu com um assalariado, diarista, roceiro, 43 anos. Depois de haver já falado bastante de sua vida, sua mulher avisou-o que a conversa estava sendo gravada. Sua reação foi imediata: ele arregalou os olhos e, abruptamente, perguntou por que não havia sido avisado sobre isto. A justificativa para esta reação veio a seguir quando ele disse: "Mas você devia ter explicado, né?! Senão sai chato, viu? É como tirar uma fotografia assim. Não sai boa, né?!" Depois de encerrada a entrevista, ele quis ouvir sua voz gravada. Ouviu muito atento, os olhos comprimidos, testa enrugada, o corpo arcado, braços para trás, andando em volta da mesa onde estava o gravador. Por fim falou mais ou menos assim: "Puxa vida, a gende ouve os caipiras no rádio falando e acha graça. Mas não é que a gente fala como eles?!!!"

4.4.2 - Esta preocupação com a impressão a ser causada, já referida anteriormente, foi revelada também nas considerações de uma mulher de parceiro. Depois de acabada a entrevista ela insinuou que talvez a sua conversa gravada serviria para que pessoas da cidade rissem daquelas que moravam na zona rural. Durante a entrevista ela já havia afirmado isto.

Conversar com os caipira, chega lá na cidade!!! O pessoal do sítio são tudo caipirada. Eu não sei nem conversar, né?! Porque eu não sei ler ... Eu sei falar por rumo ... Não sei falar não. Eu tenho vergonha até de conversar com gente que sabe falar; eu fico com vergonha. (58 anos).

4.4.3 - Alguns informantes não se preocuparam com a impressão a causar. Um assalariado entrevistado durante o horário de seu almoço é um exemplo. Desdentado, ele "brigou" durante todo o almoço com um pedaço de carne de porco que sua mulher havia fritado. Em um certo momento, teve a seguinte discussão com a mulher, identificada, na transcrição abaixo, pelas letras RC.

O assalariado: "Eh! C., você errou de fritar essa carne; estou no ponto de jogar fora".

RC: "Epa!!! Vai falando aí que está gravando já".

O assalariado: "Não faz mal que grave. Ao menos fica sabendo ..."

4.4.4 - Outro exemplo neste sentido foi a reação de uma mulher de assalariado. Chegando à sua casa, foi-lhe explicado o que se pretendia. Ela fez entrar o pesquisador e disse-lhe suas opiniões sobre os lugares por onde passou, sobre os patrões, companheiros, motivos de saída de alguns lugares, etc. Quando o pesquisador foi embora, ela o acompanhou até a porteira e, desculpan-do-se, pediu-lhe que voltasse outro dia, pois ela havia falado por demais não lhe dando oportunidade de perguntar-lhe o que pretendia. Porém, tranqüila e espontaneamente, ela já havia falado tudo aquilo que se pretendia saber. Em outro dia, seu marido foi entrevistado. Neste dia quis ela saber como funcionava o gravador. Curiosa, quis gravar a sua própria voz. Contou algumas passagens de sua vida. Dissertou, oralmente, sobre a visita que havia feito, no domingo anterior, a uma sua comadre, proprietária na região, para juntas, limparem um porco que havia sido morto. Depois contou sobre o dia em que sua filha, residente na cidade de São Paulo, recebeu o automóvel novo que havia comprado.

O receio pressentido quanto à realização de entrevistas com os atores rurais e, mais do que isto, em gravá-las, revelou-se sem propósito. Em geral, os atores rurais portam-se tranqüilamente e, muito à vontade, falam de sua própria vida. Mesmo aqueles que revelam uma certa desconfiança inicial tornam-se bons informantes tão logo o entrevistador deixe de ser um estranho e conquiste um pouco de sua simpatia.

Não é só neste sentido que o receio inicial em se realizar entrevistas revela-se sem propósito. Mesmo quando aparentemente as reações dos entrevistados são desagradáveis, elas se mostram, a partir de uma análise menos superficial, reveladoras sobre certos aspectos. Isto foi sentido na entrevista com uma mulher de parceiro (33 anos). Ela recebeu muito bem o pesquisador em sua casa, serviu-lhe leite, mas parecia, pelas atitudes, não estar muito disposta a falar. A cada pergunta feita, ela desconversava perguntando-lhe se não queria mais leite, ou pão, ou café. Chegou-se mesmo a pensar que ela estivesse sentindo-se importunada. Porém, abruptamente e sem que lhe fosse perguntado, ela disse que não se importaria em falar de sua vida, mas que não estava certo que esta conversa fosse gravada. Explicou porque pensava assim:

Veio um pretinho de Limeira, até é empregado do D. ... Gravou a prosa do meu pai e agora esses dia saiu em Piracicaba. Mas disse que é uma galhofa!!! Se for assim eu não quero não, viu? Porque depois a gente é pobre, né?, é tonto, não é mesmo? Para depois levar lá e para você fazer pouco caso na gente, não é verdade? Ninguém vai mexer com o pessoal da cidade ... Não, eu também não nego (falar). Se não for fazer pouco caso, eu não nego também. Pode gravar minha conversa. Se não for fazer pouco caso, eu não faço conta; mas eu estou aqui, não vou mexer com ninguém, não é mesmo? E também não quero que ninguém venha mexer com minha vida, não é mesmo?

Foi nesta entrevista que, mais do que em qualquer outra, explodiu, franca e agressivamente, a consciência que os atores rurais possuem a respeito da desvalorização urbana dos traços culturais "caipiras", e da oposição campo/cidade. A entrevistada negava-se a ter uma atitude passiva e totalmente disponível a um elemento vindo da cidade que poderia, como tal, conter em si todos os estereótipos negativos produzidos pela cidade em relação à vida rural. E, mais do que isto, alguém que poderia contribuir, através das entrevistas gravadas, para a continuidade destas desvalorizações.

Em geral, todos os entrevistados interessavam-se pelos objetivos da entrevista, pela importância que aquela conversa poderia ter para o entrevistador. Esta sua curiosidade era satisfeita dizendo-lhes que o interesse, pela própria natureza dos estudos sociais, dirigia-se em saber como as pessoas vivem e destas, em especial, os moradores da zona rural. Porém, como o pesquisador nunca havia morado em sítios, era necessário que aqueles que aí morassem contassem-lhe a respeito de sua vida; que lhe ensinassem, em outras palavras, como era a vida no campo. Esta explicação não só os satisfazia como os tornava mais propensos a falar. Além disso, em geral, todos se interessavam em saber quem era o entrevistador, mas não no sentido de qual era o seu nome, o que fazia. Os atores rurais queriam identificá-lo relacionalmente, isto é, queriam saber a que família ele pertencia, quem eram seus pais. Mes-

mo quando eles se identificavam, ou identificavam outras pessoas, faziam-no contando quem eram seus pais, seus irmãos, com quem estes haviam se casado, etc. Esta identificação feita em bases relacionais confirma uma vez mais o que se disse em outra altura deste trabalho. A saber: o entrevistador não se torna um igual por mais confiança que possa despertar nos atores rurais. Ele pertence, acima de tudo, a um círculo familiar que possui limites urbanos, sem ramificações rurais e, mesmo quando isto acontece, ele participa de uma escala de valores e de normas de comportamento urbanos que não o abandonam quando ele penetra nos limites geográficos rurais.

CAPÍTULO IV

A PERMANÊNCIA NO SISTEMA SOCIAL RURAL

1. O Fenômeno da Permanência no Mundo Rural

O pesquisador, muitas vezes, vai ao campo para a coleta de dados referentes a algum ou alguns objetivos determinados, orientado por um quadro teórico logicamente construído, esperando encontrar na realidade, através de suas observações, uma resposta definida e segura para suas indagações, resposta esta desprovida de ambiguidades. Mas como encontrar tal resposta se a realidade, ela mesma, é, com relação a certos problemas, ambígua?

Em contato com o mundo rural, a princípio, ele é sentido simplesmente como um somatório de informantes e não como aquele produto "sui generis" que confere às sociedades em geral um aspec-

to de unidade. Esta passagem de sensações, de um mero agregado para a percepção de conjunto do mundo rural, não se dá sem demora. O fato de se estar orientado por um quadro teórico consistente não implica que, automaticamente, sem que os contatos se tornem mais constantes, profundos e refletidos, se apreenda a totalidade unitária da realidade de interesse. Isto vai acontecendo através da observação contínua e sistemática, através do processo de interação pesquisador-informante. Vagarosamente, o mundo rural vai se construindo em nossa mente; vagarosamente, percebe-se que, por detrás de informações isoladas existe um conjunto de percepções, idéias, valores, normas de comportamento, emoções. É só aí que se concretiza a informação metodológica de que uma teoria é um instrumental para o conhecimento de uma realidade.

Porém, o mundo rural assim percebido, não se apresenta em relação ao problema permanência, desprovido de ambiguidades e, portanto, não fornece, em relação a este problema, uma resposta definida e sem dúvidas. Os informantes vacilam, geralmente, entre a atração do urbano e a permanência no rural. Questionados sobre a vida urbana, apresentam uma série de características positivas que ela possui. A vida rural porém, apresenta também, da perspectiva destes atores, uma série de vantagens sobre a vida urbana. A decisão final de permanecer ou emigrar resulta quase que de um balanço entre estas vantagens comparativas. Parece que, se a vida na zona rural perder algumas de suas características positivas, o balanço

final pode apresentar-se deficitário com relação à permanência trazendo, como consequência, a evasão. Assim, por exemplo, se as relações entre patrão e empregado tornarem-se absolutamente monetarizadas (ou contratuais), e aquele não permitir que este último tenha sua roça, crie seus animais, a atração da cidade mais se define, exceto se o aumento salarial compensar a perda destas facilidades. Assim também acontece se as expectativas com relação à vida urbana apresentarem-na financeiramente capaz de preservar o mesmo padrão de vida possível na zona rural. As decisões portanto são possíveis de se alterar conforme se alterem não só as condições rurais e urbanas mas também conforme se altere a percepção destas condições, o que pode ser ocasionado pela emissão continuada de "atrações" da cidade em relação à zona rural.

Cabe mencionar aqui o conceito de privação relativa, pois que a decisão de permanecer ou emigrar não é tomada pelo ator rural considerando-se a situação da zona rural a partir de critérios absolutos. Aquela decisão é tomada com referência às possibilidades que a zona urbana oferece de melhoria de vida, comparativamente à vida rural. As situações rurais consideradas privacionais, isto é, falhas na concessão de facilidades e gratificações ao ator, o são em comparação com a vida urbana. Deve-se notar que não são todos os grupos urbanos que são assumidos como referência. Nas considerações gerais a respeito da vida na cidade, os atores rurais podem se referir a grupos ocupando posições profissionais corres-

pondentes a médias e altas rendas, porém, quando consideram a perspectiva de sua mudança para a cidade, não são aqueles os grupos de referência. Nesta situação, eles se referem basicamente aos grupos menos privilegiados, grupos desempenhando profissões para as quais não se exigem qualificações especiais, profissões estas que eles, indo da zona rural, podem desempenhar. Em relação a estes, a sua vida na zona rural é considerada privilegiada. Ao se referirem, para suas considerações a respeito da vida rural e urbana, àqueles grupos em condições sócio-econômicas semelhantes ou piores que a sua, os atores rurais revelam a percepção que possuem na sociedade em geral, a saber, uma sociedade com pouca mobilidade. Para os atores rurais, notadamente para os assalariados e para os parceiros e mesmo para os pequenos proprietários, independentemente da situação geográfica, as condições sócio-econômicas continuam opressoras. Assim, variações mínimas nestas condições e avaliações de outros fatores como liberdade (na zona rural), e diversões, maior facilidade de atendimento médico quando necessário, mais gente reunida (na zona urbana), influenciam o balanço permanência-migração.

A situação que se apresenta ao observador é portanto ambígua, decorrente da percepção dos atores rurais a respeito da inexistência de alternativas possíveis para melhorar seu padrão de vida. Para muitos, a loteria esportiva é considerada como uma possibilidade para esta melhoria. Volantes de loteria esportiva são encontrados na quase totalidade das casas rurais.

A permanência acontece paralelamente com a vontade de usufruir das vantagens urbanas. Isto pode ser percebido através das informações de um único ator. Esta ambiguidade foi percebida com clareza, pela primeira vez em entrevista com um assalariado rural, da qual o trecho mais significativo é transcrito abaixo. Toda a conversa transcorreu sempre se definindo a posição vantajosa que a vida rural tem em comparação com a vida urbana, até o momento em que este assalariado afirmou que as pessoas da cidade passam "mais bem" do que as do sítio.

O assalariado: "Trabalhar no sítio é melhor do que morar na cidade e trabalhar (como volante) ... Passa muito mais apertado, não sobra nada; não dá nem para comer. Não dá mesmo. Eu nem experimento por que sei que não dá certo. No sítio sempre gasta um pouco menos do que na cidade, né? Aqui, se tem alguma carne, come; se não, não come. Lá, está pertinho do açougue; qualquer hora dá".

P: "Aqui, não paga aluguel?"

R: "Eles já faz um preço que já sai descontado, né? Já sai descontado".

P: "Mas não recebe salário?"

R: "Recebe salário mínimo, mas o mínimo mínimo. Pouquinho salário. Mas já sai descontado. Acho que até mais do que precisava descontar".

P: "E, come-se melhor no sítio?"

R: "Não, na cidade o povo passa mais bem".

P: "Mas passa mais bem ou é pior?"

R: "Não, gasta tudo que ganha, mas se alimenta mais bem, né? Não é isso? Se alimenta mais bem na cidade, só que gasta? Às vezes não dá mesmo o salário que ganha".

O açougue, citado por este ator rural, simboliza, em certos aspectos, a atração exercida pela cidade. Carne bovina é alimento raro entre a população rural. Na cidade, a facilidade de acesso a açougues permite uma maior variabilidade da dieta alimentar. Porém, como o mesmo ator declara, esta variabilidade constitui na cidade, prerrogativa de grupos sociais economicamente bem situados, dos quais o "volante" não faz parte.

Assim, a permanência na zona rural, apesar do contínuo "bombardeio" de atrações oferecidas pela zona urbana, implica, do ponto de vista funcionalista, que forças funcionais contrárias à evasão sejam ativadas, e cada vez mais ativadas conforme se intensifique este "bombardeio". A análise final, explicitará algumas destas forças funcionais.

2. O Sistema Social Rural e Seus Sub-Sistemas

O Sistema Social Rural é caracterizado aqui através dos Sub-Sistemas AGIL. Estes sub-sistemas, analiticamente distinguíveis em todos os sistemas de ação, dão respostas a imperativos ou necessidades funcionais, respostas essas necessárias à sobrevivência do sistema em consideração. O quadro 3, apresentado na página

40, resume estas necessidades e suas respostas respectivas.

2.1 - Sub-Sistema Adaptativo (A)

Procura-se observar neste ítem, como o Sistema Social Rural estudado tem se relacionado com o Sistema Natural e com outros Sistemas Sociais, no caso específico, o Urbano. As relações Sistema de Personalidade x Sistema Social e Sistema Social x Sistema Cultural devem ser estudadas dentro do Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão, onde, inserindo-se o processo de socialização, são manipulados os "elementos de personalidade que mantêm motivação adequada a se conformar com valores culturais".

Para Parsons, "a economia é o sub-sistema básico especializado em relação à função adaptativa da sociedade" (1967, p. 131). O processo de adaptação ao Sistema Natural é importante no estudo de grupos sociais pois, de acordo com A. Cândido, "a existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio" (1971, p. 73). Este processo de adaptação aparece assim como um recurso essencial para que um grupo social considerado obtenha a meta desejável de sobrevivência.

Por outro lado, o processo de relacionamento com o Sistema Urbano deve ser amplamente considerado, não apenas porque o

excedente de produção do Sistema Rural é apropriado pelo Sistema Urbano mas também porque, e principalmente porque, através deste processo de relacionamento, o equilíbrio inicial entre as necessidades do Sistema Rural e os recursos de que este dispõe é alterado. Para a obtenção deste equilíbrio, afirma Antonio Cândido, dois ajustamentos são necessários:

- 1) o encontro de soluções que permitam explorar o meio físico para obter recursos de subsistência;
- 2) o estabelecimento de uma organização social compatível com elas" (1971, p. 25).

Neste processo adaptativo portanto se superpõem e se complementam, o Sub-Sistema Adaptativo, o Conseqüência de Meta, o Integrativo e o Manutenção de Padrão. Assim, todos aqueles aspectos analisados da perspectiva de um Sub-Sistema podem ser analisados da perspectiva dos outros Sub-Sistemas.

2.1.1 - Adaptação ao Sistema Natural

Observa-se, nas afirmativas de Diagnóstico (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, julho/72), que os tipos de solos componentes da região do município de Itirapina se dispõem principalmente às atividades pecuária, de reflorestamento e à conservação da vegetação natural.

O reflorestamento, atividade que tem se intensificado nos últimos anos, é uma atividade trazida de fora por pessoas e grupos eminentemente urbanos. Entendendo reflorestamento como a atividade de recriar florestas em locais onde a floresta primitiva foi derrubada e, preferencialmente, com a plantação de espécies vegetais características da região, a aplicação do termo para simbolizar as atividades desenvolvidas no município de Itirapina é discutível. Aí, o que se verifica não é simplesmente a criação de novas florestas com espécies não próprias do cerrado como o eucalipto e o pinus, mas também o desbastamento da vegetação natural do cerrado para o plantio das espécies citadas.

A população rural do município porém, como se viu, tem se adaptado a duas das principais possibilidades oferecidas pelos solos do Sistema Natural: a pecuária e a conservação da vegetação natural (pastagens naturais).

Através deste processo adaptativo e do processo adaptativo ao Sistema Social Urbano determinaram-se os principais papéis instrumentais do Sistema Social Rural:

- 1º) O do leiteiro ou retireiro: papel desempenhado pelo ator rural que tem, como principais tarefas, a de cuidar do trato das vacas e de ordenhá-las.
- 2º) O de roceiro: papel desempenhado pelo ator rural que deve conservar limpos o pasto e a roça.

3ª) O de tratorista: papel principalmente encontrado nas grandes propriedades.

4ª) Nas grandes propriedades, principalmente, encontram-se atores que se ocupam basicamente, da conservação de mangueiros.

É importante observar que nas pequenas propriedades estes papéis são desempenhados pelos mesmos atores, em geral, o proprietário e sua família.

2.1.2 - Adaptação ao Sistema Social Urbano

A adaptação do Sistema Social Rural ao Sistema Social Urbano será observada em três atividades principais: a atividade econômica, o lazer e a atividade escolar.

A atividade econômica e as formas de lazer mais a busca de assistência médica são os motivos mais comumente apresentados pelos atores rurais para suas idas à cidade. A vontade de que os filhos continuem frequentando a escola é um dos motivos apresentados pelos atores rurais para uma provável migração à cidade. Por outro lado, sendo a escola primária rural uma extensão dos padrões e valores urbanos dentro da própria zona rural, é de especial importância sua inclusão no estudo dos processos de relacionamento entre o campo e a cidade.

Aqui também, estas formas de relacionamento com a zona urbana são meios de os atores rurais alcançarem algumas metas de-

terminadas. Podem-se estudá-las, conseqüentemente, tanto quanto à sua função adaptativa como à sua função de consecução de meta, ou mesmo à maneira de se integrarem os papéis para esta adaptação e consecução de meta e aos padrões envolvidos na orientação das atividades relacionadas a estes papéis. Ao se relacionarem à zona urbana enviando-lhes o excedente de sua produção, os grupos rurais obtêm uma renda que lhes permite usufruir parcialmente de algumas facilidades e gratificações da zona urbana. Este relacionamento que se faz além disso, através de outros veículos de comunicação (o rádio principalmente), provoca a geração de novas necessidades entre os habitantes rurais, alterando a esfera de metas a serem atingidas, provocando, conseqüentemente, alterações no equilíbrio entre "as suas necessidades e os recursos do meio físico".

A - Atividade econômica: Por informações obtidas através de entrevistas com antigos residentes rurais, sabe-se da primitiva atividade leiteira que tinha, na manufatura do queijo e subsistência da população rural, o seu principal destino. Leiterias da sede do município foram também abastecidas pelo leite "caipira" até a determinação obrigatório do comércio de leite pasteurizado (início da década de 1970). O Sistema Social Rural cumpriu assim, e continua a cumprir ainda hoje através da Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares, com a sua função de alimentar o Sistema Social Urbano.

Com a instalação no município do posto receptor da Cia. Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares, intensificou-se o relacionamento com o Sistema Social Urbano. As "linhas de leite", sistematizando este relacionamento, surgem como importante meio de informação e comunicação. Conseqüentemente a esta sistematização, o Sistema Social Rural passou a sofrer mais as vicissitudes da economia pecuária. Atualmente, passada a euforia inicial com aquela implantação, os produtores locais começam a se ressentir com os preços do leite, alguns mesmo afirmando que a maior parte de sua renda provem de atividades paralelas como, por exemplo, a venda de bezerros. A euforia acima referida relacionava-se com o impacto monetário positivo advindo do fornecimento de leite à Companhia. Com a intensificação da economia monetária os atores rurais passaram a viver "melhor" dentro dos moldes urbanos, isto é, puderam se relacionar mais com o Sistema Social Urbano como consumidores de seus produtos.

Quando eu tinha quinze anos mais ou menos, apareceu a Nestlé. Agora a Nestlé teve um progresso muito. Todo mundo ficou assim animado, todo mundo vendia leite. Então os meus irmãos cresceram na, como é que se fala? Com o teto cheio eles falam ... Os proprietários aumentaram de bens, porque daí, como é que fala?, já sobrava dinheiro. Então os meu irmão já compraram essa propriedade aqui com a Nestlé. Se não tivesse a Nestlé, só na enxada, bem, só no caipira, só no plantar arroz, plantar feijão, às ve

zes não dá certo. E a Nestlé não, a vaca deu. Agora a vaca agora está caindo. Faz 30 anos mais ou menos. Agora já está caindo. O proprietário daqui mesmo fala que não dá mais nem um pingo de lucro a Nestlé por causa do leite está muito barato, porque a vaca custa caro. E os empregado, né? Você vê quantos empregados não trabalha aí? Você vê, formando pasto para a vaca ... O gasto da fazenda é bastante, o leite não compensa ... Quem falou isto foi o J. (o proprietário), né? Ele quem faz as conta tudo. Ele acha que não compensa; está muito barato o leite. E, se for desse jeito, ele fala que vai cair o leite. Teve 30 anos de gostosura, né? ... Ele acha que vai mudar para a laranja ... O leite ele segue só porque já é mesmo, não sei, é naquele ambiente de leite ... (Mulher de assalariado, 45 anos, de uma família ex-proprietária, tradicional).

Gerando novas necessidades possíveis de serem satisfeitas com produtos industrializados, a cidade garante a si mesma a satisfação de uma de suas necessidades primárias — a alimentação. Para poderem adquirir aqueles produtos, os grupos rurais não apenas continuaram a dispor de parte de sua produção vendendo-a à cidade, como também se reorganizaram economicamente centralizando-se gradativamente em torno da pecuária. Atualmente, não só os produtores como também os motoristas das "linhas de leite" desencantam-se com esta atividade.

Aqueles que se dedicam à atividade de lavoura, devido à "racionalidade" da atividade de subsistência, embora se ressintam

dos preços dos produtos e da sua forma de comercialização, não vêm ameaçar a sua sobrevivência física. A sua participação como consumidores dos produtos urbanos varia em função da quantidade e dos preços de sua produção, e em função dos preços dos produtos manufaturados. Assim, em anos de grande produção podem vender mais mas não o fazem a preços compensatórios; em anos de baixa produção vendem pouco ou quase nada. Portanto, sua participação como consumidores do Sistema Produtivo Urbano tende a ser menor do que a participação dos proprietários fornecedores de leite. Mais do que entre estes últimos, percebe-se em suas residências o despojamento de um melhor nível de conforto nos moldes urbanos. Este despojamento é igualmente percebido nas residências dos trabalhadores assalariados, situação favorável à sua sensível mobilidade intra-rural.

A atividade econômica, pode-se afirmar, é uma decorrência do processo de adaptação do Sistema Rural ao Sistema Natural.

B - Lazer e outras atividades: Os atores rurais, em geral, opõem à cidade como um lugar de diversões o sítio como um local de trabalho. Porém, deve ser considerado que o trabalho lhes é gratificante, isto é, ele não se apresenta apenas como uma atividade instrumental mas também como uma atividade expressiva. Para o sítiano, o trabalho não é um trabalho alienado. Desta forma, ele encontra prazer em sua execução. Além disso, a capacidade de "trabalhar duro" é muito valorizada entre os atores rurais e, é importante, o

"trabalho duro" aparece associado com a vida no sítio.

Ah! Eu acho que no sítio trabalhar precisa mesmo, né? Então é ruim se a gente estiver doente precisar trabalhar. Isso eu acho ruim. Mas tendo saúde é uma beleza a vida daqui ... Ah! Cidade vai da gente precisar. Se a gente não prestar mais para viver aqui, não prestar mais para trabalhar, tem que mudar para a cidade, viver uma vida mais folgada um pouco ... Porque lá ao menos não precisa trabalhar. Por muito que trabalhe lá é um serviço mais leve, não é um serviço difícil. Mas eu acho que no sítio é gostoso. Mas precisa trabalhar. Agora quem não gosta de trabalhar não precisa ficar no sítio. (Mulher, 25 anos, filha de proprietário).

Porque o sítio tem muito serviço, né? Dá muito serviço esse tal de sítio. Se quiser ter meio mais ou menos, trabalha o ano inteiro, né? E não aparece serviço não ... Eu acho bom (o sítio). Sinto ser velho. Vai ficando velho e as força está fracassando, mas eu gosto do sítio. Eu não vou dizer que eu aguento o sítio, mas enquanto eu puder ir mexendo, que eu puder ir trabalhar um poquito, eu ainda fico no sítio. Só se eu descontrolar e não der certo de eu ficar no sítio. Senão eu gosto do sítio. Mas depois que eu ficar velho e não prestar mais, no sítio eu não fico mais também. Porque não vale nada, né? Não vale a gente ficar aí espengó aí no sítio. Ao menos estando na cidade, a gente senta lá e fica vendo um poquito o movimento ao redor, né? (Proprietário, 50 anos).

O aumento deles (dos que vão para a cidade) é que eles tem só divertimento, uma coisa e outra, mas ... (Proprietário, 50 anos).

Um dos fatores de atração da vida urbana citado pelos atores rurais é justamente essa sua característica. Porém, afirmam eles, a participação nesta esfera da vida urbana exige muito dinheiro restringindo-se assim àqueles que possuem capacidade aquisitiva adequada.

Cidade é muito bom mas para quem tem, está bem, ou a pessoa que está bem empregada. Mas tudo que vai assim para ser empregado, para ter pouco ordenado, quase que é pior do que aqui. O sujeito está lá, não tem dinheiro para ver muita coisa; é pior do que estar aqui, né? (Proprietário, 50 anos).

No sítio, o pouco muito que ganha dá, né? Na cidade não. Na cidade precisa ganhar para poder viver. Tudo é pelo dinheiro, né? É isso aí. (Assalariado, 52 anos).

Geralmente os atores rurais vão mensalmente à cidade para fazer compras. Outras vezes vão em busca de serviços médico e dentário. Idas à zona urbana para passear variam de acordo com a proximidade e facilidade de acesso. Os atores rurais mais novos são os que mais participam das formas de lazer urbanas: cinema, passeios na praça e/ou no jardim. Mesmo estes dependem da facilidade de acesso. Os caminhões de leite, que são a forma mais comum e gene

realizada de comunicação, não se prestam muito bem a esta função devido ao horário. Assim, os atores rurais para ficarem à noite na cidade dependem:

- 1ª) de parentes ou conhecidos que lhes dêem pousada;
- 2ª) de condução própria;
- 3ª) de vizinhos que também vão à cidade e lhes dêem carona.

A atividade leiteira é outro obstáculo a idas mais frequentes à cidade. É uma atividade "cativa", como a qualificam os atores rurais. Os pequenos proprietários, para ir à cidade, dependem da disponibilidade de seus vizinhos para lhes fazerem a ordenha quando os elementos de sua família não a fazem. Os leiteiros assalariados precisam também contar com a disposição de seus companheiros ou de seu patrão (quando este também se dedica às atividades rurais) para suprir a sua falta. A necessidade de um relacionamento mais direto com o Sistema Social Urbano promove, desta forma, um tipo especial de solidariedade.

P: Seo Z., quando o senhor trabalha para outro, o senhor ganha?

R: Ah! Não ganho nada. A gente faz de favor, né? Porque a gente também um dia ou outro a gente precisa de um colega é só ir e falar para ele e está pronto também, né? Porque a gente que mora no sítio, um precisa socorrer o outro numa ocasião de necessidade. Que nem aquele dia, S. precisava ir para Rio Claro, falou para mim ir lá tirar o leitinho dele

que o filho dele vinha aqui, pousava aqui para ir cedo lá tirar o leite. Falei: Pode ir, pode ficar sossegado que nós tira o leite, né? ... De vez em quando a gente ajuda um e se a gente sai também, que nem o C. aí, é só falar para ele: C. tira o leite para mim amanhã que nós vai precisar. Tira que é uma beleza, né? Ele tira o dele lá e depois vem tirar o da gente, né? (Proprietário, 50 anos).

A necessidade de ajuda imposta pela atividade econômica liga os habitantes rurais vizinhos. A existência da ajuda espontânea entre os atores rurais foi diretamente percebida pelo pesquisador. Ao voltar de uma entrevista com um proprietário rural do bairro Passa Cinco, o pneu da camioneta que os conduzia furou na descida da serra sem que o pesquisador e o motorista percebessem. Ao passarem por uma outra propriedade, viram que um grupo de pessoas acenava-lhes chamando-lhes a atenção. Pararam então para saber a razão daquela atitude. Só então soube-se do pneu furado. Todos os que estavam na propriedade, inclusive um rapaz que estava de passagem, para visitar a namorada, apressaram-se em trocar o pneu da camioneta. O próprio dono do veículo pouco fez neste serviço.

C - Atividade escolar: A escola primária tem sido descrita, muitas vezes, como uma instituição auxiliar no processo de socialização das crianças. Alfabetizar, tanto na zona urbana como na zona rural, é uma de suas principais funções manifestas. Porém, através

das declarações dos atores do Sistema Social Rural, percebe-se que, neste Sistema, ela assume uma função latente importante — a função instrumental adaptativa do Sistema Social Rural ao Sistema Social Urbano.

Esta função adaptativa pode ser observada sob dois aspectos:

1ª) Na zona rural a educação primária ocupa, na vida das crianças, uma posição menos central do que aquela ocupada, em geral, na zona urbana. Aqueles em idade escolar que freqüentam a escola participam, ainda que incipientemente de forma reduzida, das atividades produtivas do Sistema Social Rural. Verifica-se isto através das redações escolares, alguns trechos das quais já foram transcritos no capítulo precedente, e de observações indiretas. É geralmente nesta fase de vida que as crianças se iniciam na atividade de ordenha. Começam peiando e pojando as vacas. Observa-se, por exemplo, na transcrição da entrevista abaixo, esta participação.

Eu também não quero, né? (que o filho vá para a cidade) Do meu gosto, ele segue o serviço igual o pai dele ... E ele gosta muito de mexer com o gado, né? Andar atrás das vaca para ele é gosto ... É porque ele não quer estudar, sabe? É o contrário. Ele estuda porque nós esforçamos. Pode ver que até ele não é um moleque que ele aprende como os outros que estuda. Isso não. Ele vai porque nós esforçamos. Porque dizer que ele quer não quer não. Ele quer é

andar atrás das vaca o dia inteiro. (Mulher de assalariado, 34 anos, falando do filho de 11 anos).

A participação nas atividades produtivas é apreciada pelos atores rurais em idade escolar da perspectiva de atividades lúdicas. Eles se referem àquelas atividades como "brincadeiras". Do ponto de vista do processo de socialização pode-se perceber neste caso a assimilação do real ao ego, função importante dos jogos infantis (PIAGET, 1972, p. 157). Observando um mundo adulto ainda estranho a elas e levadas pelos padrões de comportamento a dele participarem ativamente, as crianças assimilam melhor as atividades, normas e valores deste mundo, transformando-as segundo sua perspectiva e representando-as ao seu modo. Um exemplo significativo desta função dos jogos foi oferecido por uma criança de apenas 4 anos observada durante suas brincadeiras. Nestas, a criança não apenas representava o mundo que era levada a viver, concretizado e simbolizado pelos mata-burros, porteiras, mangueiros, como também representava, concretizando, o sonho maior de seus pais, a saber, a posse de um jipe para facilitar a comunicação com a cidade. Durante toda a brincadeira observada esta criança fazia circular por mata-burros "construídos" com pequenos pedaços de madeira e por "estradas" de terra, um jipe imaginário. Sua mãe, baseada nestas brincadeiras, acreditava ser difícil que seu filho exercesse, futuramente, profissões urbanas que requeressem mais estudo, como professor e médico, sendo mais provável que ele continuasse ligado às ativi-

dades rurais.

Apesar desta posição secundária na vida dos educandos, a escola é apreciada como uma instituição que possibilita a aquisição de meios mais eficientes para o relacionamento com o Sistema Social Urbano. Ela, acredita-se, pode diminuir a distância cultural campo-cidade, fornecendo, por exemplo, através do desempenho de sua função manifesta de alfabetizar, uma simbolização escrita e oral mais urbana.

O pessoal do sítio são tudo caipirada. Eu não sei nem conversar, né, porque eu não sei ler ... Eu sei falar por rumo. Não sei falar não. Eu tenho vergonha até de conversar com gente que sabe falar. Eu fico com vergonha ... Eu acho (bom estudar). Porque é de serventia para a gente, né? Que nem a gente vai na cidade, está vendo, está olhando, não é bobo. Mas a gente olha uma coisa não entende nada, olha outra. Ah! tomar banho! Não gosto não. Não aprendi porque lá onde morava não tinha escola. (Mulher de parceiro, 58 anos).

P.: A senhora não gosta de cidade?

R.: (estalos de língua significando não).

P.: Porque? O que a senhora acha de ruim lá?

R.: Ah! Eu não acho nada. Mas fui acostumada aqui, não é verdade? Os pai de primeiro não estudava os filho, sabe como é que é. Não é que nem agora que os pai estuda os filho, põe em aula para aprender, não é? O pai nosso não. Os filho dele era tudo

debaixo de serviço só, né? Nem os filho não estudou.
(Proprietária, 47 anos).

2ª) Prolongamento dos padrões e valores sociais urbanos no meio rural, como se afirmou, a escola primária rural atua no sentido de urbanizar não só as crianças sob sua influência mas também, através destas, as suas famílias. Os intermediários, neste aspecto, entre os dois sistemas — os professores primários — consideram como parte de sua missão transmitir aos educandos maneiras de ser consideradas urbanas. Normalmente, modos de se expressar considerados "caipiras", por exemplo, são desvalorizados e ridicularizados pelos professores, mesmo em classe. Além disso, ao encontrarem crianças que por sua capacidade de assimilação se destacam das demais, os professores procuram motivá-las, e aos seus pais, a continuarem os estudos, o que implica no abandono da vida rural.

Desta forma, a escola, relacionando o campo à cidade, o faz da perspectiva desta última, contribuindo positivamente para o desequilíbrio interno do Sistema Social Rural.

2.2 - Sub-Sistema Consecução de Metas (G)

De acordo com as observações efetuadas, a meta principal a ser obtida pelos atores rurais estudados é a satisfação dos mínimos vitais de alimentação e de abrigo ⁽¹¹⁾. Entre os proprietários, a manutenção da posse da terra pela família inclui-se nestes mínimos — a posse da terra é um elemento considerado importante não apenas para a obtenção satisfatória de alimentação e abrigo, mas também para a preservação da liberdade e autonomia, importantes para estes atores.

O processo de adaptação ao meio-ambiente, como já se observou, pode ser analisado da perspectiva do Sub-Sistema Consecução de Meta. Ao se relacionar com os outros sistemas, notadamente

(11) Utiliza-se neste trabalho o conceito desenvolvido por Antônio Cândido, considerado muito explicativo na situação encontrada entre os grupos estudados: "a existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio" (p.23).

Assim, "o equilíbrio social depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua satisfação" (p.23).

Antônio Cândido completa esta formulação estabelecendo uma relação causal entre o equilíbrio e a organização que o grupo desenvolve para obtê-lo. O equilíbrio depende desta organização.

Conclui dizendo que "há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-los e garantir a regularidade das relações humanas. Formulado nestes termos, o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital"(p.25).

com o Sistema Natural, o Sistema Rural procura fazê-lo de maneira que aqueles mínimos vitais sejam alcançados proporcionando, consequentemente, o equilíbrio provável do próprio Sistema o que, da perspectiva teórica funcionalista, é a meta a ser atingida pelos Sistemas Sociais em geral. A maneira como os atores rurais se organizam para esta adaptação (mínimo social) é também aspecto importante para o alcance satisfatório dos mínimos vitais. Assim o Sub-Sistema Integrativo relaciona-se intimamente não só com o Sub-Sistema Adaptativo como também com o Consecução de Metas e o Manutenção de Padrão, pois é este que garante a regularidade das relações humanas (o que se inclui também como mínimo social). As relações estabelecidas entre os Sub-Sistemas Consecução de Metas e o Manutenção de Padrão, acredita-se, devem ser ressaltadas: se as ações sociais determinadas pelos papéis sociais existentes são meios para a consecução de metas desejadas tanto pelos atores sociais como pelo Sistema, a maneira encontrada pelo Sistema para motivar seus atores a ocuparem aqueles papéis e desempenharem aquelas ações é importante para a consecução daquelas metas.

2.2.1 - Organização da situação

O Sub-Sistema Consecução de Metas, como foi observado, é definido através da organização da situação. Os objetos constituintes desta situação aparecem como meios necessários à obtenção de metas do ator. Estes objetos são definidos de acordo com os pa-

res de variáveis-padrão universalismo x particularismo, adscrição x desempenho.

Considera-se, a princípio, o par universalismo-particularismo, observando como, de acordo com este par, o Sistema Social Rural se estrutura.

A - Universalismo x Particularismo

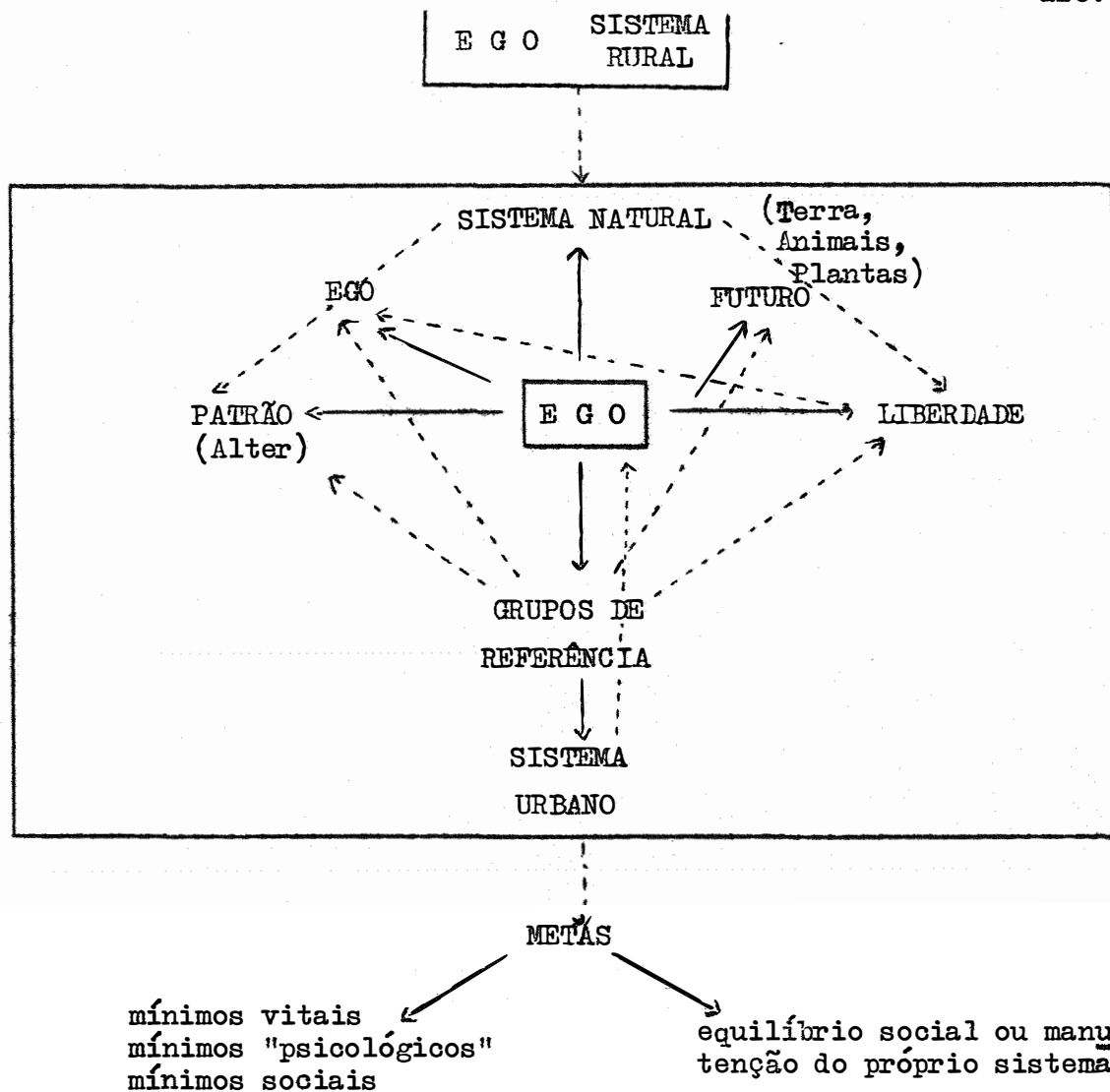
O Sistema Social Rural pesquisado estrutura-se de forma particularista. Isto não significa afirmar que não se encontrem considerações universalistas entre os atores rurais mas sim que a preponderância dos padrões de comportamento se conformam a um sistema de referência particularista — muitas das considerações feitas pelos atores rurais a respeito de problemas determinados são estruturadas a partir de sua pertinência a um Sistema Social particular. O mundo físico dos atores rurais, por exemplo, sob esta estruturação, resume-se, geralmente, à porção de terra que pode ser atingida a pé ou a cavalo. Os lugares situados além dos limites estabelecidos são considerados "longe". No processo migratório dos assalariados verificam-se também limites do mundo físico: as mudanças de propriedade e de patrão dão-se "nas redondezas", ou seja, na Província.

Trabalhei 33 ano numa casa só ali ... 33 ano com um patrão só. Me criei ali. Pode perguntar de minha formação que é dali para cá. Dali até o B.,

aqui, nesse pedacinho de terra aqui e ali. Foi 3 lugar só. Só 3 lugar que eu trabalhei. Mais nada sei contar nesse mundo. Nada mais. Se perguntar outro patrão eu não conheço ... Não dei uma cortada nou- tro pasto nem uma enxada noutro lugar. (Assalariado, 70 anos).

A identificação não só do pesquisador como também a dos entrevistados efetuada pelos atores rurais, a partir de uma perspectiva relacional, conforma-se a esta estruturação particularista, pois "... os termos 'classificatório' e 'relacional' são sinônimos de 'universalismo' e 'particularismo', respectivamente" (PARSONS, 1960, p.469).

A um certo momento de uma entrevista, o pesquisador sentou-se à beira do fogão. A entrevistada, uma proprietária, a partir deste momento tornou-se muito mais espontânea para falar, ficou mais à vontade. Esta atitude, estranha de imediato, tornou-se compreensiva na hora da despedida. Neste momento disse ela que, a princípio, não sabia que o pesquisador era também "de beira de fo- gão". "Sentar-se à beira do fogão" representou para ela, talvez inconscientemente, a possível adaptação e/ou compreensão do pesquisa- dor aos padrões de comportamento rural, isto é, a pertinência a um sistema particular de referência. Este é outro exemplo significati- vo da estruturação particularista do mundo rural. Esta estrutura- ção é verificada em uma série de outras situações que são sistema- tizadas no esquema e relatadas a seguir.



Legenda:

- Como a situação se organiza para ego para a consecução das metas desejáveis.
- Como a significoância de alguns elementos considerados de de correm de outros elementos.
- .-.-.-→ Como ego e o Sistema Rural, através da organização da si tuação, alcançam as metas desejáveis.

Este esquema procura sistematizar como o ator rural (ego) e o Sistema Social Rural alcançam suas metas desejáveis; para ego, a consecução de seus mínimos vitais, "psicológicos" e sociais; para o Sistema, o equilíbrio social ou a sua própria manutenção. No interior do retângulo procura-se definir como a situação social se organiza para ego. Esta situação é composta:

1ª) de objetos sociais: alter (em casos específicos, o patrão); o próprio ego (E G O); ego considerado como objeto social, isto é, a sua auto-concepção; os grupos de referência que possuem papéis significativo na avaliação que faz ego a respeito do Sistema Urbano;

2ª) de objetos físicos: terra, animais e plantas que adquirem, na situação, forte conteúdo valorativo;

3ª) de objetos culturais: a concepção de liberdade e a perspectiva do futuro.

A princípio, a organização da situação decorre, em especial, do processo de adaptação ao Sistema Natural. É este que vai oferecer, aos atores rurais, os meios essenciais para a satisfação de suas necessidades básicas. A terra, neste sentido, se apresenta ao ator rural como meio de assegurar ou de conseguir a sua sobrevivência e, por este motivo, ela é significativamente valorizada. As habilidades e técnicas desenvolvidas para manipular os recursos naturais são igualmente importantes para a consecução daquele objetivo.

Em geral, principalmente entre os proprietários, isto não diz respeito à terra em geral, mas sim a "esta terra", isto é, eles se ligam a uma particular porção física de terra que, ou receberam por herança ou obtiveram através de seu trabalho e/ou onde passaram a maior parte de sua vida — a sua Província.

P.: E de Torrinha a senhora saiu por que?

R.: Ai! O meu marido não gostou. "Ai! que lugar feio!" Uma casa bonita, mais ou menos desse tipo dessa casona aí do meu pai ... Uma beleza! Só que não era casa nova, já era antiga. Casa daqueles italianos velhos já ... Aí ele não quis saber.

P.: Mas a senhora falou que o leite não era bom, nem o café, nem o arroz.

R.: Lá, sabe, a gente sendo dono de uma coisa, o C. não gostou de lá, mas por causa do leite, do café, do arroz, não é que ia mudar se estivesse gostando. Mas o que quer dizer isso? Querência. Quer ficar em Itirapina, gostava daqui, gostava do lugar onde nasceu. Você vê, rodeou e veio morar aqui. (Mulher de assalariado, 45 anos).

Entre os proprietários, portanto, a preservação da propriedade da terra aparece como um objetivo decorrente daquela meta primeira e, como se verá a seguir, esta preservação é decididamente importante para a manutenção da sensação de liberdade, condição definida também dentro dos limites do Sistema Social Rural. Para manter a propriedade, o pequeno proprietário nela permanece e nela trabalha. A preservação da posse da terra está, pois, intimamente

ligada à permanência do proprietário e de sua família na zona rural.

Por outro lado, o relacionamento com o Sistema Social Urbano faz com que algumas necessidades sejam geradas pelos atores rurais. Estes se deixam atrair pelas facilidades (produtos manufaturados, assistência médica, etc.) e satisfações (oportunidades de lazer) oferecidas pela cidade. Paradoxalmente, vai ser a permanência no Sistema Social Rural que, muitas vezes, permite, potencialmente, o consumo destas facilidades e gratificações. Satisfazendo algumas necessidades básicas como as de moradia, alimentação, o Sistema Social Rural proporciona, aos que nele permanecem, uma renda líquida que, assim consideram os atores rurais, pode ser perdida com o abandono do Sistema. Nos trechos de entrevistas abaixo transcritos pode-se observar estas impressões.

P.: Que tal a vida na cidade nos dois anos em que o senhor morou lá?

R.: Ruim, né ... Porque bastante ruim ... Não gostei porque o que fazia, gastava mais do que fazia ... Eu não sei contar. O dinheiro não sobrava, não dava para fazer nada. (Proprietário, 40 anos).

P.: O que o senhor achou quando morou na cidade onde se vive melhor, no sítio ou na cidade?

R.: Particular algum ... São pouco.

P.: Os outros vivem pior?

R.: Pior ... Sempre tem falta das coisas dentro de casa, não é mesmo? Precisa de uma abobrinha,

precisa comprar; precisa de uma verdura, precisa comprar. E aqui, nada disso tem, não é mesmo? Você não pode porque é vagabundo. Mas querendo plantar, o terreno tem. (Assalariado, 70 anos).

... O sítio para as criança é melhor ... É, porque criança tudo que vê quer e não é todo dia que a gente tem o dinheiro. E às vezes pode ficar doente.

P.: Mas o senhor acha que suas filhas vivem melhor que o senhor aqui no sítio?

R.: Ah! Eu acho que não. Que lá na cidade elas gastam muito. Se elas estivesse comigo, esse negócio de luxo, essa coisa, aqui no sítio não gastava. Essa Maria minha, ela ganha 200 conto por mês e ela disse que não dá! É o luxo que ela paga! (Assalariado, 44 anos).

Na cidade tem muita coisa boa, mas também precisa de dinheiro. E no sítio, muita coisa que é para a gente comprar a gente pode plantar. Que nem uma galinha a gente não compra, um porco ... (Mulher de assalariado, 22 anos).

Ah! ele (o filho) gosta de cidade ... Ele sempre fala que tem vontade. Ele queria arrumar serviço. Antes de nós vir para cá ele queria arrumar serviço na cidade, né, emprego essas coisa, mas estava difícil de achar. Serviço muito para ganhar muito pouco ele disse que não dava para viver porque tinha que pagar aluguel de casa, né? Porque o que mata a égua é isso, né? O negócio é duro, viu? Aí ele

falou assim: "Enquanto não der para mim comprar, a hora que sobrar que der para mim comprar uma casa aí eu vou embora para a cidade". (Mulher de assalariado, 76 anos).

Quem vive melhor é nós no sítio, né? Bom, não falando daqueles que têm propriedades deles lá, né? ... Empregado para viver no sítio é melhor. Eu acho melhor. Porque aqui uma é que não paga casa. Paga mas não está sentindo porque é do mesmo ordenado, não paga o ordenado que nem o salário. Que nem aqui eu tratei 250. Agora trato de pagar 300 porque ele fez trato de dar 10 saco de arroz no fim do ano, depois achou melhor pagar 300 por mês. No sítio a bondade é que tem um pé de verdura. Na cidade pode ter também, mas não é toda casa que mora lá que pode ter uma verdura, pode plantar. Aqui não. Aqui o patrão dá um terreno, planta um feijãozinho. Aqui não está comprando, né? (Assalariado, 52 anos).

Esta situação vai se refletir nas críticas feitas ao Sistema Social Rural.

Ah! Na vida do sítio o que precisava melhorar era a planta, né? A plantação que precisava melhorar. Às vezes tem terra boa para a gente plantar, não dá para a gente plantar, tem que viver só do ordenado e aqui o ordenado é pouco. (Assalariado, 44 anos).

P.: O que o senhor acha do sítio?

R.: Aquela história, né? Nem para baixo nem para arriba. Plantar não planta. É tudo na venda. Na venda aquele ordenadinho não dá nem para comer, né?... Galinha, eu estou criando galinha. Horta em fazenda conforme o tempo né? A gente perde um dia para fazer horta. Faz falta, né? (Assalariado, 38 anos).

Entre os assalariados, a figura do patrão aparece não só como uma variável importante no processo adaptativo ao Sistema Natural mas também, como decorrência desta importância, um meio significativo para a obtenção de recursos adequados à consecução dos mínimos vitais. O aproveitamento de parcelas de terra em "roças" ou hortas, e a participação no consumo de produtos animais (leite, principalmente) depende da conduta do patrão ou, mais especificamente, dos seus padrões de comportamento. O bom patrão é sempre aquele que permite e facilita o processo adaptativo do assalariado à zona rural, permitindo e facilitando assim a consecução de suas metas. Em outras palavras, o comportamento do patrão deve se conformar às expectativas do sistema particular de ação patrão-empregado para que ele seja assim considerado. Em conversa informal com uma mulher de leiteiro, soube-se que a permanência da família na propriedade onde trabalhavam estava condicionada à permissão do patrão para que esta família desenvolvesse a sua "roça". Boatos de que isto acabaria em decorrência da aplicação de um sistema contratual mais formalizado originaram a perspectiva de mudança de propriedade.

Nos trechos de entrevistas transcritos a seguir observa-se como é definido o bom patrão, e como esta definição está ligada, como se afirmou anteriormente, não só ao processo mais eficiente de adaptação ao Sistema Natural, como também à colaboração na consecução de metas dos assalariados.

Eu acho que para mim (o patrão) é bom. Não me aborreceu em nada. Não tem ninguém que aborreça a gente. Trabalha no duro da pessoa. (Assalariado, 70 anos).

P.‡ Aqui, o que o senhor acha que tem de melhor?

R.‡ Aqui de melhor o que tem é a bondade do patrão, né? ... Água boa, lugar de saúde. (Assalariado, 38 anos).

Hoje é ruim (o sítio) porque não tem patrão bom ... Patrão bom é o patrão que conhece o serviço do empregado, né? ... Que, por acaso eu estou aqui, né? Quer dizer que eu estou aqui com 43 cabeça de vaca de leite, eu e um menino que tem aí. Então, o patrão quer que eu zele desse gado, todo num cocho aí sem faltar cana de jeito nenhum. E não dá para fazer, né? Não dá para tocar. Então eu falei para ele que não dá e ele achou que nós não combina. Ele quer trazer mais 20 vaca ... Então eu falei para ele: "Bom, seo J., não dá para a gente combinar. Eu não posso fazer. Não dá tempo"... Eu acho que não pode ser patrão bom desse jeito. Agora, quando é pa

trão que conhece o serviço do empregado que nem "Fu-
lano, você pode tocar tantas vacas, 20,25 vaca. Vo-
cê me dá elas tratadinha no cocho". Aí quer dizer
que eu não vou me deitar, né? É preciso ter meu ser-
viço que eu possa fazer. Se eu não puder fazer, quer
dizer que o patrão não fica contente comigo. Eu dis-
se: "Seu J., não estou ... E acho que o senhor tam-
bém não está safisfeito comigo". Ele disse: "Porque?"
"Eu lhe digo porque. Porque eu não toco o serviço
de dois". Quer dizer que de dois assim, nem serviço
de dois leiteiro eu tocar sozinho, né? Assim ele po-
dia até me achar bom. Mas eu não posso. Ele disse:
"Mas nós tratemos para você mexer com as 43 vaca".
Eu digo: "Nós tratemos assim: eu nem a fazenda vim
olhar tanta confiança que eu tinha no senhor que eu
pensei que tinha boas mangueira, né?". Porque hoje
ninguém tira leite na chuva. E aqui tira. Então eu
falei para ele: "Seu J., a gente é empregado, é meio
fraco, mas também não é pavorde de nego andar com
uma cangaia em cima. O senhor arrume outro e traga
aí que eu desocupo sua casa. Vou arrumar outro lu-
gar e saio ..." (Assalariado, 28 anos).

Um patrão bom é a gente precisando dele ele so-
corre a gente, e a gente também procura socorrer
ele, né? (Assalariado, 24 anos).

Entre os vários motivos apresentados pelos atores so-
ciais para explicar o apego que sentem pela vida rural, o costume
e o fato de terem nascido e crescido em um determinado local apare-
cem repetidas vezes.

Eu gosto de sítio. Fui nascido e criado aqui, né? ... (Parceiro, 40 anos).

Eu gosto daqui.

Eu gosto daqui. Onde fui criado, não? Porque eu fui criado aqui, não? Nasci aqui neste mundo aqui ... Onde a gente cresce a gente acostuma, não? (Antiga proprietária, 89 anos).

Não gosto. Cidade nenhuma ... Porque não. Meu lugar é aqui e aqui hei de morrer ... (Proprietário, 40 anos).

Não gosto (de cidade). Não sei porque será, né? Caboclo nascido no mato é do mato mesmo! ... (Proprietária, 61 anos).

Da vida do sítio? Eu gosto para morar assim. Da cidade eu não gosto não ... não vai ... A gente que é acostumada no sítio, a cidade não vai ... (Assalariado, 17 anos).

(Gosto) Porque a gente foi acostumada, né? A gente foi nascida e crescida na roça ... Meu pai criou eu na roça ... Eu nasci aqui para cima neste boqueirão aqui ... Eu gosto porque a gente, não sei porque a gente gosta. A gente gosta porque a gente está acostumada, né? Mas a gente vai para a cidade também a gente acostuma. (Mulher de assalariado, 50 anos).

Desta forma, a identidade do ator rural se define com relação ao lugar onde está e onde sempre viveu. Seus valores, seus padrões de comportamento, sua visão de mundo que integram a sua personalidade foram por ele obtidos, através do processo de socialização, dentro dos limites do Sistema Social Rural. Sua concepção de liberdade assim construída ressalta a importância do Sistema Natural. A cidade, com seus valores e padrões de comportamento diferentes, amocça a identidade social dos atores rurais.

Não gosto de cidade. Morei na cidade dois mês lá em Dois Córrego. Para mim foi uma morte, viu? Não gostava nem ver. Não vai cidade de jeito nenhum ... Porque a gente não acha jeito, fica até meio doente. (Mulher de assalariado, 37 anos).

Esse L. L., ele veio buscar eu para nós comprar uma máquina de arroz em sociedade. Aí eu fui embora para lá (cidade de Rio Claro), trabalhei um pouco lá, a mulher faltou. Aí eu fiquei desgostoso, voltei para trás. Mas trabalhei oito mês só em Rio Claro. Aí eu voltei ... De lá eu vim, parei vinte e sete dia aqui em Itirapina, de Itirapina não acostumei também. Daí o D.B. (dono do bar) falou para mim: "J., você mude daqui o quanto mais depressa puder. Você está enfraquecendo, você precisa serviço para você. Você não acostuma com cidade". Daí eu mudei. Vim aqui para o Passa Cinco, fiquei três dia ali e apareci aqui. E agora, dia 5 de julho, faz sete ano que eu estou aqui ... (Assalariado, 70 anos).

Eu não fui criada aqui, mas eu fui criada ali embaixo. O ambiente que eu enxerguei desde pequeninha é aquele lá. Eu chego aqui: "Ah! minha terra!" Eu me sinto muito bem aqui ...

Eu acho que se ele (o marido) mudar daqui ele muda ele mesmo. Noutra fazendeiro, mas aqui no bairro, porque ele gosta daqui ... (Mulher de assalariado, 45 anos).

A cidade não ameaça porém somente esta identidade social adquirida, pelo ator rural, com referência ao sistema particular ao qual pertence. A cidade ameaça também a liberdade tal como é concebida pelos atores rurais. Esta concepção é construída tendo como marco de referência os limites do Sistema Social Rural e os do Sistema Natural. Em outras palavras, os limites da liberdade coincidem com os limites sociais e geográficos do Sistema Social Rural a que um ator determinado pertence. Não é apenas o espaço geográfico da cidade que tolhe a liberdade dos atores rurais. É, muito mais do que isto, o seu estilo de comportamento. Não adaptados às normas de comportamento urbano, o ator rural, quando está na cidade, em geral inibe-se e perde muito da espontaneidade que demonstra quando em contato com outro ator rural.

A concepção de liberdade não é assim uma concepção abstrata. A sua manutenção é sentida pelos atores rurais como mais uma necessidade básica. Sua perda pode afetar a própria identidade social destes atores pois, ao se definirem comparativamente aos habi

tantes urbanos, aqueles atores normalmente sublinham não a sua maior liberdade, mas a liberdade que possuem de forma absoluta. Ilustram estas considerações, os trechos a seguir. Neles pode-se observar como a concepção de liberdade entre os atores rurais define-se de maneira particularista, provinciana. Pode-se observar também não só como esta concepção liga-se à concepção do ego mas como também a preservação desta liberdade aparece como um desejo dos atores rurais e como a vida citadina pode afetá-la.

Não gosto de cidade. Não vai cidade para mim. Eu vou passear é dois ou três dia eu já venho embora. Acho uma coisa presa, não tem liberdade, né? E para passear, ficar na cidade precisa ter, agora a gente não tem o poder, e quem não tem o poder não deve ficar na cidade ... (Proprietário, 61 anos).

Não gosto de cidade ... Não é que seja ruim. Eu não se dou com cidade ... Eu gosto mais de sítio porque o sítio é mais livre, mais à vontade. Cidade eu acho um aperto, um negócio apertado não sei ... Eu gosto de viver em largueza mesmo ... Mas a cidade é bom. Para quem gosta é muito bom ... (Herdeiro de propriedade, 28 anos).

Eu gosto sim (de sítio) ... Tem mais largueza para a gente trabalhar, outro, para a gente passear mesmo. Uma hora que a gente quer passear a gente sai, não tem nada para deixar para trás, para olhar, né? Vai embora ... Saio, não tenho que pensar que

eu tinha que trabalhar, né? Se eu quiser largar de trabalhar hoje e sair eu saio. Não preciso pensar que tenho serviço ... (Proprietário, herdeiro, 19 anos).

Não gostei. Não gostei porque o serviço da cidade é um serviço muito fácil de viver, mas não pode andar conforme nós anda por aqui, não é mesmo? Lá é mais fino um pouco. E aqui, para o sítio, anda de qualquer jeito. Não repara um no outro. É por isso ... Aqui no sítio é mais livre um pouco. (Assalariado, 70 anos).

Melhor (no sítio) porque a gente vai aonde quer. Na cidade não ... Dá para ir mas não tem ... o que aqui no sítio tem. Aqui a gente sai para caçar, andar pelo mato assim. Lá não ... (Assalariado, 17 anos).

É uma vida boa. Vive solto aqui. Passeia, vai aonde quer ... (Filho de assalariado, 14 anos).

De bom na vida de sítio é que a gente pode criar, plantar, tem de tudo. (Assalariado, 44 anos).

Eu gosto porque aqui, né? A água é boa, a gente está acostumada no lugar, né? Tem as criaçãozinha. A gente tem dó de ir para a cidade por causa das criação. (Mulher de parceiro, 58 anos).

O dia de convidar eu para ir para a cidade me dá até dor de cabeça. Eu gosto mais do sítio, né?

Não gosto daquela ronqueira, ronco de caminhão. Me aborrece ... E na cidade a senhora não pode criar, né? Criar galinha, não pode engordar um porquinho. No mato já pode, né? No mato ninguém não liga ... Olha a dona daqui. A dona daqui mudou lá. Mudou lá arrendou aqui, as galinha dela está tudo aqui ... Aqui nós trata das galinha dela, trata dos porco ... (Assalariado, 52 anos).

Esta correlação entre vida rural e liberdade aparece também nas redações escolares. A zona rural é um lugar onde se pode brincar à vontade, passear tranqüilamente, andar a cavalo. A cidade aparece, em contraposição, como ameaça a este tipo particular de liberdade.

Eu vivo no campo porque o ar é saudável há bastante espaço para brincar, muitos rios para nadar e também para pescar ... Toda manhãzinha levanto-me cedo e caminho até o curral para tomar o leite puro e fresquinho. Gosto do campo porque posso viver livre e muito feliz ao lado das aves e animalzinho...

A vida na cidade é muito agitada. Os meninos que moram na cidade não podem brincar livremente como os meninos no campo. Na cidade estamos sujeitos a muitos perigos, como atravessar as ruas movimentadas e também há muitos ladrões ... Na cidade há conforto e recursos necessários por isso podemos notar que a vida na cidade é confortável e não é tão saudável. (11 anos, filho de proprietário, 4º ano).

Eu gostaria de morar na cidade, mas como já disse meus pais gostam muito da vida no campo.

Eles acham que a vida na cidade é muito agitada e mesmo um pouco perigosa, pois com esses assaltantes e ladrões a toda hora dá um pouco de medo.

Depois na cidade não temos espaços para nadar, às vezes nem mesmo um pequeno quintal assim sendo não podemos fazer plantação e criações como no campo.

Pensando bem a vida no campo é bem melhor que na cidade, apesar de que a cidade há todos recursos possíveis enquanto que aqui não existe. (4º ano).

Eu vivo no sítio porque não gosto da cidade. Eu vivo no sítio porque meus pais estão no sítio. Eu gosto de passear a cavalo. Vou à escola a cavalo. Ajudo o papai fazer plantações. Eu levanto bem cedo para tratar das criações. Nos domingos vamos pescar no rio ... Vivo no sítio porque o ar é mais puro. Gosto do perfume das flores dos campos. Adoro ouvir os pássaros cantando de manhãzinha ... No sítio a gente vive tranquila. Gosto do sítio porque tem muitas farturas. (10 anos, filha de proprietário e assalariado diarista, 4º ano).

... E também não tem trânsito as crianças podem brincar sossegado (10 anos, filha de assalariado, 3º ano).

Eu gosto do campo porque tem folga para brincar.

No campo a gente pode ir pescar, caçar, etc.

A vida no campo é mais gostosa porque a gente pode criar galinhas, porcos e não precisa comprar leite. (11 anos, filha de assalariado, 4º ano).

Meus pais criam muitos animais fazem suas co-lheita tem uma vida livre e porisso gosto da vida do campo. (12 anos, filho de parceiro, 4º ano).

Enquanto que, comparativamente à cidade, o sítio aparece monopolizando a liberdade (como concebida pelos atores rurais), às diversas atividades rurais se relacionam diversos graus de liberdade. Para muitos, a atividade leiteira é uma atividade "cativa". "É como serviço na cidade". Faça "sol ou chuva", seja "diasanto ou feriado", não se pode deixar de trabalhar. A atividade agrícola, neste aspecto, é preferível, para alguns, à atividade leiteira.

Entre as mulheres, esta concepção de liberdade aparece ainda permeando, muitas vezes, as avaliações comparativas entre a vida possível de se levar na cidade e aquela possível de se levar na zona rural. Na cidade, a probabilidade de participação na vida produtiva diminui. As mulheres imaginam-se vivendo "entre quatro paredes", o que não lhes é uma perspectiva agradável. Isto é significativo principalmente entre as mulheres situadas nas faixas etárias mais idosas. A participação nas atividades produtivas encontra-se em decadência entre as mulheres mais novas. Algumas chegam mesmo a se restringir às atividades domésticas. Isto pode ser in-

terpretado como um indício de "urbanização" da zona rural.

A concepção de liberdade concretiza-se ainda mais entre os proprietários de terra. Entre estes, os limites da liberdade aparecem nitidamente, em geral, como os limites da propriedade. A manutenção da propriedade é assim duplamente importante: primeiro, pela melhor e mais eficiente obtenção dos mínimos vitais e, segundo, pela melhor e mais eficiente obtenção de mínimos que se podem chamar de psicológicos, a saber, liberdade, autonomia e segurança. A propriedade do lugar onde se está confere uma maior sensação de liberdade e segurança aos atores rurais, o que pode ser observado nas transcrições de entrevistas.

Aqui, para dizer bem a verdade, eu gosto do sítio por causa se você quer assim andar, anda no que é da gente, não precisa andar no que é dos outro, né? Tem largueza, né? Anda de qualquer jeito, né?... (Proprietário, 61 anos).

Eu gosto. Mais gostei daqui porque aqui eu fiz casar minhas filha, criei os filho tudo aqui, o lugar que eu gosto porque aqui é também é nosso ... Aqui eu mexo para onde eu quero, largueza, faço o que quero, vou onde eu quero. (Mulher de proprietário, 59 anos).

Consegui comprar (o sítio) fazendo economia, tirando da boca ... E agora é que consegui comprar esse pedacinho de planta, né? ... Se eu não compro a

terra com sacrifício, comendo polenta, eu não tenho nada. E trabalhar daqui e dali enquanto dá para trabalhar está certo. E a hora que ficar velho? Que a filharada soltar eu? Já não estão soltando que estão casando? ... Se eu fosse um empregado que não tivesse isso aqui então não tinha quem me ajudasse. Depois de velho patrão não vai, tinha que ponhar no asilo ... Então, tendo um pedacinho de terra é impossível que os filho vá largar a gente na mão assim ... (Proprietário, 60 anos).

A gente mora no que é dos outro sofre que nem cachorro. A gente mora no que é dos outro, tem patrão bom e tem algum que não vale nada. Quer saber que o terceiro trabalhe que nem um burro e trabalhe para ele ... Mas não tem como morar no que é da gente. Se a gente um dia não está bem bom, aquele dia passa enrolado e pronto. Eu só digo; que a gente trabalha no que é dos outro, daqui e dali, sofre que nem cachorro. Eu sofri. (Proprietário, 50 anos).

Observou-se até aqui como, dentro dos valores do Sistema Social Rural, o Sistema Natural é componente essencial na concepção do ego e de liberdade entre os atores rurais. A continuidade de contato com os elementos do meio natural torna-se, pois, decisiva para a consecução de alguns mínimos "psicológicos" — a sensação de liberdade e a preservação da identidade social. Esta consecução, sublinha-se, é determinada socialmente através da internalização daqueles valores sociais.

O Sistema Rural, além do processo de adaptação ao Sistema Natural, relaciona-se também com o Sistema Urbano. Este é componente importante na organização da situação rural, influenciando, por exemplo, as avaliações efetuadas pelos atores rurais a respeito da vida rural e, conseqüentemente, alterando não só as metas a serem buscadas como também os meios necessários à sua consecução. Em alguns trechos de entrevistas já transcritos observa-se como as avaliações da situação social rural são feitas com referência à zona urbana — as avaliações, negativas ou positivas, são sempre relativas. Na concepção de liberdade, por exemplo, isto é flagrante.

As avaliações que estes atores fazem da vida cidadina não se formam através de impressões recebidas diretamente do Sistema Urbano. Explica-se: estas impressões são recebidas pelos atores rurais como que "depuradas", "filtradas" através de certos grupos de referência particularistas. Alguns grupos de referência definem as imagens projetadas pelo Sistema Social Urbano. Já se fez referência a este problema.

Facilidades e gratificações urbanas são normalmente lembradas pelos atores rurais, mesmo por aqueles em idade escolar. Porém, ao se colocarem hipoteticamente morando em cidade, estes atores apresentam estas gratificações e facilidades como pouco possíveis a pessoas com qualificações próprias ou semelhantes a um trabalhador rural, qualificações estas que possibilitam empregos associados a baixos níveis salariais.

A vida na cidade é muito importante, porque tem bastante coisas tem cinema, bar, leiteria, padaria, supermercados, sindicato rural, etc. ... Papai tem vontade de comprar uma casa na cidade, para mudarmos e podermos estudar. Mas coitado do papai, ele não sabe ler e nem escrever e isso vai ser bastante difícil para arranjar um emprego na cidade todo mundo precisa ter diploma para conseguir um emprego mais ou menos bom. (11 anos, 4º ano, filha de assalariado, trecho de redação).

Os grupos sociais urbanos selecionados pelos atores rurais como grupos de referência para avaliações de sua provável vida na cidade são aqueles grupos que desempenham profissões que não exigem qualificações especiais, portanto profissões possíveis de serem ocupadas pelos migrantes rurais.

... Lá na cidade o papai só vai poder fazer serviço que ele está acostumado ou então viajar para as fazendas onde consiga um emprego. (11 anos, 4º ano, filha de assalariado, trecho de redação).

... Meu pai e minha mãe não podem trabalhar na cidade porque não sabe ler nem escrever. A vida na cidade é cara porque precisa comprar ovos, leite, frango ... (10 anos, 3º ano, filha de parceiro, trecho de redação).

Assim, os grupos de referência responsáveis pelas avaliações da vida urbana e portanto importantes para a organização da

situação social rural são grupos que se pode considerar dentro de uma perspectiva particularista. São aqueles grupos com os quais os atores rurais mais se identificam por ocuparem situações sócio-econômicas equivalentes; nível de instrução semelhante, nível salarial pouco divergente, qualificações profissionais parecidas.

Em relação a estes grupos, alguns atores rurais sentem-se, em alguns aspectos, em uma posição mais privilegiada; possuem mais liberdade, têm mais "conforto" (melhor alimentação, ar mais puro). Porém, acentuam naqueles grupos alguns aspectos bastante atraentes; maior facilidade de acesso a escolas, a médicos, a uma economia mais monetarizada e a formas valorizadas de lazer (cinema, circo, televisão). Estes aspectos podem, em algumas situações, definir o abandono do Sistema Social Rural.

A existência de grupos de referência pode ser observada também na concepção do ego, na concepção de liberdade e mesmo na avaliação do patrão. Na concepção de liberdade, o que já se observou, os atores rurais sentem-se em uma posição privilegiada quando se comparam, neste aspecto, aos grupos urbanos. Os lavradores sentem-se em posição privilegiada ao se referirem ao grupo de leiteiros. Aqueles que possuem terra sentem-se mais privilegiados do que os atores sociais urbanos, mesmo àqueles que possuem bom emprego, pois sentem-se mais livres, mais "senhores de si". Os assalariados, em relação aos donos de terra, revelam-se dentro de uma situação privacional. As mulheres da zona rural, comparativamente as da

zona urbana, sentem-se, quanto à liberdade, mais gratificadas. Porém, algumas em idade mais avançada ou quando doentes, sem condições de participar das atividades produtivas, ressaltam positivamente a situação vivida pelas mulheres na zona urbana as quais desempenham tarefas "mais leves".

Quanto à concepção do ego, a identidade social do ator rural se define em relação ao sistema particular a que ele pertence, sistema este constituído de grupos e de pessoas de referência. A concepção de bom padrão também é formada através das experiências particulares vividas pelos assalariados ou por seus companheiros. O sistema de referência é sempre particular, envolve sempre o próprio ator ou os atores com os quais aquele está em associação direta.

A atuação dos grupos de referência pode ser uma vez mais verificada nas perspectivas que os atores rurais apresentam para o seu próprio futuro e para o futuro dos seus filhos. Este aspecto aparece determinado não só pelo processo de adaptação ao Sistema Natural como também pelo processo de relacionamento com o Sistema Urbano.

As perspectivas de mudança de vida ou, mais especificamente, de mudança de profissão entre os atores rurais são poucas. Geralmente eles limitam suas possibilidades de trabalho, e mesmo as de seus filhos, às possibilidades oferecidas pelo Sistema Social Rural, o que vale dizer, às possibilidades determinadas pelo proces-

so de adaptação ao Sistema Natural. Mesmo quando pensam em residir na cidade geralmente imaginam-se, como "volantes", continuando a desempenhar atividades ligadas à terra. As atividades urbanas percebidas como possíveis de serem realizadas são atividades para as quais não se exigem qualificações e com as quais já se têm certa familiaridade como, por exemplo, serventes de pedreiro, balconistas em geral, trabalhadores para a conservação de estradas de ferro, motoristas. A escala de alternativas é portanto reduzida. Esta escala é, além do mais, construída a partir das impressões recebidas do Sistema Social Urbano, impressões estas permeadas pelos grupos de referência a que já se referiu. O particularismo evidencia-se principalmente em relação às perspectivas de vida para os filhos. Se, para si mesmo, estas perspectivas são reduzidas, isto decorre da consciência quanto às suas próprias possibilidades. Mas, ao sentirem, com relação aos filhos, dificuldade em imaginar como a vida poderia ser diferente daquilo que é e de que sempre foi, os atores rurais demonstram limites bastante estreitos quanto ao seu "horizonte temporal".

Os filho? Eu queria que continuasse (no sítio) ... Lavrador também, porque estudar não estuda mesmo. Muito sacrifício estudar ... Gente pobre não estuda mesmo. (Mulher de parceiro, 33 anos).

P.* O senhor gostaria que seus filhos mudassem ou continuassem por aqui?

R.: Não, por aqui também ... Aqui na terra, plantando, né? (Proprietário, 40 anos).

P.: Quando você tiver filhos, vai querer que seu filho continue aqui?

R.: Hoje em dia está todo mundo estudando filho e eu não tinha idéia de estudar filho não. Porque como é que faz? Todo mundo vai estudando, estudando, e onde é que vai achar trabalhador? (Proprietário, 27 anos).

Eu também não quero. Do meu gosto ele segue o serviço igual ao pai dele ... (Mulher de assalariado, 30 anos).

Ainda quando os atores sociais pretendem que seus filhos abandonem a zona rural, as alternativas de trabalho apresentadas não são, em geral, claramente explicitadas.

Eu gostaria que eles (os filhos) fossem em cidade porque aí na cidade eles podia, conforme eles vão crescendo, vão se formando mais moço, pode tirando documento deles, pode arranjar um bom serviço numa firma, né? Numa firma bem colocado e ele ficasse firme no serviço ... (Assalariado, 24 anos).

B - Adscrição x Desempenho

Antes de se considerar a seleção feita entre as alternativas do par adscrição-desempenho, alguns aspectos devem ser mais uma vez sublinhados:

a) Ao se analisar a escola quanto à sua função instrumental adaptativa ao Sistema Social Urbano, pretendeu-se notar também que, na zona rural, a atividade escolar ocupa um lugar mais acessório do que central na vida das crianças. Estas, já em idade escolar, começam a participar das atividades produtivas do Sistema. Um fato observado em uma das entrevistas pode ilustrar ainda uma vez este ponto. O investigador, ao visitar certo bairro rural que particularmente não conhecia, fez-se acompanhar da professora primária responsável pela escola que atende às crianças deste bairro. Uma das mulheres entrevistadas, a uma certa altura da conversa, dirigiu-se à professora acompanhante criticando-a por ter terminado a aula, em um determinado dia, um pouco mais tarde do que de costume. Afirmou que seu filho já trabalhava no trato e ordenha das vacas e que, se atitudes daquele tipo se repetissem, a atividade de seu filho seria prejudicada obrigando-o a deixar de freqüentar a escola. Assim, a própria escola que algumas vezes é vista como um meio de se conseguir novas alternativas de vida, assume importância menor do que o processo de treinamento para as atividades produtivas rurais.

b) A perspectiva profissional que os atores rurais têm para consigo mesmo e para com seus filhos caracterizou-se quanto ao seu aspecto particularista, isto é, as alternativas profissionais declaradas não escapam, geralmente, aos limites profissionais estabelecidos pelo Sistema Social Rural, sofrendo também a influência de grupos de referência urbanos.

c) Não se encontrou, em todas as entrevistas realizadas, algum ator rural que proviesse de famílias não ligadas à zona rural.

Induz-se, a partir destas colocações, que a alocação aos papéis instrumentais importantes no funcionamento do Sistema Social Rural se efetua de maneira atribuída e não resulta de um processo de escolha do ator rural. Este pode escolher entre, por exemplo, preferir trabalhar com planta, ou com gado, ou com vaca leiteira, mas a escolha é limitada pela sua pertinência ao Sistema Social Rural que se estrutura particularisticamente.

Nota-se, nesta atribuição, um aspecto relacional: ao se pertencer a uma família rural, a identidade social do ator já está praticamente definida ao nascer. Estatisticamente, dado o número reduzido de possibilidades profissionais oferecidas pelo Sistema Social Rural, a probabilidade de que se acerte a futura atividade de um ator rural ao nascer é maior do que a probabilidade de acertar quando se considera um ator urbano.

Por outro lado, entre os atores rurais existem critérios de avaliação do desempenho das atividades rurais. Apesar de

se educarem desde crianças para ocuparem os papéis instrumentais do Sistema, alguns atores se destacam mais do que outros quanto à eficiência demonstrada no desempenho daqueles papéis. Estes critérios são geralmente evidenciados por proprietários de terra que têm ou tiveram empregados trabalhando com eles.

Assim, se a alternativa adscrição é importante do ponto de vista de como os atores são alocados aos papéis instrumentais, a alternativa desempenho é importante ao se considerar o problema de como as atividades ligadas a estes papéis são efetivamente concretizadas. É o desempenho, muito mais do que as qualidades dos objetos sociais, que garante a consecução das metas instrumentais.

Deteve-se, na análise do Sub-Sistema Consecução de Metas, em como, através da organização da situação, algumas metas são desejáveis e alcançadas pelos atores rurais. O problema de consecução da meta do Sistema Social Rural será objeto de análise posterior.

Com relação aos atores sociais rurais, observa-se que, em regra, eles são alocados aos papéis instrumentais necessários à sobrevivência do sistema adscriptivamente, porém, que a alternativa desempenho é importante, a partir dessa alocação, para a consecução eficiente dos objetivos a serem alcançados através das ações daqueles atores. Por outro lado, a significância dos objetos sociais para com um ator considerado é determinada pela sua inclusão

no mesmo sistema interativo, o que vale dizer que as normas que regulam a conduta dos indivíduos se conformam a um sistema de referência particularista.

2.3 - Sub-Sistema de Manutenção de Padrão e Controle de Tensão(L)

O Sub-Sistema L, diz respeito à organização da orientação da ação do ator social. Os pares de variáveis-padrão afetividade-neutralidade e difusibilidade-especificidade, que definem a orientação do ator aos objetos que constituem a situação, devem ser portanto considerados em seu estudo. Teoricamente, a combinação lógica entre as variáveis destes pares é afetividade-difusibilidade, neutralidade-especificidade. Porém, as outras possibilidades não são excluídas. Assim, muito embora um proprietário fornecedor de leite possa se conduzir afetivamente em relação a um empregado, a eficiência deste é um atributo importante pois que é ela que permite que o leite seja ordenhado a tempo para ser colocado no caminhão de leite, que os pastos se conservem limpos e bem cuidados, que o gado leiteiro seja bem tratado. Assim, nesta situação, considerações bastante específicas a respeito do que se espera de um trabalhador no desempenho de suas atividades instrumentais decorre do processo de relacionamento Sistema Rural-Sistema Urbano. Em uma grande propriedade produtora de leite cujo proprietário é ausenteísta, o administrador, na época da pesquisa de campo, era um dos

leiteiros da propriedade. A sua escolha para ser administrador deu-se pela diferenciação de eficiência, iniciativa e interesse em relação aos outros leiteiros. E passar a ser administrador implicou uma série de gratificações adicionais: mudança para uma casa melhor, consumo de leite à vontade enquanto que para os outros este consumo era limitado a um litro por família. É sua mulher, além do mais, quem toca o sino avisando aos trabalhadores o início e o término das atividades diárias. Mesmo entre os proprietários residentes, considerações a respeito de qualidades específicas dos trabalhadores para o desempenho das atividades instrumentais são observadas. Quanto a isto, exemplo demonstrativo foi relatado por um atual assalariado leiteiro. Seu patrão freqüentemente comparava-se com os empregados, ressaltando a sua maior disposição e resistência ao serviço, atributos muito valorizados no Sistema Social Rural. Criticava inclusive os empregados pelo "muito tempo" que eles levavam para almoçar e tomar café. Certo dia, em que o assalariado que relatou o fato, seu colega de serviço e o patrão estavam limpando o pasto, o patrão, chegada a hora normal de almoço, continuou trabalhando. Esta atitude, proveniente do patrão, inibiu os assalariados de abandonarem o serviço. Depois de quase uma hora de serviço além do horário normal de almoço, o patrão baixou a foice e sugeriu aos empregados que fossem almoçar. Aí, os assalariados se negaram e continuaram a trabalhar no mesmo ritmo, apesar da fome. O patrão, mais velho que os empregados, embora cansado, se sentiu coa-

gido a continuar trabalhando. Trabalharam sem parar até "de tardezinha". A consequência primeira desta situação foi que, enquanto permaneceram na propriedade, o patrão não mais se comparou aos assalariados. Esta situação, além de exemplificar a existência de padrões específicos para avaliar o desempenho das tarefas produtivas, exemplifica também a estruturação particularista do mundo rural. Aqueles padrões específicos se conformam a esta estruturação; eles decorrem da valorização do trabalho "duro" característico do Sistema Social Rural e decorrente do seu processo de adaptação com o Sistema Natural. Esta valorização, com a conseqüente valorização da maior disposição e resistência ao serviço, atinge a proprietários e assalariados indistintamente, colocando-os inclusive, lado a lado, em um processo competitivo. Por outro lado, revela a debilidade de normas mais gerais para regular o horário de serviço; este retrocede frente a situações particulares, como a relatada.

Não só entre patrão e empregado observam-se considerações a respeito de características diferenciadoras entre trabalhadores. Quando é só a família que trabalha, o ator rural reconhece em si mesmo, principalmente, e nas pessoas de sua família, qualidades positivas para o "trabalho duro". Por outro lado, principalmente neste último caso, apesar de o desempenho das atividades instrumentais ser avaliado através de propriedades específicas, o ator rural se orienta em relação aos objetos sociais que fazem parte de seu sistema de ação, considerando-os como uma fonte de direitos difusos.

2.3.1 - Organização da orientação da ação

Dentre os pares de variáveis-padrão que aqui devem ser considerados, deter-se-á, primeiramente, no par afetividade-neutralidade.

A - Afetividade x Neutralidade

Já se fez referência à socialização das crianças, em idade escolar, no sentido de participarem das atividades produtivas rurais. Através de conversas informais e de redações escolares, observa-se que, nesta idade, a participação nestas atividades confunde-se com a participar em atividades recreativas.

A vida no campo é mais gostosa porque a gente pode criar galinhas, porcos e não precisa comprar leite! (Trecho de redação escolar, menina, 4ª série primária, filha de assalariado).

No sítio é mais gostoso porque tem mais lugar para brincar e trabalhar. Eu vivo no sítio porque meu pai faz planta e preciso ajudar ele. (Trecho de redação escolar, menina, 4ª série primária, filha de proprietário).

Meus pais criam muitos animais fazem sua colheita tem uma vida livre e porisso gosto da vida do campo. (Trecho de redação escolar, menino, 4ª série primária, filho de parceiro).

... Enquanto a minha vida é bonita porque eu brinco, estudo e ainda ajudo papai tirar leite. (Trecho de redação escolar, menino, 4ª série primária, filho de proprietário).

Trabalhar na terra, lidar com animais, é, na apreciação destes atores, gratificante. "É gostoso", explicam eles ao serem perguntados sobre os motivos que os levam a se apegar às atividades rurais. Desenvolve-se assim um complexo de socialização no qual as atividades instrumentais exigidas pelo sistema são aprendidas expressivamente. Identificando-se com o mundo social rural que nelas é internalizado pelo processo de socialização, as crianças tendem a se orientar afetivamente em direção a este mundo. Esta identificação e apego continuam e evoluem entre os atores sociais rurais (12).

Eu prefiro aqui, porque é "querência" com certeza. Porque eu gosto daqui. Deve ser "querência", né? (Mulher de assalariado, 45 anos).

Esta orientação afetiva pode ser observada em relação aos objetos constituintes da situação analisados no Sub-Sistema Consecução de Metas, principalmente em relação ao Sistema Natural, ao

(12) No início de 1974 quando, depois de um período de seca, vieram as chuvas, o pesquisador conversou rapidamente com uma ex-proprietária rural atualmente residindo na cidade de Itirapina. Falou-lhe sobre a provável tristeza que os agricultores deveriam sentir ao ver, na falta de chuvas, as plantas morrerem. Confirmou ela esta impressão respondendo: "É como sentir o próprio corpo morrendo".

"ego", à liberdade, à figura do patrão. Não apenas à terra, mas também às técnicas desenvolvidas para a obtenção de meios para a sobrevivência individual e do sistema percebe-se o mesmo apego ⁽¹³⁾. Apesar de estes objetos serem meios para a obtenção de metas e, portanto, terem valor instrumental, a relação com eles estabelecida, em consequência da orientação afetiva dos atores rurais, tem significado e importância em si só. Existe, entre os atores rurais, por exemplo, "necessidade" de se relacionarem com a terra e com os animais, "necessidade" que é "gratificada pelo estabelecimento da relação".

Teoricamente, espera-se que o ator social não possua incentivo para alterar a situação quando se orienta afetivamente em direção aos seus objetos constituintes. A orientação afetiva, considerada em sua pureza, predispõe o sistema social à estabilidade. Porém, no Sistema Rural pesquisado, o Sistema Social Urbano é um componente da situação "vivida" pelo ator rural. E, esta inclusão, apesar de sua influência ser "depurada" por grupos de referência

(13) Malinowski explica da seguinte maneira este apego encontrado nas culturas primitivas:

Nas culturas primitivas o apego à tradição, frequentemente descrito como conservador, servil, ou automático, é perfeitamente compreensível através da consideração de que quanto mais simples são o conhecimento humano, as habilidades manuais e o equipamento material, tanto mais definitivamente devem ser mantidos no nível de funcionamento eficiente. Há muitos poucos aparelhos para usar como alternativa, e o número dos que são portadores do conhecimento e da tradição é limitado. Por este motivo, o apego ao que é conhecido e ao que pode ser eficientemente feito tem que ser grande (MALINOWSKI, 1962, pp. 119-120).

particulares, torna problemática aquela predisposição à estabilidade.

Frente aos atores urbanos, o ator rural percebe-se, geralmente desvalorizado, o que é principalmente observado quando ele não é alfabetizado. Ao se referirem à cidade, e conscientes da imagem desprestigiada que ela produz e emite sobre a zona rural, os atores rurais demonstram, muitas vezes, a internalização desta imagem. Conseqüentemente a esta internalização percebe-se, em alguns atores:

a) A importância atribuída à escola a qual, como já sublinhamos, aparece como uma instituição capaz de "urbanizar" a zona rural e capaz de permitir a participação de seus filhos em uma situação social mais privilegiada — a situação urbana.

b) A perspectiva de mudarem para a cidade mesmo continuando a desempenhar atividades rurais, o que implica em um desejo de usufruir mais direta e constantemente das facilidades e gratificações oferecidas pela vida urbana.

Este desejo, algumas vezes explicitado, de participação na vida urbana implica, da perspectiva do Sub-Sistema Conseqüência de Notas, a percepção da existência de papéis possíveis de serem adquiridos e, da perspectiva do Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão, alteração na "necessidade" de estabelecer uma relação com os objetos constituintes do mundo rural, pois que tal

relação, se continuada, é considerada como obstáculo ao alcance de metas desejáveis que se colocam fora daquele mundo.

A consciência da imagem desprestigiada da zona rural a favor de uma imagem da zona urbana mais favorecida não é percebida apenas entre as pessoas que demonstram pensar mudar para a cidade. É percebida também entre aqueles que pretendem permanecer. Nestes, aquela consciência é demonstrada em atitudes agressivas em entrevistas, ou em justificativas muito bem elaboradas a respeito da permanência na zona rural, ou em explicitações claras e francas da participação em uma situação desfavorecida.

Porém, equilibrando a atuação destes fatores que perturbam a predisposição à estabilidade, o mecanismo controlador de tensão provoca o aparecimento de maneiras funcionais de sentir o mundo rural. A existência de fatores de tensão lado a lado com forças funcionais (geralmente percebida se se considerar apenas um ator) dá origem à ambiguidade a que se refere no início deste capítulo. Dentre estas forças funcionais, as mais comuns relacionam-se a seguir:

a) Como já se observou na análise do Sub-Sistema Consecução de Metas, o ator rural considera a cidade como ameaça à sua liberdade. Os horários estabelecidos para o serviço, a "falta de espaço", as dificuldades para plantar e cuidar de animais são fatores urbanos que afetam a concepção de liberdade que o ator rural possui. Assim,

liberdade constitui-se em prerrogativa do Sistema Social Rural, apesar de as atividades leiteiras serem comparadas às atividades urbanas.

b) A cidade apresenta maior número de facilidades e diversões, consideram os atores rurais. Porém, a participação como consumidores dos produtos urbanos é considerada possível apenas com muito dinheiro, montante além dos níveis salariais que os atores rurais acreditam obter morando na cidade, e além dos níveis salariais de grande parte da população urbana. Assim, uma vida "com fartura" torna-se mais possível na zona rural. A própria participação no mercado urbano como consumidores apresenta-se mais provável com a permanência no Sistema Social Rural. Se esta probabilidade diminui, a possibilidade de mudança aumenta.

c) Os atores rurais referem-se à zona urbana como um local de repouso, para doentes e aposentados, situações que se apresentam como não atraentes aos atores rurais em idade produtiva, visto que a disponibilidade e resistência ao trabalho "duro" são valorizadas.

Ah! Eu acho que no sítio trabalhar precisa mesmo, né? Então é ruim se a gente estiver doente precisar trabalhar. Isto eu acho ruim. Mas tendo saúde é uma beleza a vida daqui ... Ah! Cidade vai da gente precisar. Se a gente não prestar mais para trabalhar, tem que mudar para a cidade, viver uma vida mais folgada um pouco. Porque lá ao menos não precisa trabalhar. Por muito que trabalhe lá é um servi-

ço mais leve, não é um serviço difícil. Mas eu acho que no sítio é gostoso. Mas precisa trabalhar. Agora, quem não gosta de trabalhar não precisa ficar no sítio. (Proprietária, 27 anos).

Ah! A gente vai indo enjoa do sítio também. Muito sacrificioso também para a gente trabalhar. A gente vai ficando velho e o serviço é demais para a gente que é velho. Eu já não sirvo mais para trabalhar em serviço pesado. Quero ajudar mas as forças não dá mais. (Mulher de assalariado, 76 anos).

d) Em situações de tensão, isto é, quando em um ator determinado percebem-se atuantes tanto a atração à zona urbana quanto forças positivamente funcionais à permanência, o apego ao mundo rural, ao Sistema Natural em especial, aparece mais explicitamente. A gratificação que o desempenho de atividades rurais oferece é muito mais lembrado. Se aquela atração ainda predomina, o ator rural demonstra ressentimento em poder perder a relação gratificante que possui com o Sistema Natural.

e) Dando uma conformação mais nítida a esta valorização afetiva da zona rural, os programas sertanejos, que são os programas radiofônicos aí mais ouvidos, valorizam a vida rural comparativamente à urbana.

Em todos estes fatores funcionais anteriormente destacados, observa-se a organização afetiva de orientação que o ator possui em direção ao Sistema Rural, tanto que a decisão de migrar pa-

ra a cidade não é assumida sem que problemas privacionais sejam pro
vocados. Por observações informais, percebe-se que problemas afetivi
vos são vividos pelos atores que migram, tanto antes desta migraç
ão, quando ainda estão na zona rural em fase de decisão, quanto depo
is, quando já estão na cidade participando de suas vantagens.

B - Difusibilidade x Especificidade

A orientação afetiva da ação, tornando predominantes as "necessidades" internas do sistema de ação implica que a orientação aos objetos se torne mais difusa (PARSONS, aug. 1960, p. 471). Na orientação difusa, o ator considera o objeto social como um com
plexo de direitos não claramente especificados. As relações estabele
cidas não são claramente caracterizadas quanto ao seu conjunto de direitos e deveres envolvido. Provocou-se, por exemplo, em en
trevistas, a explicitação dos direitos e deveres envolvidos no sis
tema relacional patrão-empregado. Observou-se a dificuldade encontrada pelo ator rural assalariado para especificar seus direitos (quando se "vê" como objeto social) e obrigações (quando "vê" o pa
trão como objeto social). Nas transcrições abaixo, e nas efetuadas quando na discussão do Sub-Sistema Consecução de Metas focalizando a concepção de "bom patrão", observa-se esta dificuldade.

Para ser um bom patrão, pelo menos o serviço tem que ser de modo mais fácil de trabalhar, né? ... Não pode fazer o serviço contra o jeito ... Agora,

se o patrão não for bom ele, o patrão não é bom, manda sempre fazer o serviço contrário que judia do empregado, oomploia e o serviço não rende, né? (Assalariado, 43 anos).

Um patrão bom é a gente precisando dele ele socorre a gente, e a gente também procura socorrer ele, né? (Assalariado, 24 anos).

Ao se observar como os atores sociais rurais são alocados aos papéis instrumentais necessários à manutenção do sistema, verifica-se a difusibilidade na orientação da ação. Os atores sociais rurais não são socializados no sentido de ocuparem, no Sistema Social Rural, um papel específico. Os pequenos proprietários desempenham não só as atividades de leiteiro como também outras atividades paralelas (trato das vacas, limpeza do mangueiro), as de roceiro, as de lavrador, as de conservação geral da propriedade e, algumas vezes, as de tratorista. Os assalariados, por sua vez, muito embora desempenhem nas grandes propriedades um papel específico, podem se intersubstituir em uma série de papéis pois, no processo de socialização, foram treinados para o desempenho de uma série de atividades.

Nas grandes propriedades onde existe um incipiente processo de divisão de trabalho, a predominância da orientação difusa nas atividades instrumentais retrocede a favor de uma orientação mais específica. É de se esperar que, à medida que as relações se

tornem mais contratuais, a especificidade vá se tornando predominante, com alterações paralelas na orientação afetiva.

A orientação da ação dos atores rurais se organiza, predominantemente, de forma afetiva-difusa, o que corrobora a teoria utilizada. Teoricamente, conforme se dê a estruturação do Sistema Social, isto é, conforme se dê a combinação entre os pares de variáveis-padrão universalismo-particularismo, adscrição-desempenho, aquela organização da orientação da ação está, provavelmente, determinada. Assim, em um sistema que se estrutura de forma particular-adsorita, espera-se que a organização predominante da ação seja afetiva-difusa. Alterações na estruturação do sistema originam alterações na orientação da ação. Se, por exemplo, a organização da situação se alterar em consequência do relacionamento com outros Sistemas Sociais, a orientação da ação alterar-se-á também, adequando-se às novas metas desejáveis. Neste sentido, as ações desenvolvidas são meios essenciais para a consecução de metas e, consequentemente, a organização da orientação dessas ações é importante na análise destes meios.

2.4 - Sub-Sistema Integrativo (I)

2.4.1 - Integração dos papéis.

No Sistema Social estudado, os papéis instrumentais dos assalariados se integram verticalmente, isto é, compõem uma hierarquia de preferências e privilégios. Em uma grande propriedade leiteira encontram-se normalmente os seguintes tipos de papéis: administrador, leiteiro, tratorista e roceiro. Estes papéis se dispõem em ordem decrescente de prestígio e privilégios da forma seguinte:

- 1ª) administrador;
- 2ª) tratorista;
- 3ª) leiteiro (que recebe também as determinações de retireiro e camarada);
- 4ª) roceiro;
- 5ª) algumas vezes, trabalhadores para limpeza do mangueiro.

O administrador, nas propriedades leiteiras, em geral desempenha também as atividades próprias do leiteiro. As posições mais altas em relação aos outros papéis na hierarquia acima delineada refletem a importância da pecuária leiteira na economia do Sistema Social estudado. Refletem também, considerando a posição do leiteiro em relação a do roceiro, a sua maior responsabilidade na atividade leiteira — é ele quem trata diretamente dos animais.

O pequeno proprietário, que integra em si mesmo os papéis como foram delineados, aparece, nesta escala de posições, acima do administrador. A posse da terra, conferindo-lhe maior liberdade e segurança, confere também, à sua posição, maior preferência e prestígio. Lembrando-se da organização da situação rural, observa-se que o papel ocupado pelo proprietário de terras nesta situação é um papel privilegiado. Seu relacionamento com o Sistema Natural, por exemplo, se faz sem o intermédio do patrão. A concepção do próprio ego é também muito mais favorecida. Esta concepção, decorrente, parcialmente, da concepção de liberdade, recebe desta influência positivas a que se fez referência. A concepção do ego, recebendo influências também dos grupos de referência urbanos é mais uma vez favorecida. Em relação aos trabalhadores urbanos, o proprietário sente-se em uma melhor situação. Em contraposição àquelles, ele não precisa obedecer diretamente a um patrão, tem mais autonomia, tem maior liberdade. Por outro lado, as perspectivas para o futuro são mais determinadas e limitadas. O apego ao Sistema Natural e à concepção favorecida do ego intensificam, no proprietário, muito mais a decisão de permanecer, a qual só é algumas vezes questionada quando se coloca o problema herança.

Torna-se difícil, nesta escala, dispor a situação do parceiro. Aquelles que atualmente trabalham como parceiros afirmam ser esta situação preferível à do assalariado.

Não, camarada não é fácil não. Não, porque fre-
qüentar frio, chuva, não é fácil na roça não. Não
tem dia santo, não tem feriado, não tem nada ... Dá
para ganhar mais e a vida é mais folgada. (Mulher
de parceiro e herdeira de propriedade, 33 anos).

Eu, se for para retirar leite, ser cativo, eu
prefiro mais a vida que eu estou, plantando. Levan-
tar 4 hora da manhã, frio, sábado, domingo, não tem
feriado, não tem nada ... Fazer uma vida que faz,
trinta dia corrido ... Eu vou o dia que quero! (Par-
ceiro, 40 anos).

Meeiro é melhor ... Não é que recebe mais, é
uma aventuração, só que é mais livre, né? ... Meei-
ro é mais livre, a gente não está tão preso. O cama-
rada é preso, não sai a hora que quer ... (Parceiro
e proprietário atual, 60 anos).

... Porque no tempo que a gente trabalhava de
empregado não podia ter nada, né? E agora, embora
que nós não mora no que é nosso, mas o que nós pre-
tende ter na vida nós tem ... (Filho de parceiro, 21
anos).

Por outro lado, atuais assalariados que já trabalharam
como parceiros contradizem estas afirmações.

Eu acho que trabalhar por mês (é melhor), né?
Porque a gente planta, embora a gente tem fartura,
tem tudo, mas vê dinheiro só no fim do ano ... Dá
(bastante dinheiro). Mas quando atrapalha também não

dá nada. Tem ano que atrapalha. Um ano que nós plantemos, plantemos acho que uns 4 sacos de arroz, não colhemos 5. (Mulher de assalariado, 22 anos).

A situação acima exposta assemelha-se à comparação feita por um pequeno proprietário não fornecedor de leite, entre a vida na cidade e a vida na zona rural.

Ah! pior, né? Pior porque justamente tem hora certa para sair, hora certa para voltar, né? Tudo é ruim, né? Que nem eu agora, eu não posso me queixar, né? Porque eu estou aqui mesmo, não sou empregado de ninguém, graças a Deus ... A única vantagem que eu acho que tem (na cidade), é que no mês tem a vantagem que tem o ordenado, né? A gente não tem. Não sabe quanto vai ganhar, né? Pode ganhar bastante e pode não fazer nada também ... (Proprietário, 48 anos).

Nas avaliações efetuadas pelos parceiros encontram-se orientações expressivas: a valorização da liberdade. Naquelas efetuadas pelos assalariados encontram-se orientações instrumentais: a valorização da maior segurança financeira.

A maneira como os atores sociais se organizam para obter seus mínimos vitais ou, mais criteriosamente, a forma como se integram os papéis necessários à consecução destes mínimos é, segundo Antonio Cândido, básico para a consecução do equilíbrio social.

... o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital. (CÂNDIDO, 1971, p. 25).

Porém, o mínimo social, na concepção de Antonio Cândido, não se refere apenas à organização para a consecução dos mínimos vitais. Refere-se também à forma como o grupo social garante a regularidade das relações humanas. Em linguagem parsoniana, portanto, percebe-se a importância do Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão; ao motivar os indivíduos a ocuparem os papéis necessários à sobrevivência do sistema e ao manipular as tensões que tornam problemática a sobrevivência deste Sistema, este Sub-Sistema garante a regularidade acima explicitada. A integração adequada, por outro lado, gera maior motivação para que os indivíduos se conformem com o padrão social.

Além disso se, face a pressões econômicas externas, o grupo social estudado for levado a se adaptar diferentemente ao Sistema Natural, a organização social centralizar-se-á em torno da nova atividade econômica predominante surgindo novos papéis predominantes. Porém, apesar do acentuado ressentimento dos fornecedores de leite à situação econômica da pecuária leiteira, não é possível prever-se, a médio prazo, uma mudança sensível da atividade econômica predominante no município. Tal previsão baseia-se, em primeiro lugar, nas possibilidades econômicas oferecidas pelos tipos de solos do município de Itirapina e, em segundo lugar, pelo fato

de que as novas gerações estão ainda se socializando instrumentalmente em torno da atividade leiteira (não exclusivamente pois, ao lado destas, também são aprendidas as atividades de lavoura).

3. A Permanência ao Nível dos Sub-Sistemas

Na seção anterior deste capítulo, descreveu-se o Sistema Social Rural de acordo com a sua composição em Sub-Sistemas e de acordo com a orientação da ação observada.

Discutir-se-ão agora problemas relacionados com a permanência do Sistema Social Rural apesar das tensões produzidas pelo processo de diferenciação rural-urbano.

Com relação ao processo de mudança social, todos os sub-sistemas são igualmente importantes na produção de estímulos internos. Porém, quanto aos estímulos externos, o Sub-Sistema Adaptativo é o que merece maior atenção. Por outro lado, as relações apresentadas entre os Sub-Sistemas Consecução de Metas e Controle de Tensão e Manutenção de Padrão são particularmente importantes quando se estuda o processo de "estabilidade" ou mudança de um sistema considerado ⁽¹⁴⁾.

(14) Em seu conhecido trabalho sobre as relações entre estrutura social e anomia (1970, Cap. VI), Merton demonstra como, da relação entre os objetivos culturalmente definidos e o elemento da estrutura cultural que define, regula e controla os modos aceitáveis de alcançar estes objetivos surgem tipos de comportamento mais funcionais à estabilidade do Sistema e tipos de comportamento que levam à sua alteração.

Podemos analisar este estudo com base nas relações entre os Sub-Sistemas citados.

Quando se analisou em separado cada um destes Sub-Sistemas considerou-se o Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão como importante na análise dos meios necessários à consecução das metas desejáveis pelos atores sociais e pelo Sistema. Isto porque tal Sub-Sistema é definido através da organização da orientação da ação social, e as ações sociais são meios para a consecução daquelas metas.

Em uma análise funcionalista, a meta a ser atingida por um Sistema Social considerado é a sua própria preservação. A análise funcionalista procurará assim apreender as estruturas ou comportamento que têm, como consequência de seu funcionamento, a manutenção do Sistema. Um Sistema Social que se estrutura de forma particular adscrita tende a ser menos mutável do que aquele que se estrutura de forma universal-aquisitiva.

Com relação aos atores sociais rurais, a meta a ser atingida através de sua ação é a preservação dos "mínimos vitais", entre os quais inclui-se a posse da terra. Comportando-se sob a determinação de normas particularistas de ação e ocupando adscritivamente seus papéis instrumentais, o ator social estudado orienta a sua ação afetiva e difusamente.

Na seção anterior demonstrou-se esta maneira de o Sistema Social Rural estruturar-se e esta orientação da ação dos atores sociais rurais. Na presente seção discutir-se-ão questões levantadas a partir das relações entre os Sub-Sistemas Consecução de Me-

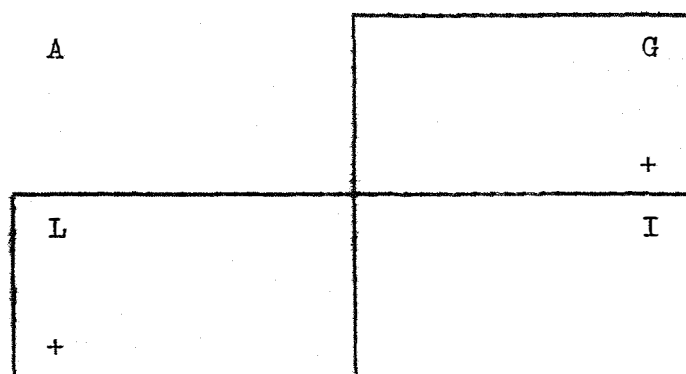
tas e Manutenção de Padrão e Controle de Tensão, e a partir do processo de adaptação ao Sistema Urbano.

3.1 - Consecução de Metas e Manutenção de Padrão

As populações rurais estudadas por Antonio Cândido (CÂNDIDO, 1971) viviam em relativo equilíbrio, segundo os recursos do meio imediato e de uma sociabilidade de grupos segregados, anteriormente ao processo mais intenso de envolvimento capitalista. A partir desse momento, aquelas populações rurais passaram a viver em franco desequilíbrio econômico.

Neste trabalho, considerações saudosistas de alguns atores rurais revelam também um mundo de equilíbrio entre os desejos (seus "mínimos vitais") e os meios existentes para consegui-los. Os atores sociais mais antigos relembram, saudosamente, dos tempos em que a área rural era mais intensamente povoada, permitindo que "funções" de viola se efetuassem mais freqüentemente. Lembram saudosamente da época em que a maioria de suas necessidades (alimentares, roupa, lazer) era satisfeita por sua própria produção. Dizem não saber o que aconteceu, o porquê da situação ter se alterado tanto. Criticam os jovens de hoje que se satisfazem, no lazer, simplesmente em ir para a cidade ou em festas e ficarem parados olhando o movimento. Apenas um dos proprietários lastimou-se por, em razão do esvaziamento populacional da zona rural, ser difícil encontrar empregados (razão instrumental).

Parte-se assim de uma situação social onde pode-se supor existir uma valorização equilibrada dos Sub-Sistemas Consecução de Metas e Manutenção de Padrão e Controle de Tensão; o estilo de comportamento rural adequava-se perfeitamente às metas desejadas. Diagramaticamente tem-se:



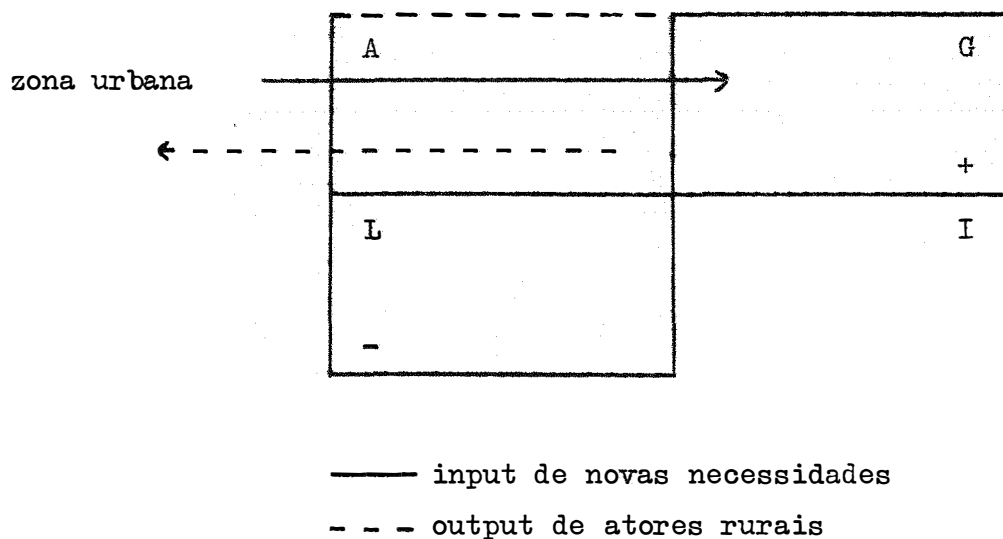
No estudo de Antônio Cândido, o equilíbrio social dos grupos estudados é afetado pelo seu maior envolvimento capitalista. Nesta pesquisa, algumas informações fazem supor que a valorização dada ao Sub-Sistema Consecução de Metas se altera principalmente a partir do momento em que o processo de interação entre o Sistema Social Urbano e o Rural se intensifica e se aprofunda com a transformação dos atores rurais em fornecedores de leite à Cia. Industrial e Comercial de Produtos Alimentícios. Esta situação promove uma maior comunicação entre a zona rural e a zona urbana, com o estabelecimento das "linhas de leite".

Através deste processo econômico adaptativo ao Sistema Urbano alteram-se os "mínimos vitais", o que exige uma reformulação da organização sócio-econômica. Os meios tradicionais tornam-se insuficientes para a obtenção da satisfação das novas necessidades. A concentração em torno da atividade leiteira aumenta proporcionalmente mais do que o aumento da atenção dispensada às outras atividades rurais como a de subsistência. A produção urbana vem suprir a lacuna assim gerada. E, para que mais se pudesse participar como consumidores do mercado urbano, mais dever-se-ia concentrar-se na atividade que maior renda monetária possibilitava — a pecuária leiteira. "Todo mundo vendia leite ... Os proprietários aumentaram de bens ... Se não tivesse a Nestlé, só na enxada, bem, só no caipira, só no plantar arroz, plantar feijão, às vezes não dá certo".

A alteração das metas a serem atingidas desequilibra o relacionamento entre os Sub-Sistemas considerados. Este processo adaptativo e a assimilação de necessidades urbanas promove comparações mais sensíveis entre a vida rural e a urbana.

Para alguns, como se observou acima, a satisfação das necessidades geradas e assimiladas tornou-se parcialmente possível através da reformulação dos padrões sociais até então vigentes: maior concentração em torno da atividade leiteira, maior valorização dos papéis ligados a esta atividade. Para outros, a reformulação daqueles padrões não deve ter-se mostrado como o meio mais ade

quando para a satisfação daquelas necessidades. Visualizando-se papéis urbanos possíveis de serem adquiridos, a vida na cidade torna-se o meio mais adequado para sua satisfação. O sensível êxodo rural apareceria como consequência desta situação. Em ambos os casos, entretanto, os padrões sociais tradicionais afiguram-se insuficientes à nova organização da situação gerada pelo processo adaptativo do Sistema Rural ao Sistema Social Urbano. Há um debilitamento, portanto, do Sub-Sistema Manutenção de Padrão.



Desta forma, a partir do processo de adaptação ao Sistema Urbano, alteram-se as metas desejáveis. Para se adequar a estas novas metas, os atores rurais devem se reintegrar em torno da atividade econômica solicitada. Isto implica que se alterem e se

reformulem os padrões sociais que orientam o comportamento, e se altere e se reformule o processo de socialização que deve formar os atores sociais para ocuparem os novos papéis.

Fica comprometida assim, em consequência da segunda reação delineada acima, a manutenção do Sistema Social Rural. Para que o Sistema alcance esta sua meta, forças causais devem operar no sentido de incrementar a atividade do Sub-Sistema Manutenção de Padrão e Controle de Tensão. Quanto maior for a tensão provocada pelo relacionamento rural-urbano, mais alta deve ser esta atividade. As metas devem ser rebaixadas ao nível possível de serem atingidas pelos meios revalorizados, atingindo-se assim um novo equilíbrio.

No presente trabalho, algumas forças causais operando neste sentido foram identificadas:

- a) a correlação sentida entre vida rural e liberdade;
- b) a correlação entre vida rural e "fartura";
- c) o orgulho demonstrado ao se fazer referência à zona rural como um local próprio para quem pode "trabalhar duramente";
- d) a demonstração da consciência da desvalorização de traços culturais "caipiras", acompanhado de reações algumas vezes agressivas;
- e) a grande audiência a programas radiofônicos de músicas sertanejas que valorizam o modo de viver rural, particularmente, a in

timidade com a natureza ⁽¹⁵⁾. Isto leva a concluir que não é apenas o Sistema Social Rural que busca a sua permanência, mas que o Sistema Social mais inclusivo desenvolve também forças motivacionais para a preservação do Sistema Rural. Este, incluindo-se naquele, deve ser preservado para a sua manutenção (a do Sistema Inclusivo).

f) Pode-se considerar também como uma maneira encontrada pelo Sistema para solucionar o problema de sua manutenção, a nova organização sócio-econômica centralizada na pecuária leiteira. Com esta organização superou-se momentaneamente a possibilidade de êxodo. Momentaneamente, pois não solucionou as tensões produzidas pelo processo adaptativo rural-urbano. Muitos dos atores pesquisados são atores que se reorganizaram sócio-economicamente. Alguns continuaram se dedicando às atividades de subsistência. Entretanto, mesmo entre os primeiros, encontram-se indícios da tensão provocada pela atuação das forças funcionais paralelamente à atração ao urbano.

Como todos os Sistemas Sociais, o Sistema Social Rural constitui-se um sistema aberto, isto é, ele está em contínua interação com o seu meio-ambiente. A adaptação é um processo ativo e não uma situação definitiva. Assim, supõe-se que o duplo processo

(15) Quanto a isto, parece que os atores rurais se atraem mais pela letra do que pela melodia das canções ouvidas. Isto deve despertar a curiosidade a respeito das normas e valores transmitidos pelas modas "caipiras".

des^oequilíbrio-busca de novo equilíbrio é constante em um Sistema Social.

Um Sistema Social, neste sentido, nunca é o mesmo. Ele é, desta forma, também um processo ativo e não algo definitivo. Conseqüentemente, o próprio termo manutenção ou mesmo permanência são termos inadequadamente aplicados a um Sistema Social.

CAPÍTULO V
RESUMO E CONCLUSÕES

O presente trabalho analisou o problema permanência na perspectiva da Teoria da Ação sistematizada por Talcott Parsons. Nesta perspectiva, procurou-se identificar os valores, papéis sociais e normas de comportamento que caracterizam os atores sociais que continuam residindo em áreas rurais desempenhando atividades primárias. A área de pesquisa localiza-se no município de Itirapina, Estado de São Paulo, onde a economia rural se assenta, principalmente, na pecuária leiteira. Os bairros rurais visitados constituem zona de povoamento antigo no município, e, de acordo com os seus moradores, as propriedades aí localizadas são classificadas, quanto ao seu tamanho, em pequenas e médias propriedades. Entre os atores sociais moradores destes bairros, existem indícios de uma

tênue estratificação social: como a terra é socialmente valorizada, sua posse coloca os atores rurais proprietários em uma posição priviligiada: dentre os assalariados, aqueles que lidam diretamente com o gado leiteiro estão situados, na hierarquização de papéis, em posição mais elevada do que a de outros assalariados.

Na situação social observada, as relações de ego com o Sistema Natural, representado pelos animais e pela terra, ao serem valorizadas e, conseqüentemente, ao serem acentuadas pelo processo de socialização, vão contribuir significativamente para a estruturação do sistema de personalidade de ego. Durante a infância estas relações compõem, substancialmente, o conjunto de seus "brinquedos". Os atores sociais rurais, ao se relacionarem, dentro de grupos de lazer, com a terra e, principalmente, com os animais, são introduzidos no sistema produtivo rural. Mesmo aqueles animais que representam uma possível ameaça à sua vida e/ou à sua tranquilidade exercem, sobre eles, certa atração. Demonstra-se, nas histórias contadas, um certo prazer não apenas em correr riscos mas também em poder enfrentá-los, isto é, em viver em uma situação que permite a sua ocorrência.

Este apego à terra e aos animais continua e se intensifica entre os atores rurais mais idosos. Não apenas com a caça e com a pesca, atividades desempenhadas com uma conotação quase que exclusivamente lúdica, mas principalmente com o próprio trabalho, os atores sociais sentem-se gratificados. O trabalho, ligando-os di

reta e intensamente à terra e aos animais, permite-lhes, mais do que qualquer outra atividade, realizar concretamente o seu "ego" tal como fora estruturado pelo processo de socialização. Planta-se e colhe-se; animais nascem e desenvolvem-se. O ator rural acompanha todos os passos do processo produtivo e vê o produto final. Isto evidencia e acentua as suas relações com o Sistema Natural. Este deixa de possuir assim valor apenas econômico ou instrumental. A necessidade da continuidade daquelas relações gerada pelo processo de socialização assume um papel mantenedor de padrão. Na repetição de tais relações e na transmissão de normas de comportamento e de valores que pouco se alteram, constrói-se, para o ator rural, um sistema dentro do qual ele pode agir com margem significativa de segurança social. A cidade, colocando-o em situações para as quais ele, o ator rural, não está preparado para enfrentar, ameaça sua segurança exigindo, quando ele emigra, toda uma nova estruturação do ego.

Este processo de socialização vai definir coordenadas a partir das quais informações a respeito do Sistema Social Urbano são interpretadas. Avaliações comparativas entre o Sistema Social Urbano e o Sistema Social Rural podem ser assim sistematizadas:

a) Os atores sociais rurais, ao avaliarem a qualidade de vida que possuem, fazem-no com referência à vida de determinados atores sociais residentes na zona urbana;

b) Estes atores sociais não são assumidos, como referência, aleatoriamente. Eles possuem nível de renda e de escolaridade semelhantes aos atores rurais;

c) A estes níveis, os atores sociais urbanos teriam baixa participação na esfera de consumo dos produtos urbanos, lazer e alimentação mais variada, principalmente. Por outro lado, estes atores não possuem "liberdade" e alguns não alcançariam a gratificação permitida pelo trabalho direto com a terra e com os animais, o que é valorizado no processo de socialização. Identificam assim os atores rurais uma dupla perda com o abandono do Sistema Social Rural;

d) Esta situação revela, de um lado, a inexistência, para os atores rurais que se caracterizam por aqueles níveis sócio-econômicos, de alternativas imediatas de melhoria de vida e, de outro, a possível perda de gratificações "psicológicas" ocasionada pela vida na cidade. Isto vai reforçar a permanência na zona rural.

Esta maneira de avaliar, comparando o Sistema Rural com o Urbano, conforma-se a um padrão de comportamento particularista característico do Sistema estudado. A visão de mundo que os atores rurais possuem situa-se, neste e em outros aspectos, nos limites espaciais e temporais propostos pelo Sistema. As perspectivas de vida futura para os filhos, por exemplo, definem-se dentro destes limites. Este padrão particularista coexiste e é reforçado pela afetividade que orienta a ação destes atores. Mesmo quando se vislum-

bram outras possibilidades de vida além daquelas oferecidas pelo Sistema Rural, esta orientação afetiva contribui para novamente enquadrá-los nos limites propostos. Orientações valorativas que se modificam face às pressões e às influências do meio-ambiente, particularmente face ao processo de adaptação ao Sistema Urbano, chocam-se com as orientações motivacionais que ligam o ator rural à terra, ao grupo social de que é parte, ao trabalho agro-pecuário. Assim, não só o processo de integração do ator rural ao Sistema Urbano, quando emigra, mas também o próprio processo de tomada de decisão para emigrar lhe são difíceis e problemáticos. Quanto a isto, interessaria aos cientistas sociais que estudam o problema migratório reconstruir o processo de formação de uma nova identidade social entre aqueles que migram e saber em que medida o sistema urbano tem compensado os atores migrantes das gratificações perdidas com o abandono do Sistema Rural.

Sugestões para pesquisas posteriores

Na introdução deste trabalho discorreu-se sobre a necessidade de estudos que tenham, como problema analítico central, a permanência do Sistema Social Rural. Assim, importa que estes estudos continuem se realizando, podendo-se inclusive construir escalas que meçam as atitudes dos atores rurais frente a características do meio rural que possivelmente explicam a permanência.

Trabalhos sugestivos podem surgir da análise de grupos de migrantes sazonais. Estudos a respeito destes grupos participantes, em espaços temporais distintos, de Sistemas Sociais com prováveis diversificações estruturais, poderão fornecer informações preciosas sobre o problema migração-permanência e poderão, se efetuados a partir da perspectiva da Teoria da Ação, contribuir para sua maior operacionalização. Outros trabalhos poderão ser realizados explorando as relações entre os Sub-Sistemas AGIL quanto ao equilíbrio social.

Sugerem-se três outros trabalhos:

- a) Análise das letras de canções sertanejas observando os valores e normas de comportamento que elas procuram transmitir.
- b) Estudo do público rural dos programas radiofônicos e de gravações de músicas sertanejas. Em todas as casas rurais notava-se sempre a existência de um rádio e, em algumas delas, de um toca-discos. Um trabalhador rural, inclusive, que morava em apenas um quarto ao lado da casa do proprietário da terra onde trabalhava, insistiu, quando foi entrevistado, em ser fotografado à porta de seu quarto segurando um rádio portátil. Este rádio, contou, havia sido comprado com o dinheiro que conseguira na venda do arroz que havia produzido no ano agrícola anterior à época da pesquisa.
- c) Análises mais sistemáticas de redações escolares que versem sobre problemas da vida rural e da vida urbana. Redações escolares demonstraram ser uma técnica útil de coleta de informações.

Na presente pesquisa, observaram-se semelhanças significativas entre as considerações feitas por crianças em redações escolares e aquelas obtidas, em entrevistas, de atores sociais rurais adultos.

SUMMARY AND CONCLUSIONS

The present study analyzed the problem of permanence under the perspective of Talcott Parsons' Theory of Action. Under this perspective, an attempt was made to identify the values, social roles, and behavior norms that characterize the social actors who continue living in rural areas, performing primary activities. The area under study is located in the Municipio (county) of Itiraupina, State of São Paulo, where milk production is the main farm activity. The rural areas visited were settled a long time ago and, according to the residents, the properties situated in this area are classified in small and medium size farms. Among the social actors living in these rural areas there is evidence of a slight social stratification. Since land is socially valued, land ownership places the social actors who are landowners in a privileged

position; in the hierarchy of roles, among the wage earners, those who work directly with milk cattle are placed in a higher position than the other wage earners.

Under the observed social situation, the relationships of the ego with the Natural System represented by animals and land, being valued and consequently emphasized by the socialization process, will contribute significantly to the structuration of the system of ego personality. During childhood, these relationships substantially are the child's toys. The rural social actors in their relationship within leisure groups, with land and specially with animals, are introduced into the rural productive system. Even those animals that represent a possible threat to their lives and/or safety exert a certain attraction over them. There is evidence, in the stories told, of a certain pleasure not only in running risks but also in facing them, i.e., in living in a situation which permits the occurrence of risks.

This attachment to land and animals continues and is intensified among the older rural actors. The social actors feel gratified not only with hunting and fishing - activities which are performed with and almost "ludica" connotation - but specially with their own work. This work, linking them directly and intensively with land animals, enables them more than any other activity to

concretely realize their "ego", such as it was structured by the socialization process. They plant and harvest; animals are born and grow. The rural actor follows each step of the productive process and sees the final product. This evidences and emphasizes his relationship with the Natural System. It no has only an economic or instrumental value. The need to continue those relationships generated by the socialization process assumes a standard maintaining role. In repeting such relationships and in transmitting behavior norms and values which change very little, a system is constructed for the rural actor, within which he can act with a significant margin of social safety. The city, placing him in situations which he is not prepared to face, threatens his safety and requires, in the event of migration, a new structuration of the ego.

This socialization process defines coordinates from which information referring to the Urban Social System is interpreted. Comparative evaluations between the Urban Social System and the Rural Social System can, thus, be systematized.

a) The rural social actors in evaluating the quality of their lives do it referring to the life of specific social actors resident in the urban area.

b) These social actors are not randomly selected as a reference. They have income and education levels similar to the rural actors.

c) At these levels, the urban social actors would have a low participation in the consumption of urban products; leisure and varied food, especially. On the other hand, these actors are not "free" and some of them do not reach the gratification offered by working directly with land and animals, which is valued in the socialization process. Thus, the rural actors identify a double loss with abandoning the Rural Social System;

d) This situation reveals, on the one hand, the inexistence for the rural actors characterized by those socio-economic levels, of immediate alternatives for improving their standard of living and, on the other hand, the possible loss of "psychological" gratifications brought about by city life. This reinforces their permanence in the rural area.

This manner of evaluating, comparing the Rural System with the Urban System, conforms with a particularistic behavior pattern which is characteristic of the System studied. The view which the actors have of the world is situated, in this and in other aspects, in the time and space limits proposed by the System. The perspectives of future life for their children, for example, are defined within these limits. The affectivity reinforces this particularistic behavior pattern. Value orientations that change due to pressures and influences of the environment, particularly in view of the adaptation process to the Urban System conflict with motivational orientations that link the rural actor to land,

to the social group of which he is a part, and to agricultural-livestock activities. Thus, not only the process of integration of the rural actor to the Urban System when he emigrates but also the process of making the decision to emigrate is difficult and problematic. In this respect, the social scientists who study the migratory problem might be interested in reconstructing the formation process of a new social identity among those who migrate and to determine to what extent the urban system has compensated the migrant actors for the gratifications lost with their departure from the Rural System.

BIBLIOGRAFIA

1. BERGER, Peter I.

1972 Perspectivas Sociológicas - Uma Visão Humanística,
Petrópolis, Ed. Vozes Ltda., 1972.

2. BERLINCK, Manoel T. e HOGAN, Daniel J.

1972 O Desenvolvimento Econômico do Brasil e as Migra-
ções Internas para São Paulo: Uma Análise Histórica.
(texto provisório), SP, Escola de Administração de
Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas.

3. BROWN, Robert

1972 La Explicación en las Ciencias Sociales, Buenos Ai-
res, Ediciones Periferia S.R.L.

4. CÂNDIDO, Antonio

1971 Os Parceiros do Rio Bonito, São Paulo, Livraria
Duas Cidades.

5. COLLIER, John

1973 Antropologia Visual: a Fotografia como Método de
Pesquisa, São Paulo, EPU/Ed. da Universidade de São
Paulo.

6. DUBIN, Robert

"Parson's Actor: Continuities in Social Theory", in
American Sociological Review, Vol.25, nº 4, pp.457-
466.

7. FERNANDES, Florestan

1970 Elementos de Sociologia Teórica, São Paulo, Ed. Na-
cional e Ed. da USP.

8. FERNANDES, Florestan

1972 Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica,
São Paulo, Cia. Ed. Nacional.

9. FERRAZ, J. Romeu

s/d Álbum Histórico de Rio Claro, São Paulo, Typographia
Hennies Irmãos.

10. GALJART, Benno
1973 "Difusão Cultural, Modernização e Desenvolvimento",
in Oriowaldo Queda e Tamás Szmeccsányi - Vida Ru-
ral e Mudança Social, São Paulo, Cia. Ed. Nacional.
11. GERMANI, Gino
1971 Sociologia de la Modernización, Buenos Aires, Edi-
torial Paidós.
12. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO (SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANE-
julho JAMENTO - COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL) - Diag-
1972 nóstico - 5ª Região Administrativa.
13. HOFFMANN, Rodolfo
1967 Contribuição à Análise da Distribuição da Posse da
Terra no Brasil, tese apresentada à Escola Superior
de Agricultura "Luiz de Queiroz", USP, para obten-
ção do título de "Magister Scientiae" em Ciências
Sociais Rurais, Piracicaba, SP,
14. ISAJIW, Wsevolod W.
1968 Causation and Functionalism in Sociology. New York,
Schocken Books Inc.
15. JOHNSON, Harry M.
1967 Introdução Sistemática ao Estudo da Sociologia, Rio
de Janeiro, Ed. Lidador Ltda.

16. KAPLAN, Abraham
1972 A Conduta na Pesquisa, São Paulo, USP/Herder.
17. LOOMIS, Charles P.
1960 Social Systems Essays on Their Persistence and Change, Princeton (New Jersey), D. Van Nostrand Company Inc.
18. MADGE, John
1968 "Social Science and the Soldier", in The Origins of Scientific Sociology, New York, The Free Press.
19. MALINOWSKI, Bronislaw
1962 Uma Teoria Científica da Cultura. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
20. MARGULIS, Mario
1967 "Análisis de un Proceso Migratorio Rural-Urbano en Argentina", in Aportes, Instituto Latino-Americano de Relaciones Internacionales, Paris, nº 3, enero.
21. MARTINS, José de Souza
AB-junho 1969 "Modernização Agrária e Industrialização no Brasil",
in America Latina, Ano 12, nº 2, pp. 3-16.
22. MARTINS, José de Souza
1969 "Modernização e Problema Agrário no Estado de São

Paulo", in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 6, pp. 121-145.

23. MARTINS, José de Souza

1974 "Viola Quebrada", in Debate e Crítica, São Paulo, HUCITEC, nº 4, novembro.

24. MC KINNEY, John C.

1968 Tipologia Constructiva y Teoria Social, Buenos Aires, Amorrortu Ed.

25. MERTON, Robert K.

1970 Sociologia: Teoria e Estrutura, São Paulo, Editora Mestre Jou.

26. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - CENTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUI

1960 SAS AGRONÔMICAS - Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Estado de São Paulo (Contribuição à Carta de Solos do Brasil), Rio de Janeiro.

27. NAGEL, Ernest

1967 "A Formalization of Functionalism - with Special Reference to its Applications in the Social Sciences", in Demerath and Peterson (ed.) - System, Change and Conflict - a Reader on Contemporary Sociological Theory and the Debat Over Functionalism, New York, The Free Press.

28. PARSONS, Talcott

aug.
1960 "Pattern Variables Revisited: a Response to Robert
Dubin", in American Sociological Theory, volume
25, nº 4, pp. 467-483.

29. PARSONS, Talcott and SHILS, Edward A. (ed.)

1962 Toward a General Theory of Action, Cambridge, Mas-
sachusetts, Harvard University Press.

30. PARSONS, Talcott

1963 The Social System, New York, The Free Press.

31. PARSONS, Talcott and SMELSER, Neil J.

1967 "The Primary Sub-Systems of Society", in Demerath
and Peterson (ed.) - System, Change and Conflict -
a Reader on Contemporary Sociological Theory and
the Debate Over Functionalism, New York, The Free
Press.

32. PIAGET, Jean

1972 Psicologia e Pedagogia, Rio de Janeiro, Ed. Foren-
se.

33. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de

1973 O Camponato Brasileiro, São Paulo, Ed. Vozes/Ed.
USP.

34. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de
1973 "Do Rural e do Urbano no Brasil", in Oriowaldo Que-
da e Tamás Szemrecsányi - Vida Rural e Mudança So-
cial, São Paulo, Cia. Ed. Nacional.
35. SINGER, Paul
1968 Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São
Paulo, Cia. Editora Nacional, USP.
36. SINGER, Paul
1975 Economia Política da Urbanização, São Paulo, Ed.
Brasiliense.
37. SOUZA, Ivan Sérgio Freire de
1974 Adoção de Inovações e Eficiência Econômica: Um Es-
tudo da Racionalidade da Ação Empresarial Rural,
dissertação apresentada à Escola Superior de Agri-
cultura "Luiz de Queiroz", para obtenção do título
de Mestre em Ciências Sociais Rurais, Piracicaba.
38. STINCHCOMBE, Arthur
1970 La Construcción de Teorías Sociales, Buenos Aires,
Ediciones Nueva Visión.
39. TOMINAGA, Ken'ichi
1973 "Développement et Changement Social au Japon. Une

Analyse Parsonienne", in Sociologie du Travail,
Paris, Editions du Seuil, juillet-septembre.

40. VÁRIOS

1970

"Planejamento Familiar - Pesquisa Realizada no Município de Itirapina, em 1969", in Boletim de Estudos e Pesquisas Sociais, publicação trimestral do Centro de Estudos e Pesquisas Sociais dos alunos do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 3º trimestre de 1970, nº 8.

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. DADOS SOBRE A FAMÍLIA

- 1.1 - Nome das pessoas que moram juntas. Parentesco em relação ao chefe. Sexo e idade. Estado conjugal. Naturalidade.
- 1.2 - Tem filhos casados, morando em outro lugar? Onde? O que fazem? Visitam-se sempre? Escrevem-se cartas?
- 1.3 - Tem parentes morando em outro sítio? E em cidades? O que fazem? Que tal a vida deles; Melhor ou pior do que no sítio? Por que?
- 1.4 - Em relação aos pais do chefe e da dona de casa; O que fazem (ou faziam)? Onde nasceram? Onde vivem?
- 1.5 - A família já morou em outros lugares? Quais? O que fazia? Por que mudou? (construir história de vida do chefe quando solteiro, da dona de casa quando solteira, e do casal).

2. COMUNICAÇÃO

- 2.1 - Vocês têm rádio? Escutam sempre? Quais os programas que mais gostam de ouvir?
- 2.2 - Recebem sempre cartas? De quem?
- 2.3 - Lêem revistas? Quais? E jornais?
- 2.4 - Recebem visitas? De quem?
- 2.5 - Visitam sempre seus parentes e amigos em outros sítios? E na cidade?

- 2.6 - Qual a cidade mais longe que vocês conhecem? E qual é a em que mais vão? Por que?
- 2.7 - Em qual cidade mais fazem compras? Por que?
- 2.8 - A maioria de seus amigos são daqui, de outros sítios ou da cidade? E seus melhores amigos, de onde são?

3. PERGUNTAS PARA PROPRIETÁRIOS (inclusive para a mulher)

- 3.1 - Qual a produção principal para comércio?
- 3.2 - Quais os produtos agrícolas que mais planta? O senhor os vende ou eles são para consumo próprio?
- 3.3 - Em sua propriedade todas as pessoas da família trabalham? Apenas elas? Possuem trabalhadores que recebem salários?
- 3.4 - Seus filhos também trabalham com o senhor? O que o senhor acha do trabalho deles? O senhor gostaria que eles continuassem a trabalhar no sítio? O que eles falam sobre isto?
- 3.5 - Seus filhos estudam? O senhor gosta que eles estudem? Por que? Eles vão continuar a estudar?
- 3.6 - O senhor ajuda seus vizinhos e amigos quando estes precisam?
- 3.7 - O senhor gostaria de mudar? Para onde? Por que? Quando o senhor era solteiro nunca pensou em mudar?
- 3.8 - O que o senhor pensa fazer no futuro (em relação ao trabalho)?
- 3.9 - Qual o trabalho que o senhor mais gosta no sítio?

3.10 - O que o senhor acha da vida no sítio? O que o senhor mais gosta daqui? E o que o senhor acha que precisaria ser melhorado?

3.11 - O que o senhor acha da vida na cidade? O que o senhor mais gosta de lá? E o que menos gosta? O senhor acha que as pessoas lá vivem melhor ou pior do que aqui?

3.12 - O que o senhor faz quando não tem trabalho a ser feito?

(As perguntas a seguir só para mulheres, incluindo mulheres de assalariados)

3.13 - A senhora trabalha também na roça? Gosta? Por que? Qual serviço é o melhor: o da roça ou o de casa?

3.14 - Gostaria de ir para a cidade? Por que?

3.15 - Gostaria que as suas filhas casassem também com sitiantes?

3.16 - Gostaria que seus filhos continuassem a estudar? Por que?

3.17 - Quais os momentos de sua vida que a senhora recorda com mais saudade?

3.18 - Quem escolheu os nomes dos filhos? Por qual motivo? E quem os batizou?

4. PERGUNTAS PARA ASSALARIADOS (incluindo mulheres)

4.1 - O senhor recebe só em cruzeiros no fim do mês? Quanto?

4.2 - O senhor está satisfeito com o trabalho? Por que?

- 4.3 - O senhor compra tudo o que precisa para comer? Não faz roça ou tem criação?
- 4.4 - Como faz para ir à cidade fazer compras? E em caso de doença se precisar ir urgente?
- 4.5 - Seus filhos e sua mulher também trabalham na roça? Eles gostam daqui ou preferiam mudar de serviço? O senhor gostaria que eles continuassem por aqui? Por que?
- 4.6 - O que é um bom patrão? E um bom empregado? Como o senhor seria se fosse um patrão?
- 4.7 - O senhor é bastante amigo do patrão? São compadres?
- 4.8 - Quando mais moço o senhor teve vontade de mudar de serviço? Ainda tem? Por que? E seus filhos?
- 4.9 - O senhor gosta da vida do sítio? Do que o senhor mais gosta? O que o senhor acha que precisaria ser melhorado?
- 4.10 - O senhor gosta de trabalhar com leite ou na lavoura? Por que?
- 4.11 - O senhor gostaria ou não de trabalhar na cidade? Em qual serviço? Por que?
- 4.12 - O senhor gosta da vida na cidade? Tem conhecidos lá? Eles vivem melhor ou pior do que as pessoas que vivem no sítio? Por que?

Observação: As perguntas acima relacionadas constituem apenas orientação para conversa. Esta não se restringiu a estas questões, na ordem acima disposta. Muitas questões foram levantadas conforme o próprio desenrolar da conversa.

APÊNDICE 2
CARACTERÍSTICAS DA ÁREA RURAL
DO MUNICÍPIO DE ITIRAPINA

Tabela 9 - Características Gerais do Bairro do Centro.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	1.130,1	45	2.002,3	162	627
125 — 250	667,4	8	1.493,3	32	319
250 — 375	477,8	4	1.082,1	20	63
375 — 500	624,3	3	1.342,2	53	243
500 — 625	193,6	2	1.197,9	5	4
...
875 — 1000	973,8	4	3.822,7	93	600
...
1125 — 1250	31,0	1	1.197,9	0	0
T o t a l	4.098,0	67	12.138,4	365	1.856

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 33,76%;
 Densidade demográfica: 3,01 hab/km²;
 Tamanho médio de propriedade rural: 181,17 ha;
 Desvio padrão: 270,6 ha.

Tabela 10 - Características Gerais do Bairro Cachoeira.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	741,9	22	1.224,4	126	625
125 — 250	771,4	7	1.115,6	32	622
250 — 375	536,0	3	815,9	17	252
T o t a l	2.049,3	32	3.155,9	175	1.499

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 64,94%;
 Densidade demográfica: 5,55 hab/km²;
 Tamanho médio de propriedade rural: 98,62 ha;
 Desvio padrão: 82,69 ha.

Tabela 11 - Características Gerais do Bairro Pedra Branca.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	1.705,7	47	2.309,1	125	1.077
125 — 250	1.429,9	13	2.380,2	39	554
250 — 375	225,5	2	225,5	83	125
375 — 500	0	1	456,2	6	0
...
750 — 875	1.457,9	2	1.598,6	64	303
T o t a l	4.819,0	65	7.390,6	317	2.053

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 62,20%;

Densidade demográfica: 4,29 hab/km²;

Tamanho médio de propriedade rural: 113,7 ha;

Desvio padrão: 151,76 ha.

Tabela 12 - Características Gerais do Bairro Gurita.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	801,8	12	982,7	27	520
125 — 250	121,0	1	186,3	12	15
250 — 375	238,3	1	289,1	9	60
T o t a l	1.161,1	14	1.458,1	48	595

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 79,63%;

Densidade demográfica: 3,29 hab/km²;

Tamanho médio de propriedade rural: 104,15 ha;

Desvio padrão: 65,37 ha.

Tabela 13 - Características Gerais do Bairro Passa Cinco.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	791,4	18	1.219,9	44	604
125 — 250	361,8	5	790,7	20	170
250 — 375	464,6	2	610,2	26	120
375 — 500	341,3	1	408,9	2	160
500 — 625	209,3	1	602,5	16	7
T o t a l	2.168,4	27	3.632,2	108	1.061

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 59,70%;
 Densidade demográfica: 2,97 hab/km²;
 Tamanho médio de propriedade rural: 134,53 ha;
 Desvio padrão: 130,3 ha.

Tabela 14 - Características Gerais do Bairro Itaqueri.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	1.380,8	41	2.069,2	172	1.174
125 — 250	2.057,0	18	3.095,0	170	1.396
250 — 375	831,0	3	917,6	18	250
375 — 500	791,4	3	1.274,3	92	513
500 — 625	1.383,8	4	2.176,7	65	1.007
625 — 750	328,8	1	638,8	90	250
...
2000 — 2125	1.452,0	1	2.016,2	79	5.458
T o t a l	8.224,8	71	12.187,8	686	5.458

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 67,48%;
 Densidade demográfica: 5,63 hab/km²;
 Tamanho médio de propriedade rural: 171,66 ha;
 Desvio padrão: 267,6 ha.

Tabela 15 - Características Gerais do Bairro do Lobo.

Área dos Imóveis Rurais (ha)	Pastagens (área total ocupada) (ha)	Frequência	Área total ocupada (ha)	Nº de pessoas residentes	Bovinos
0 — 125	168,2	8	273,0	13	125
...
250 — 375	227,9	1	319,4	29	200
...
1125 — 1250	692,1	1	1.224,5	70	702
...
2250 — 2375	1.500,0	1	2.319,9	16	340
T o t a l	2.588,2	11	4.136,8	128	1.367

Porcentagem de pastagens em relação à área total: 62,57%;;

Densidade demográfica: 3,09 hab/km²;

Tamanho médio de propriedade rural: 376,07 ha;

Desvio padrão: 703,5 ha.

Tabela 16 - Resultados Gerais do Município de Itirapina, Quanto aos Imóveis Rurais.

Bairros	Nº de Imóveis Rurais	Frequência	Área total ocupada (ha)	Área (%)	Ppdd média (ha)	Pastagens (p)	P%
Centro	67	23,3	12.138,4	27,5	181,17	4.098,0	16,3
Cachoeira	32	11,1	3.155,9	7,2	98,62	2.049,3	8,2
Pedra Branca	65	22,7	7.390,6	16,8	113,70	4.819,0	19,2
Gurita	14	4,9	1.458,1	3,3	104,15	1.161,1	4,6
Passa Cinco	27	9,4	3.632,2	8,2	134,53	2.168,4	8,6
Itaqueri	71	24,8	12.187,8	27,6	171,66	8.224,8	32,8
Lobo	11	3,8	4.136,8	9,4	376,07	2.588,2	10,3
Total	287	100,0	44.099,8	100,0	153,66	25.108,8	100,0

Tabela 17 - Resultados Gerais do Município de Itirapina, Quanto à População Humana e à Bovina.

Bairros	Nº de pessoas residentes	População (%)	Densidade Demográfica	Bovinos	Bovinos (%)
Centro	365	20,0	3,01	1.856	13,4
Cachoeira	175	9,6	5,55	1.499	10,8
Pedra Branca	317	17,4	4,29	2.053	14,8
Gurita	48	2,6	3,29	595	4,3
Passa Cinco	108	5,9	2,97	1.061	7,6
Itaqueri	686	37,5	5,63	5.458	39,3
Lobo	128	7,0	3,09	1.367	9,8
Total	1.827	100,0	4,14	13.889	100,0

APÉNDICE 3

TIPOS HUMANOS

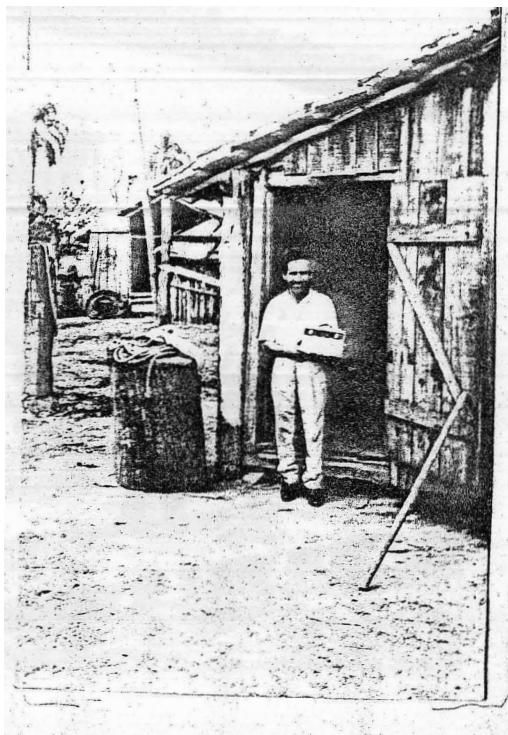
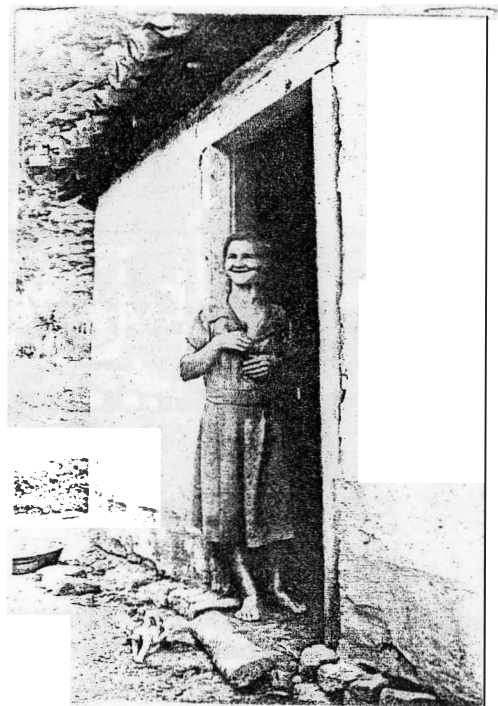


Figura 1 - Parceiro, à frente de seu quarto, segurando o rádio de pilha comprado com o dinheiro obtido em um ano de trabalho. (O quarto improvisado é uma tuia).

Figura 2 - Mulher de parceiro.



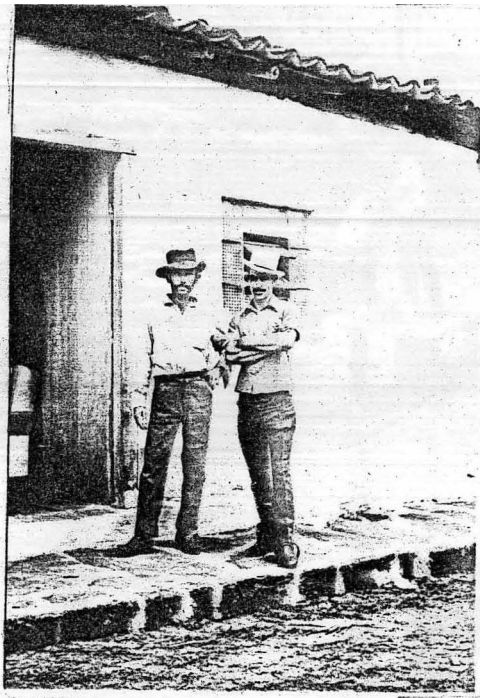


Figura 3 Assalariado (de braços cruzados) em visita a um proprietário.

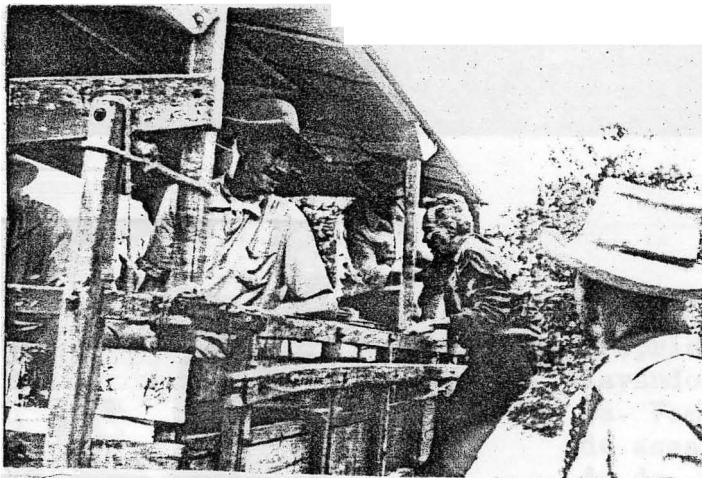


Figura 4 - Proprietários do bairro Passa Cinco voltando da cidade de Itirapina no caminhão de leite.



Figura 5 -- Encarregado da coleta de leite, recolhendo latões. Observa-se o tablado onde são depositados os latões e outras encomendas à esperada coleta.

Figura 6 - A ordenha.

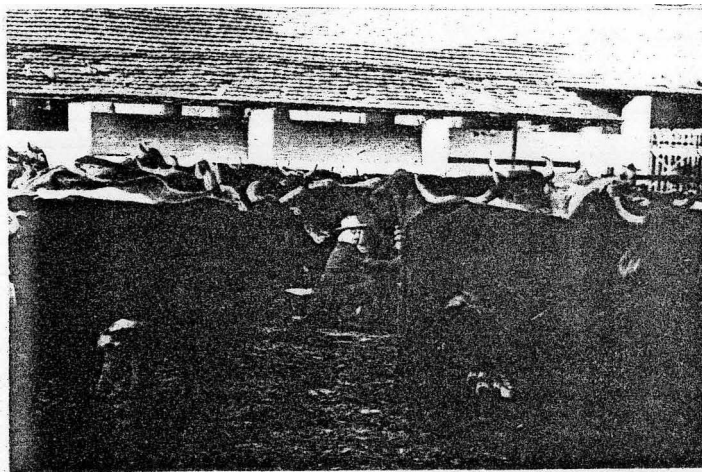


Figura 7 Proprietária lavando roupa. Família de assalariado de volta do trabalho (inclusive duas crianças).

APÊNDICE 4

CASAS E SUAS DEPENDÊNCIAS

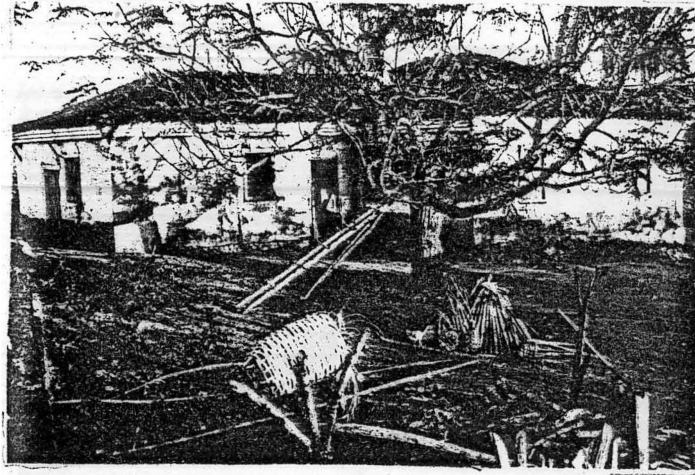


Figura 8 - Casa de proprietária. Observa-se, à frente da paineira, uma construção de taquaras utilizada para proteger pintainhos.

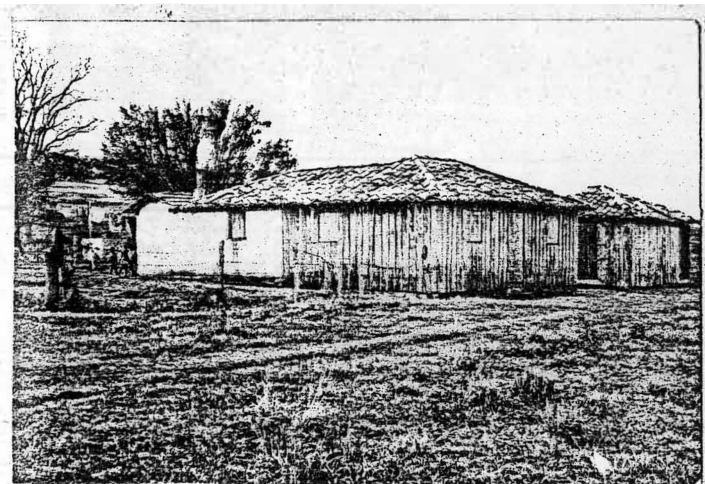


Figura 9 - Casa de assalariado. Observa-se a mistura de elementos na construção.

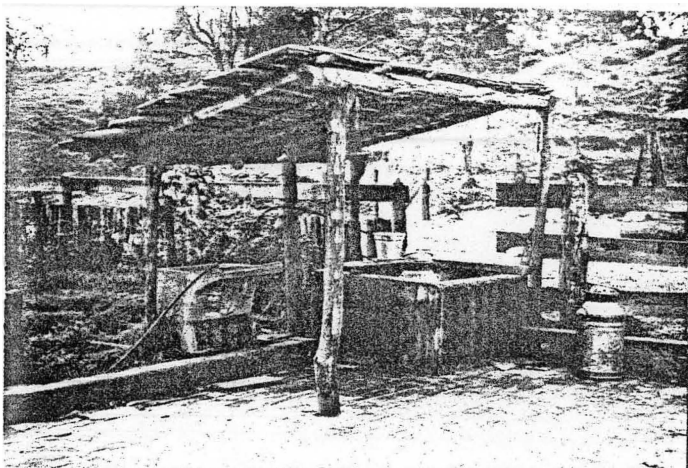


Figura 10 - Latão de leite na "geladeira"
(utilização econômica de uma dependência doméstica).

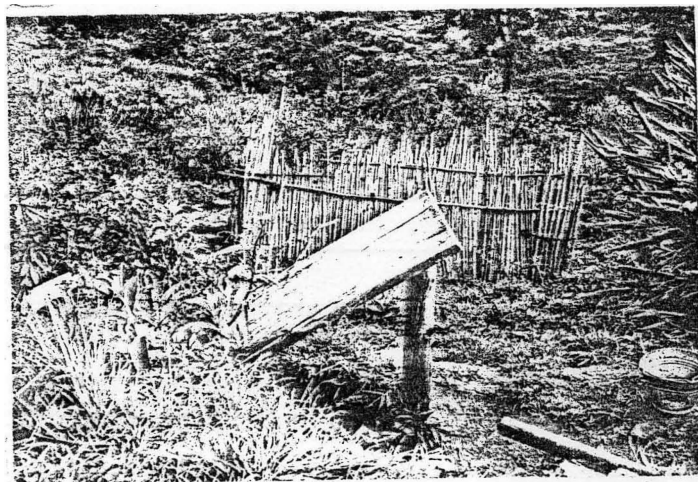


Figura 11 - Tábua de lavar roupa, vendo-se,
ao fundo, o cercado da horta.